FON FON
ANNO XXV — N.º 36
Rio, 5 de Setembro de 1931
PREÇO: 1$000

HEMORROIDAS

POMADA ADRENO STYPTICA MIDY

SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS MIDY

O CONTO BRASILEIRO

Primicias...

De Irene Drummond

MARIA DA PAZ era o seu nome e outro não lhe caberia melhor. Tinha a serenidade no olhar constante e sincero, os gestos lentos, a attitude sóbria, o riso comedido e uma doçura commovedora na voz. Culta sem alarde e virtuosa por indole.

Atirára-se á luta da vida sozinha, porque, filha unica, ficára orphã muito cêdo. Sabia se defender, porém. Não era esquiva; ao contrario: conversava com todos, atacava com conhecimento todos os assumptos, e, nas horas livres, fazia um pouco de literatura. Mas era feia e não tinha vaidade. Muita gente mesmo, lhe chamava negação do sexo; entretanto, sabia ser mulher como nenhuma outra. Extremava-se em favor do proximo, protegia as crianças, amparava os fracos, e era de uma solicitude fraternal para com os homens de seu convívio. Junto della, nenhum se constrangia pela difficuldade do galanteio: ella o dispensava e até o acceitava mal.

Todos lhe queriam naquella rua, e a sua bondade ia mais longe: espalhava-se por todo o bairro.

Maria da Paz era o seu nome, e outro não lhe caberia melhor.

Ninguém lhe conhecia um *flirt* e confessava, sem acanhamento, que jamais se dedicára ao perigoso sport. Assim, completou os vinte e cinco annos.

Um dia, o eterno dia de todas as historias, mudou-se para a casa defronte á sua, um rapaz estudante de engenharia. Viéra, de longe, buscar na cidade maravilhosa os conhecimentos necessarios á terminação do curso, e se installára alli, em casa de uns parentes.

Conheceu Maria da Paz. Ella frequentava a familia, onde era totalmente querida; elle se foi insinuando no espirito da moça. No espirito primeiro. Falava-lhe dos seus gostos literários, applaudia-lhe as preferencias, faziam musica juntos, e, quando a soube bastante instruída na mathematica, occupou-lhe o prestimo para a organização de varios pontos. Maria da Paz, auxiliando-o com a mesma solicitude tranquilla, era quasi indifferente aos seus fervorosos agradecimentos. Afeiçoou-se-lhe porém, á fôrça de conviverem, e quando elle se sentiu seguro da victoria, burilando o assumpto, confessou-lhe um grande affecto. Ella, surprehendida, vacillou, expondo-lhe razões: não se preparára para sentimentos de tão amplas significações; não se acreditára capaz de inspirál-os: era feliz na vida absorvente que levava. Elle se formaria logo, regressando á sua terra; lá, provavelmente, d e i x á r a enraizadas sympathias, e ella se apagaria, sem saudade, na memoria do seu coração. Era melhor assim.

Elle discordou e tanto ardor dispendeu na defesa de tão linda causa, que Maria da Paz se deixou vencer. Exultante, elle alardeava como um triumphador o seu grande affécto partilhado, emquanto ella, serenissima, sorria, de leve, a tamanha graça — a graça de ser e m f i m tão calorosamente amada.

E o tempo correu, e elle terminou o curso e lhe prometteu uma infinidade de coisas bôas, cuja realização adiava para depois de uma visita á casa paterna. E foi.

A terra ou a gente, ou ambas, absorveram-no e todo aquelle immenso amôr, que tentára e vencêra a serenidade inattingida de Maria da Paz, morreu de repente.

Ella soffreu o lôgro, e muito mais na dignidade do que no coração. No seu programma de vida, o casamento não figurára nunca; dahi, talvez, a grande tranquillidade da sua alma. Mas a traição lhe fisgou o orgulho, e se concentrou numa tristeza commovedora. Não tinha, porém, uma palavra rude para o fraudulento amigo; deixáva o tempo correr sobre o seu ultrajante silencio, sem lhe lançar uma censura ou um lamento. Era ainda a Maria da Paz, prodigalizadora da mesma abnegada bondade, sem responsabilizar os outros, da perfidia de um só.

Eis que, quando se ia refazendo do grande conflicto intimo, teve uma desastrosa noticia. Disseram-lhe que elle, interrogado por que motivo agira de tal geito, confessára que o que o seduzira em Maria da Paz, fôra a certeza de que o seu coração jamais vibrára aos acenos do amor. Quizéra possuir as primicias do seu coração. Como seria delicioso ser o primeiro e quiçá o unico, num coração tão avaramente defeso!

E encetára a conquista. Vencedor, fugira, contente, tendo lançado o precioso germen, que o eternizaria no sentimento profundo da rapariga.

Maria da Paz teve, no primeiro impeto, uma phrase reveladora do que lhe ia, de tedio, pela pobre alma: "Elle disse isto?" E foi só.

Tornou aos seus habitos, deixando, porém, transparecer, cada vez mais, uma invencivel tristeza. A descoberta dessa causa indigna fustigava-lhe de tal maneira a consciencia immaculada, que a desnorteava. Aquelle homem era um perigo, um flagélo para as mulheres todas. Não quizéra, apenas, tirar uma simples *ranta-gem*, como dizia a gyria, (e a respeitára sempre), nem se divertir algum tempo á custa de um namorico. Elle pretendêra, tivera ansias de envenenar a alma ingenua de uma rapariga que só tinha, por culpa, o enorme crime de um coração intacto! Quizéra fazer desfilar, nesse coração, todo o cortejo de amarguras que a descrença acarréta, e fôra, como um arrombador de casaca, forçar-lhe as rijas portas. Assim, o sentimento era na mulher, uma fonte de distracção, e o seu direito de desforrar, nenhum. Ella lhe provaria o contrario; havia de vingar o seu requinte de perversidade, mas de uma fórma contundente e imperecivel. Havia de doêr-lhe muito a desforra desse coração ludibriado, de cujo amôr arrancára as primicias.

Um dia, preveniu que ia viajar, e desappareceu.

Tomára informes e soubéra que elle vivia ainda na sua terra natal, para onde levára a gloria de um diploma de engenharia, que lhe garantira um lindo futuro, na construcção de uma ponte magnifica. E Maria da Paz foi ter lá.

Sozinha, como o fôra sempre, com a mesma impassivel tranquillidade, só appareceu a elle, no local em que se reuniam os operarios sob o seu commando. Distinguiu-o desde logo, e avançou, desassombrada, um chicote em punho. Não disse uma palavra: ergueu o braço e vibrou-lhe em cheio uma, outra, e mais outra chicotada. Elle mal se defendia, colhido de surpresa, e os operarios todos paralizaram de pasmo á vista de tamanha audacia.

Cansada pela violencia de que nunca se julgára capaz, a moça cambaleou vertiginosa, mas logo se refez. Os operarios acercaram-se, emfim, do chefe atordoado, mais pelo imprevisto do que pelo desespero physico, e trovejaram pragas contra a furiosa aggressora. Depois, quizeram prendêl-a. O engenheiro ordenou-lhes que a deixassem ir...

Foi então que ella se lembrou que lhes devia uma explicação. E, com a mesma ternura commovedora, na vóz, explicou:

— Eu vim trazer a este senhor *as primicias* do meu odio.

E era justo.

(*Do livro "O marido de Eva"*)

:: A MAIS CÉGA ::

O dr. Gerson Soares, recentemente nomeado director do "Asylo das Cegas", fazia a visita matinal ás enfermarias. Com a solicitude de um medico, a experiencia dos sessenta e sete annos a ternura de um avô que não teve netos e a amargura de quem falhou no doirado sonho da felicidade conjugal, o velho doutor tinha, para cada um dos infelizes que jamais verão o esplendor da luz, uma palavra de consolo, carinho e esperança...

Os olhos azues serenos daquella ceguinha triste e muito timida prenderam-lhe a attenção. Magrinha, alta, revelando ainda um "porte" airoso de outrora com seus lindos olhos eternamente fixos, a pobrezinha encolhia-se em seu canto predilecto, junto á janella, onde o sol banhava de oiro todos os dias!

Uma commovedora sympathia nascêra em seu intimo pela infeliz. Pressurosa, uma enfermeira avisou ser Nini a mais antiga, a mais docil e affavel das cegas do Asylo, embora as expressões fossem para ella mais crueis talvez que o seu proprio destino. Nada mais sabia de sua vida!

O bom doutor chegou-se a ella e tomou-lhe a branca e enrilhada mão.

"Bom dia, amiguinha! Está bem aqui? Veiu ha muito para cá?"

Nini, medrosa, retirou das do medico a sua mãozinha, mas respondeu á saudação com um doce, mas unico — "Bom dia, senhor!"

E dahi por deante foi a sua unica phrase, todos os dias.

Mas a bondade do medico tocou-lhe á alma candida e aos poucos Nini foi se "domesticando", acabando por adorar o seu "amiguinho, o bom doutor".

Si elle se demorava, Nini não se alimentava e ficava cabisbaixa e triste até que o dr. Gerson viesse vêl-a. Mas nunca falava de si e si elle a interrogava, Nini se concentrava e era inutil proseguir naquelle dia...

O velho doutor devotava-lhe agora uma amizade tão grande, que o seu maior desejo era que se tornassem confidentes um do outro.

E como a persistencia é a mensageira do almejado, certa vez, em uma manhã de chuva, uma manhã de junho, muito fria, a velhinha adoeceu. O bom doutor veiu vêl-a, cheio de cuidados pela enferma ou antes por sua amiguinha Nini.

Chegou-se a ella e pôz-se a alisar o linho de sua cabeça.

Ella, sorrindo angelicalmente, falou-lhe:

— "Bom doutor, vou deixál-o!—"

— Não diga isso, Nini! Você é a unica creatura a quem eu quero no mundo! Não, você não irá tão cêdo! E o seu "velhinho" havia de ficar só?! Não pense nisso! Eu já soffri tanto na vida! Tudo porque não ouvi a vóz do coração. Oh! quando se é moço e egoista, a ambição nos torna brutal, e esquecemos, desprezamos a verdadeira e tão simples felicidade por um esplendoroso e ephemero bem! Quando eu tinha vinte annos, conheci uma menina de dezesete annos, linda e bôa como um anjo. Feita de sonho e de doçura.

— Só a cegueira dos meus vinte annos me fizeram esquecêl-a. Ella era pobre, esta é a verdade e o miseravel reflexo do meu caracter — "que a dôr mais tarde aprimorou..." commentou docemente a ceguinha.

Gerson, surpreso e reconhecido, osculou-lhe a mão, e continuou:

— Certo, muito certo... foi o soffrimento que me fez reconhecer muitos erros, os irreparaveis erros que eu tracei no meu destino! Mas paguei-os caro, paguei-os... A linda mulher que eu escolhi, só me mimoseava com phrases como estas: — *O meu dinheiro! Quero viver! Sou rica! Quero e busco a alegria! A vida intensa!* Separámo-nos, como era logico. E ella morreu dois annos após, de uma enfermidade grave. Desde então, comecei a minha via-crucis, procurando a pobre e heroica menina que eu talvez tivesse morto com a minha partida! Amava-me tanto!

"Nunca obtive informações seguras. Uns diziam-me que ella morrêra, outros que partira para logar ignorado.

"Assim tem sido a minha vida, e, como um ferro que me marcasse o destino, tenho sido sempre feliz em negocios, fui sempre rico, muito rico, materialmente, emquanto minh'alma nunca teve um carinho, um amôr. Vivo a praticar a caridade para ver si consigo redimir o meu crime, que foi a minha desmedida ambição! Mas qual! Sómente agora, quando eu a encontrei e vivo feliz com a sua amizade, é que você me quer deixar? Não vê que eu morreria tambem? Você é tão suave, tão bôa! Você soffreu muito, tambem, Nini? Como veiu ter aqui? Seu marido morreu? Seus filhos esqueceram-na?"

— Oh! não, doutor, eu nunca tive esposo! Nem filhinhos! Vivi sempre só, desamparada, desde que morreu minha mãe! Era ainda muito moça quando...

Não ha que negar que os modernos aspiradores de pó têm sua remota origem na India...

Dilke de Barbosa Rodrigues

oh! porque me faz falar!? Eu quizera morrer com o meu segredo ignorado de todos!... Emfim, perdôe-me a minha teimosia, doutor; eu lhe quero bem, e vou contar-lhe a minha historia. Sei que vou morrer e si o sacerdote não chegar a tempo, será o senhor o meu confessor! Eu tambem tive dezesete annos! Meu peccado foi tão somente um, sim, porque, depois, eu fiquei cega e vim para aqui, procurando sempre ser bôa e não molestar ninguem. Amei tanto e com tal fervor como se ama a um deus! Elle era tão bom, tão bonito, meu doutor!... Mesmo céga, ainda o vejo. A sua imagem é a unica luz da minha retina! Não, não o culpo, doutor; foi o destino impiedoso! Elle era bom. Aquella mulher foi a causa de tudo. Era linda, mais linda que eu! Elle ficou deslumbrado e casou com ella! partiram. O meu castigo de amál-o tanto foi ficar céga.

"Chorei noites e dias inteiros, sem cessar. Não me alimentei por semanas. A propria dôr nutria-me. Mas depois fui enfraquecendo... Um mez após, em uma noite em que adormecêra um pouco pela primeira vez depois de seu casamento, uma noite, acordei com uma sêde atroz. Ergui-me, na escuridão, e por um instincto consegui achar o phosphoro e o risquei para accender o lampeão. Risquei muitos e muitos e não faziam luz. Só depois de ouvir gritos de minha mãe e sentir um estranho odor no quarto e os vizinhos nos soccorrerem, é que comprehendi: eu quasi incendiara a casa, e morreria queimada, si não dormisse com minha mãe e não vira todo o fogo, uma pequenina luz, siquer. Que amargura! Comprehendi! Estava céga!

"Minha pobre mãe, como sinto tel-a feito soffrer!, tudo fez para que a medicina me recobrasse a vista. Trabalhou, exgotou-se em sacrificios. Tudo debalde! Até que Deus a chamou para compensál-a de tanto soffrimento. Sem arrimo, sem parentes, sem ninguem, trouxeram-me para aqui. E desde os dezoito annos, eu só tive um desejo: morrer! Mas Deus assim não quiz! Devo ter uns sessenta e tantos annos! E só agora eu fui feliz com a amizade que me dedicou!

"Não se entristeça com a minha partida breve. Morro feliz, como morreria ao lado delle, por quem eu sempre orei para que fosse muito e muito feliz. Era digno disso! Era bom, bem o sei. São coisas da vida, doutor!"

— Pobre amiguinha, — dizia o velho medico, com os olhos humidos e segurando-lhe o pulso. Minha pobre Nini! Como você é bôa e como sabe soffrer com tanta resignação! Toda a gente daqui tem a alma sã como a sua, Nini?

— Oh! meu caro doutor, eu não sou desta terra! Sou de... Trouxe-me para aqui alma caridosa!

— Maldito passaro! Não nos vae deixar escutar esta synchronização de um canto de rouxinol.

— Você é de...? Escute: conheceu lá, (você deve ser do seu tempo), uma moça formosa e educada — Monica Freire?

A velhinha ergueu-se dos travesseiros.

— Monica, Monica... uma moça formosa...

E, perscutando melhor aquelle que lhe falava, reconheceu-lhe na vóz aquelle que lhe fizera o mais lindo e o mais esquecido juramento de amôr!

— Monica! — exclamava — Monica Freire! Sim, a noiva de Gerson! Gerson! Gerson! E's tu quem me falas?!

Elle, a vóz embargada de soluços, dobrou os joelhos junto á cabeceira de seu leito e beijava-lhe as mãos, que eram outr'ora de jaspe e velludo.

— Gerson, — dizia Monica, — eu te vejo, eu te vejo! Como sou feliz! Eu te revejo, agora! Como brilham os teus olhos e como é formosa a tua cabeça negra!...

Gerson lembrou-se de seus alvos cabellos e reteve um soluço. O milagre final! Estava tudo acabado! Ella recostou-se a seu hombro. E elle, mudo, deteve-lhe as mãos, que se iam tornando frias. Depois deitou-a no leito.

Que desespero infindo não lhe amarguraria a alma!

Tremulo, entre lagrimas e dolorosamente, desceu as palpebras que cobriram para sempre aquellas immoveis e lindas flores azues, orvalhadas, aquelles olhos sublimes que choraram da primeira á ultima lagrima por sua causa.

— Pobre céguinha! Terminaste o teu martyrio, sabendo comprehender e perdoar as faltas humanas! E, no emtanto, elle, que seria delle, pobre céguinha do teu bom doutor, que não soubera resistir á ambição e por ella cahira num abysmo insondavel — o vacúo das desillusões?!

Elle, que fôra tão infeliz, sendo rico e tendo os olhos illuminados para o mundo quanto ella em sua solidão de céga. No caminho da vida mais céga que Monica tinha sido a sua alma...

AMORES PITTORESCOS...

— Por esse tempo, disse João Gamaus, eu amava uma padeirinha da rua Guy-Lussac. Uma necessidade de amar burguezmente foi sempre, aliás uma peculiaridade da minha natureza e, ainda hoje, sinto-me mais "tocado", mais perturbado deante de uma mulhersinha simples, com seu vestido limpinho, modesto, porém gracioso, do que da mais espalhafatosa coquette, coberta de rendas finas e de joias caras. A gente tem de ser conforme nos faz a natureza e a educação. Não mudei e, apesar de me ter tornado o feliz marido de uma descendente de duques authenticos, puro sangue, lembro-me sempre, com o coração em sobresalto, das padeirinhas das costureirinhas e das... creadinhas da minha mocidade. E posso affirmar que ellas possuem encantos, attraticos, e um espirito bem superiores ao que habitualmente se pensa e, a par de tudo isso, um senso do romanesco que, tendo sua fonte de origem nos folhetins e nos theatros melodramaticos, não deixa de ser, tambem um sal precioso na condimentação do amor.

O marido dessa minha amiguinha, — um reforçado camponio dos suburbios — casava-se apenas por amor de um peculio de 2.000 francos, que a mulher lhe levava, e que servia para elle estabelecer-se. Amassava o seu pão, bebericava uns tres absynthios, entrava bem em tres fartas refeições diarias, preferindo á sua graciosa mulhersinha as alentadas cozinheiras das redondezas. Nunca me preoccupei em apurar exactamente se elle alimentava qualquer desconfiança com relação á minha assiduidade ao pé de Bertha. O que é certo é que elle não manifestou o menor embaraço quando me pediu emprestados dez mil francos que lhe serviram para transformar sua ignobil padaria num estabelecimento de apparencia quasi luxuosa. E creou, tambem, uma secção de pastellaria, onde Bertha, quando servia pasteis a alguns artistas, de grandes cabelleiras, que frequentavam a casa, me dava a impressão da Kitty Bell de Alfredo de Vigny alimentando Chatterton.

Felizmente, ella ignorava a bôa literatura sem o que eu teria passado alguns máus momentos porque Bertha tinha a reminiscencia facil e me recordo ainda do meu pavor da Escola Polytechnica durante a publicação de certo romance popular em que um joven de tricornio fazia o papel principal.

Mas, a padaria não ficava no caminho dos estudantes da Polytechnica nem da Escola Normal... Além disso, eu costumava recuar para melhor... avançar.

Uma amiga de Bertha, convidou-a, um dia, para ir ao theatro dos Gobelins. E ella foi para voltar, porém, tomada de uma subita e violenta vocação pela scena.

Sempre me surprehendeu o ardor dos caprichos dessas almas ainda cheias de fortes illusões plebéas. Nada mais interessante e mais picante do que satisfazel-as. Manifestam uma gratidão commovida e prodiga. Bertha quiz representar e lançou mão de todos os recursos da seducção para me convencer e foi de uma rara prodigalidade em manifestar-me o seu reconhecimento quando conseguiu vencer-me.

Não se pense que o projecto tinha encontrado um adversario no marido: seria conhecer mal a alma desse homem indifferente e impassivel deante das loucuras do mundo. Não disse nem "sim", nem "não" e deixou-me o encargo de regular o destino de sua mulher e o pagamento do professor de declamação. Nunca se lhe ouviu fazer qualquer "reserva" a meu respeito: eu era e ficava sendo o amigo, o protector. Meu carro, parado á sua porta, assegurava-lhe a consideração da vizinhança. Elle sabia da padaria com o dorso semi-nú, envolvido num avental, para estender-me a mão farinhenta. Depois voltava e deixava-me a sós com Bertha. Seu forno tomava-lhe todo o tempo. Mettia-lhe fogo duas vezes no dia para poder attender á sua numerosa freguezia de pão.

Uma só vez, por quinzena, elle confiava as suas responsabilidades ao primeiro auxiliar e desapparecia durante dois dias. E, ao mesmo tempo que elle, Martinho, Clemencia ou Isabel, tambem entravam em folga. Simples coincidencias...

Regrado assim nos seus prazeres como nas suas penas, elle considerava-se muito sensato e dormia, feliz, das sete horas da manhã ás tres da tarde.

Bertha nunca lhe pedia explicações, nem elle, tambem, as reclamava, tanto que, no dia em que ella se fez substituir no serviço da casa por uma excellente empregada, elle apenas constatou que o dinheiro não sahia da sua caixa e não abriu a bocca.

Desde então, a joven mulher poude entregar-se ao seu estudo, aprendendo a articular e graduar sua voz. O professor parecia transportado de admiração, mas eu conhecia o preço desses transportes e permanecia sceptico a respeito das possibilidades da alumna. Assistia ás licções e de vez em vez, partido o professor, ficavamos a sós longas horas. E tinhamos momentos deliciosos. Ella exaltava-se. Adorava as situações patheticas em que se lançava a meus pés, pedindo-me perdão, a chorar.

Tudo acabava em beijos, — que tinham um esquisito sabor de lagrimas. Eu me sentia viver estranhamente e cada vez mais me prendia á Bertha, — que comprehendendo isso, tirava de mim todo partido.

Eu pouco lhe resistia, persuadido de que todas essas pequenas e curtas loucuras são as melhores. Precisei de quinze dias para encontrar uma peça e um theatro, tanto é verdade que em Paris basta bater o chão com o pé para fazer surgir uma quantidade de autores dramaticos e salas de es-

De J. H. Rosny Junior

pectaculo. A coisa custou-me a bagatella de trinta mil francos, mas Bertha garantiu-me que me daria em recompensa trinta mil vidas, do que não duvidei.

Quanto ao marido nada mais fez do que descerrar um bom sorriso, promettendo ir assistir á repetição geral.

Bertha acabou por me saturar com as febres chimericas da sua forte natureza popular. Tudo a encanta, — desde o máu cheiro das installações hygienicas, que se propaga pelos corredores do theatro que lhe arranjei, até á suffocação da poeira levantada pelos machinistas, em delirio. Aliás, ella, com isso, apenas partilhava do gosto do publico. — Que lhe importava trabalhar no palco sujo, ser injuriada, furiosamente, pelo director, receber, no resto, as baforadas de fumo dos camaradas?

Ella sentia-se bem, feliz, e saltava-me ao pescoço da mesma maneira como via fazer a celebre Zette, chamando-me seu "loulou", como a pequena Ixe e gostava das horas para arranjar suas saias, antes de tomar o carro, precisamente como Ygraicq, das Variedades.

Tudo isso que, partido de uma verdadeira cabotina, me aborreceria fortemente, em Bertha eu, não só tolerava, como achava encantadora, porque é preciso levar-se em conta a frescura de sua alma, a espontaneidade, a ingenuidade de cada um de seus gestos, o enthusiasmo que lhes infundia a inexhaurivel effusão do seu coração. Algumas voltas á padaria e, á noite, no nosso pequeno carro bem fechadinho! Ella deitava sua cabeça sobre o meu peito, suspirava, fremente de uma felicidade sobrehumana, e eu sabia que essa felicidade era obra minha. Isso vale a meu ver, uma creação de artista. Appello para todos os homens maduros, porque só elles me podem comprehender.

Chegou, emfim, o grande dia, precedido, na vespera, de um ensaio geral, a que assisti com o marido de Bertha e os amigos dos varios interpretes. O padeiro não comprehendeu grande coisa da peça, mas ficou tão surprehendido ao ver a mulher em trajes de gala, que não se conteve e gritou, patheticamente:

— Ah! a cachorra! A cachorra! Sem o querer, elle soprava o forno onde, logo mais, seria reduzida a cinzas a reputação artistica de sua mulher.

Foi um caso sério. Os murmurios do publico erguiam-se de todos os lados como as ondas de um mar. Por vezes estalava formidavel gargalhar, a que se seguiam, nos intervallos da calmaria, alguns assobios curtos e sibilantes. E Bertha, ao sahir da scena, cahia-me nos braços, dizendo:

— E' inveja! Só inveja!

E eramos logo cercados por uma multidão de bajuladores que inventavam a lenda de uma pateada promovida por despeitados. As mulheres procuravam captar minha sympathia e os homens consideravam Bertha como uma santa Virgem. Todos esperavam ser contemplados por mim, pois, certamente — pensavam — eu lavaria novas peças em que elles teriam seus papeis. O mais enthusiasta era um cabotino pallido, bonito rapaz, que, por um prodigio de arte, derramava lagrimas verdadeiras quando pateavam Bertha, a quem elle cercava de cuidados, offerecendo-lhe cordiaes, beijando-lhe as mãos com as demonstrações da mais viva admiração.

Tudo isso, porém, nada adeantou. Quando a hostilidade do publico desperta, não volta a adormecer facilmente. A sala persistiu na sua pateada e, na manhã seguinte, os criticos estamparam artigos depreciativos ou desdenhosos. Apenas podem fazer-me a justiça de que não me abalei a solicitar sua complacencia.

A "première" correu igualmente no ensaio geral de apresentação, com a differença de que lançavam bagaços de laranja no palco e um farcista mal educado offereceu á artista estreante uma corôa de... pão. Durante as duas noites de representação conduzi Bertha para casa, furiosa, ardendo de colera, refugiada nos meus braços como nos da vingança. Na terceira noite ella ficou tomada de desgosto: fôra suspensa a representação.

Muitos dos seus novos amigos continuaram a visital-a e cumulal-a de elogios. Penso, porém, que ella já não me via com muito bons olhos, devido ao discreto e prudente silencio que eu guardava, magoando-a, assim, no seu amor proprio, que, para certas mulheres, é um sentimento ainda mais vivo do que o amor.

Quiz ella vingar-se? Ou teria sido apenas seduzida?

Não sei; mas, um dia, ao chegar, inopinadamente, no pequeno salão da sua casa, encontrei-me face a face com o marido, tendo seguro pela gola o cabotino pallido, emquanto Bertha, passada de susto, permanecia, transfigurada, num canto.

— Senhor — disse o padeiro — este homem nos fez um mal irreparavel, e eu não admitto e não perdôo isso!

E erguendo o punho herculeo fel-o descer, num impeto furioso, sobre a cara amarella e assombrada do comediante, que sahiu a correr com o nariz arrebentado.

Agradeci essa attenção do meu amigo, mas não quiz tornar a ver Bertha. Sempre tive principios. De resto, uma gentil pasteleira, viuva, com vinte e dois annos apenas, já, ha dias, vinha fascinando os meus olhos. Morava quasi defronte.

Sabia, tambem, que o excellente padeiro concordaria commigo, elle que sempre foi um homem de ordem. Quanto á Bertha, despeitada por não poder entrar novamente para o theatro, começou a beber e a comer com tal excesso, que deu para engordar... Então, seu marido se apaixonou, de facto, por ella e tiveram muitos filhos...

ENSAIOS CARNAVALESCOS

UMA lufa-lufa fóra do commum agitava caixeiros e patrões naquelles ultimos dias de janeiro de 1888. Algum facto extraordinario devia estar em vesperas de acontecer. Na festa da Saúde ouvia-se como assumpto obrigatorio em todos os grupinhos:

— Então? O carnaval vem ahi, hein?

— Você vae ou não vae ao baile do Santo Antonio?

Combinavam-se brinquedos, armavam-se projectos.

E si porventura a banda executava, muito de proposito, uma coisinha irritante como a "Linha de Atiradores" ou "A volta do mundo", musicas de successo para o carnaval daquelle anno, era então de se ver as viravoltas nervosas que os elegantes davam nas bengalinhas, passando-as entre dedos, ou os indissimulados movimentos, soffregos e rapidos, dos leques transparentes, numa demonstração precoce de estarem arrancando, moças e rapazes, pela chegada do domingo gordo.

As bisnagas com pó de ouro e prata ou as francezas, que, por serem extractadas, custavam mais caro, iam tendo sahida extraordinaria.

Durante o dia, pelos bairros do commercio, o reboliço tornava-se notavel: as commissões que trabalhavam pela decoração das ruas entravam aqui, sahiam ali, paravam acolá, homens suados, empoeirados, de jaquetões escuros, collarinhos altos e camisas de peito duro e de punhos suppostos, numa preoccupação constante de arranjar dinheiro, de sobrepujar em luz e enfeite a arteria vizinha: grupos que pediam para a rua do Livramento, da Restauração ou de D. Maria Cezar, e que nos dias de Momo publicavam nos jornaes um convite ao publico para que por lá passasse e admirasse o aspecto primoroso.

Até 9 horas da noite, quando o commercio então fechava, o Bazar do Recife, na rua da Cadeia, despachava a freguezia, caixeiros atarefados, negros vergados ao peso dos pacotes que iam levar ás casas dos freguezes, emquanto o numeroso "stock" de mascaras e bisnagas ia tendo magnifica vendagem.

Os jornaes enchiam-se de annuncios e quando não eram os de "sapatos de bailes, para homens, de verniz ou pellica, de entrada baixa", liam-se os da fundação do club Can-Can, da exhibição do club dos Gastronomos ou o das Anquinhas que devia percorrer a cidade durante os tres dias.

A' rua da Aurora, a rapaziada não descansava na séde de um club da élite que, ainda hoje em dia, enche dagua a bocca dos contemporaneos: funccionava ali o tradicional "Cavalheiros da Epoca". Choviam suggestões e idéas novas, nasciam embaraços que iam sendo vencidos, appareciam atrapalhações de ultima hora nos preparativos. Todos, entretanto, trabalhavam sem descanso e o presidente, naquella epoca, o meu velho e illustre amigo Salvio Silva, que confirme, quando acabar de ler a minha evocação, a descripção de chronista que com 25 annos de idade fala como quem viu e conta a historia como quem esteve lá...

Sahiriam no domingo ás 3 da tarde, de vestimenta uniforme, primorosa e rica.

Nas casas de familia, não menores a agitação e anceia: grupos de ciganas, polichinellos apromptavam-se para dar a nota nos bailes do Club Internacional de Regatas ou do "Carlos Gomes". Missangas, vidrilhos, retalhos de sêda e setim, bicos e outros enfeites espalhavam-se no chão, em redor das machinas Singer, que de manhã á noitinha não sabiam o que fosse um minuto de descanso, em mistura com pulseiras americanas, brincos de fantasia e bonets, ainda em confecção, para os trajes de *jockeys*, muito em moda em virtude da inauguração do prado da Magdalena num dos primeiros domingos de janeiro daquelle anno.

Olinda não fôra esquecida no redemoinho das festas: os "Filhos do Olympo", um club recem-fundado, cuidavam em tornar bem divertidos os saraus familiares a serem ali realizados nos salões da antiga Academia. O Barão de Caiará, prestigiando a festa, representava uma garantia para que a mesma fosse deslumbrante.

No sabbado, desde cedinho, era grande a animação: povo muito pelas ruas, nas ultimas compras, mocinhas procurando pedaços de fazenda que fosse *igualzinha* á amostra, porque era para completar uma vestimenta, negros levando á cabeça caixas e embrulhos e não raro um piano que passava, carregado por oito pre-

CURIOSIDADES DO AMOR

Quando uma mulher japoneza vae casar-se, a mãe, ou, na falta desta, a personagem feminina mais representativa da familia, entrega á noiva uma folha de papel de arroz, em que vêm escriptos os seguintes conselhos:

Sê humilde e cortez. A estricta obediencia a um marido é a melhor virtude de uma mulher.

Sê sempre amavel com tua sogra.

Não sejas ciumenta. Teus ciumes matarão o carinho do teu esposo.

Não fales muito e, tambem, não mintas.

Sê economica.

Evita a companhia de pessôas demasiado jovens.

Sê asseada e limpa e ageita-te bem."

PROGRESSOS DO FEMINISMO

Em Berlim ha um bando de mulheres salteadoras que atacam, á noite, os pacificos transeuntes.

Em Dresden, uma mulher foi condemnada a prisão perpetua por se ter casado seis vezes com nomes

falsos, tentando assassinar seu ultimo marido.

Um nucleo de alumnas de diversas universidades americanas reclama o amor livre e a abolição do casamento, por "consideral-o incompativel com as idéas modernas".

ESTRELLAS CADENTES

A avareza é a forma menos triste do pessimismo.

Por Fernando Pio

tos corpulentos, de passo cadenciado para não desequilibrar e cuja cantiga attrahia á janella velhotas, mocinhas e escravas.

— Gente, lá vem um piano!

— Corre, menina, vamos ver passar.

Um dos negros tirava a cantiga, emquanto os outros, em côro, respondiam, numa voz lenta e entoada:

Zomba, minha negra,
Zomba, meu sinhô,
quem quizé se embarca
o navio já chegou...

As ruas da Imperatriz e Barão da Victoria tornavam-se mais alegres e tinham ares de domingo de festa: os coretos ultimavam-se para as retretas que alli deviam realizar as bandas marciaes; na frente dos estabelecimentos commerciaes dependuravam-se, esvoaçantes, bandeirinhas de papel de todas as côres e nos jornaes do dia, em letras redondas, o Theatro Santo Antonio vaticinava o que iria ser o baile mascarado daquelle sabbado nos seus vastissimos salões:

Hoje, sabbado, 4 de fevereiro
Grande, pomposo e superchic baile de estréa,
com mascaras e sem ellas "á volonté".

ARRE! HURRAH! EVOHE'!

Silphides de encantos mil!
Olhar ardente e febril!
pressurosas, corram, venham
amarrotar corações
provocando sensações
mesmo nos que não as tenham.

Aves de ternos gorgeios,
vinde pousar nestes seios
que ansiosos vos aguardam;
vinde a nós, ó feiticeiras,
com as esperanças fagueiras
vinde que os annos não tardam.

Vinde acalmar nosso mal,
attrahentes, delirantes,
que encontrareis os amantes
duma festa sem igual.

A nós, a nós, ó lindas mariposas de azas de ouro! Vinde queimal-as nas larvas dos vulcões que encontrareis em cada peito.

O ecoante, vertiginoso, fervorescente e rutilante baile de estréa!

TODOS AO BAILE DO THEATRO SANTO ANTONIO!

O regulamento da policia será observado.

Gozemos,
Dancemos,
Que a vida
é assim.
A vida
é ligeira,
tão rapida,
que é asneira
pensar
no seu fim.

Começará ás 9 1/2 e terminará ás 2 horas.

Era, como vêem, um annuncio original e convidativo, o do Theatro Santo Antonio para o grande baile fantasiado, inicio das festas de carnaval.

* * *

Evohé! Evohé! Domingo de Carnaval. As ruas amanheciam...

Mas... é verdade... não é a mim que compete a chronica sobre o carnaval de antigamente; eu só tenho que contar os "ensaios de carnaval" — até sabbado á meia noite. Ao Mario Sette — querido amigo e companheiro nessas excursões pelo Recife velho, está designado, com seu estylo inimitavel, contar o que se via no carnaval de outróra, com seus grupos fantasiados de morcego, seus maracatús, seus desfiles allegoricos e outras coisinhas que a civilização fez desapparecer de nosso entrudo moderno, tornando-o, talvez, um pouquinho menos carnaval e um bocadinho mais ensosso...

(Do livro "Pernambuco das Anquinhas e das Maxambombas" — em preparo. — Mario Sette e Fernando Pio — em collaboração.)

ICOS

O medo é mais rico de matizes do que o amor.

Ha muita hypocrisia na constancia. — J. H. Rosny.

UM SUICIDA CORRECTO

Um individuo que se suicidou em Bonn, na Allemanha, demonstrou cabalmente que a pessôa educada e correcta o é até mesmo no transe da morte.

E' o caso de um commerciante daquella cidade allemã. Tendo soffrido grandes prejuizos nos seus negocios, resolveu acabar com sua infeliz existencia. Com esse proposito dirigiu-se a uma casa de banhos, da referida cidade, onde, logo que se fechou no quarto que lhe foi destinado, metteu uma bala no coração.

Quando, forçando a porta, se poude entrar nesse compartimento, verificou-se que o suicida tinha deixado uma carta, endereçada ao encarregado da casa de banhos, a quem pedia desculpas pelos incommodos que o seu acto de desespero poderia causar-lhe. Accrescentava não ser justo que o trabalho de se lhe preparar o banho ficasse sem indemnisação e rogava-lhe que retirasse do bolso do seu casaco os ultimos dez marcos que lhe restavam, como gratificação do seu serviço.

AMAR E PERDOAR

De Massillon: "Não é mais justo quem mais reza, nem mais crente quem mais frequenta o templo. Amar, amar e perdoar; amar muito é a sciencia salvadora da alma simples e humilde".

Escriptores e Livros

Sylvia Serafim — RAMOS DE CORAL.
Rio — 1931

POEMAR de um coração de mãe. Maternidade. A alma do meu ninho. A escolha do nome. A' espera. Gratidão. Innocencia. Poema de amor. Desabrochando... Talento. As martyres sagradas... O sacy. Barcarola. A figa. Dictador. Oração de mãe. O clamor do passado. Meu filho. A' filha que eu não tive. Saudade.

A fabulação do sonho de todas as mães, eis os poemas que a sra. Sylvia Serafim faz viver no seu livro, para a alegria das almas bôas. Poemas de ternura, nascidos de um coração de mãe, poemas para serem lidos com um sorriso á flôr dos labios, e, por vezes, com uma lagrima indiscreta, nos olhos.

A sra. Sylvia Serafim tem destacada posição nas letras do nosso paiz. E' um espirito nervoso, uma intelligencia de brilho inconfundivel.

Petite Source é um nome consagrado, um nome feito, nas letras femininas. O seu novo livro vem apenas confirmar esse merecido prestigio.

NOSSO PROGRESSO — Ruy Fernandes Seixas — Campos — 1931

AXIMADO do desejo patriotico de contribuir para o desenvolvimento do municipio de S. Fidelis, Estado do Rio de Janeiro, o sr. Ruy Fernandes Seixas traçou algumas paginas estudando os principaes aspectos administrativos do seu torrão natal. Si o povo de S. Fidelis necessita de um prefeito modelo, capaz de grandes realizações, não deve perder de vista o sr. Seixas.

Esta, pelo menos, é a minha convicção, depois da leitura do folheto escripto com muita clareza, e que, por isso mesmo, consegue interessar.

Berto de Campos — ROSA-MORENA
Imprensa Victoria — Bahia — 1931

UM livro de versos em segunda edição! Está feita a recommendação do poeta. Em 1929, o FON-FON assim registrou o apparecimento do volume: "Egberto de Campos Ribeiro é um poeta bahiano que estréa com o poema *Rosa-Morena*. Esse titulo denuncia uma arte feita de emoção lyrica e de observação da alma feminina. O seu verso possue uma penetrante harmonia, que encanta e sonoriza as almas votadas ás coisas bellas."

Quasi nada tenho a acrescentar, agora que conheço a

Figurinha fragilima de sêda,
que se ri muito e canta quando fala.
— ah! quantas vezes meu olhar se queda
pela gloria infinita de fital-a!...

Quando ella canta, a sua voz me embala,
e entre dulcidos sonhos me segreda...
— Porque ella canta, mesmo quando fala,
figurinha fragilima de sêda:

Flôr-Morena de graça e de candura,
esguia e leve, pequenina e magra,
rosa excelsa de carne! Flôr-Perfeita!

Bocca-humana, passaro creatura,
— ella os meus olhos humidos consagra,
feita de sêda e de harmonias feita!...

A figurinha fragilima de sêda, não deve, entretanto, confiar muito no poeta, que nos dá conselhos como este:

Sonha! Porque esta vida é um pesado grilhão
que se arrasta, a sangrar, dentro da propria vida!
— E' preciso sonhar ter sempre a alma illudida,
é preciso enganar o proprio coração!

Sonha! Porque a sonhar terás o que quizeres.
Sonha! Porque farás, das lagrimas choradas,
brotar todo um jardim de flôres encantadas...
Sonha! E terás o amôr de todas as mulheres!

Poeta amavel, communicativo, que enche de esperanças a nossa alma para o amôr de todas as mulheres...

REGENCIA VERBAL — Arthur de Almeida Torres — Rio — 1931.

O autor revela, no pequeno folheto que acabamos de ler, apreciavel conhecimento da nossa lingua. Com o intuito de auxiliar o estudante, facilitando-lhe o perfeito emprego dos verbos, exemplificando e estabelecendo a comparação entre classicos, o sr. Arthur de Almeida Torres deu ao seu trabalho uma feição pratica, digna de todo o elogio.

MAVENCE, VIERGE FAIBLE, de Marguerite Grépon, é um romance, pouco interessante, apparecido ultimamente em Paris.

Else Mazza Nascimento Machado — HUMILDE OBLATA — Rio — 1931.

A sra. Else Machado é uma poetisa de rythmos largos. Intelligente e culta, tem a preoccupação de emprestar aos seus versos a marca da sua personalidade, vibratil e quente.

Humilde oblata denuncia, entretanto, que a autora não está ainda na posse plena da technica do verso.

O livro tem para mim um defeito: contém mais philosophia que poesia. Resente-se da falta de equilibrio. Emfim, senões faceis de serem corrigidos por um bello espirito.

Galardão é o trabalho que está mais de accordo com o temperamento da poetisa, o melhor do livro, creio.

Beija os meus olhos.
Elles reflectem, apenas,
as estampas formosas e serenas
dos teus amados olhos...

Beija a minha bocca.
Ella se tem mantido
do mel que lhe é fornecido
por tua saborosa bocca...

Beija as minhas mãos.
Ellas tacteiam, num inquieto anseio,
o espaço que entre nós existe de permeio,
para ir buscar as tuas mãos,
tão bellas, tão viris e tão tranquillas.
e apertal-as... gozal-as... e sentil-as...

Na impossibilidade de reproduzir toda a poesia, aqui fica um fragmento para juizo dos leitores.

UMA QUÉDA...

DE PIERRE BILLOTEY

SI se procurasse pesquizar qual foi a origem, o começo dos amores mais pathéticos, muito se encontraria que fazer rir.

Sim: haveria de que rir, sem duvida, e muito, tambem, sobre que meditar ..

Como exemplo eu não poderia encontrar melhor historia que a dos amores de Paulo Chupin e Lucilia Roberteau.

Paulo Chupin ainda não tem trinta annos. E' empregado no commercio. Tem um metro e noventa de altura, o cabello negro, e não usa bigode. Assim, elle representa muito bem, para as damas, o typo classico do "moreno bonito".

Ha alguns mezes, Paulo, ao sahir do seu escriptorio, dirigiu-se apressadamente, como sempre fazia, toda tarde, para a mais proxima estação do "metro".

Mas, nessa tarde, já ao anoitecer, quando elle descia a escadaria da estação, aconteceu que uma joven senhora ou senhorita, que se achava perto delle, escorregou, cahiu e soltou um grito de dôr.

E' preciso notar que ella não bateu com a cabeça no chão, nem cahiu de costas ou de joelhos. Cahira como si se tivesse sentado, mas de modo muito violento. E' natural que se comprehenda que um pavimento de cimento não é nenhuma poltrona macia e fôfa. Além disso, a joven mulher, sentando-se, rude e bruscamente, sobre esse chão duro, havia machucado a espadua, á altura do hombro direito, nos degráos superiores.

E foi por isso que a pobre pequena, com a physionomia a reflectir sua dôr, tardava a levantar-se. Paulo, então, inclinou-se para ella, tomou-a nos braços e pôl-a de pé, com muita solicitude e precaução.

Ao mesmo tempo, perguntou-lhe:

— Está ferida?

Ella, balançando a cabeça, deu a entender que não.

— Mas está soffrendo um pouco?

Desta vez, Lucilia moveu a cabeça novamente, mas de alto a baixo, dizendo que sim.

Nesse momento, Paulo, que sempre foi um pouco distrahido, olhou para a desconhecida com attenção. E viu que ella era não só muito loira como verdadeiramente encantadora.

Assim, Paulo, que era um nobre coração, soccorrera aquella creatura quasi sem prestar attenção ao seu physico, sem a preoccupação de saber se ella era uma coruja ou um premio de belleza. Não sei se pensam como eu, mas julgo que taes movimentos fazem honra á humanidade. E creio, mesmo, que Paulo ter-se-ia conservado ao lado daquella interessante creaturinha que soffria ainda que ella se parecesse com a mulher do macaco — o que, diga-se a verdade, não era o caso.

E Paulo continuou a falar-lhe:

— Com certeza, senhorita, este choque inesperado veiu pôl-a em difficuldade. Não poderá seguir para o seu destino assim, pelo menos já, sem repousar um pouco e tomar um cordial. Venha, apoie-se no meu braço. Vou conduzil-a

— E' muito amavel, cavalheiro — murmurou Lucilia.

E, amparada por Paulo, ella tornou a subir, docilmente.

Logo mais, ambos estavam sentados, lado a lado, em torno de uma mesinha num café pouco frequentado, no fundo da sala. Quem os visse assim, a se olharem e a sorrir um para o outro ouvindo-os cochichar, dil-os-ia um par de namorados. E, tudo apurado e somado, no final das contas talvez não errasse. Porque é assim que a quéda, de uma escada, pode gerar o "coup de foudre" do amor.

Dahi nasceu um idyllio — um desses innumeros

e quotidianos idyllios que têm origem no "métro"...

Lucilia Roberteau, uma excellente creatura, não fez Paulo suspirar por muito tempo.

— Casar-nos-emos mais tarde — diziam elles.

Paulo, então sincero, jurou que levaria Lucilia ao juiz de casamentos logo que obtivesse de seu patrão um augmento de ordenado. E isso, com certeza, seria para o anno proximo. Tambem no proximo anno, Lucilia contava passar á "primeira mão" na casa de costura onde trabalhava.

E, esperando o anno proximo, accommodaram-se os dois no pequeno quarto de Paulo, no Hotel das duas Americas.

Pareciam felizes, muito felizes...

No emtanto, como sempre acontece, havia uma differença na maneira de se amarem. Ao fim de tres mezes, essa differença poderia ser traduzida assim: Lucilia amava Paulo como no primeiro dia, emquanto Paulo dia a dia mais se mostrava distrahido e quasi indifferente ao lado de Lucilia. Essa distracção ia, ás vezes, ao extremo delle esquecer-se de ir reunir-se á sua companheira na pastellaria, á tardinha, e, mesmo, no hotel.

Começou, então, o amargo periodo das scenas e das queixas. Lucilia chorava e lamentava-se, com muita razão. Mas Paulo não tomava na menor consideração os argumentos de Lucilia, apesar de bem justos, porque a pobre moça já não lhe interessava.

Seria cabivel aqui uma invectiva ardente contra a injustiça dos homens e sua abominavel ingratidão para as desventuradas creaturas que têm a fraqueza de confiar nelles. Mas, não ouso fazêl-o — porque, todas as manhãs, leio nos jornaes, noticias e noticias de infelizes homens que se atiram da janella de um 2.º, 3.º, 4.º andar — ou, mesmo, de mais alto — que se enforcam, ou envenenam, ou que estouram a cabeça com uma bala, pela mesma razão de terem sido esquecidos e abandonados pelas mulheres que amavam.

A desventurada Lucilia, sobretudo receava que Paulo não se casasse com ella, mesmo no anno vindouro. E, de vez em quando, lembrava ao grande ingrato a solemne promessa que lhe fizera — com o que muito aborrecia e enfastiava Paulo, que nada lhe respondia.

Um dia, porém, irritado pela impertinencia de Lucilia, elle replicou-lhe, rispidamente:

— Para falar-te francamente, minha pequena, não tenho o menor desejo de casar-me comtigo.

Lucilia recebeu o golpe com muita dignidade:

— Já que é assim, vou embora; volto, novamente, para a casa de minha mãe.

Preparou sua maleta, arrumou-a e partiu. O detestavel Paulo não disse palavra, não fez um gesto para deter Lucilia.

Ella, porém, com os olhos seccos, sua pequena "valise" á mão, dirigiu-se para a mais proxima estação do "métro".

Mas, apenas começou a descer a escada, escorregou, cahiu e soltou um gemido.

Por felicidade, um homem ainda novo, louro, typo distincto, achava-se a seu lado. Levantou-a prestemente, e, depois, disse-lhe com uma autoridade já um tanto terna:

— Apoie-se no meu braço; vou conduzil-a... Depois de uma quéda assim, naturalmente precisará de tomar um reconfortante.

E' muito gentil, cavalheiro — mucmurou Lucilia.

Depois, amparada pelo moço loiro e correcto, subiu, lentamente, docilmente, a mesma escada...

O *chauffeur (furioso)*. — Alguns de vocês, os pedestres, andam pelas ruas como si as houvessem comprado.

O *pedestre (tambem furioso)*. — E alguns de vocês, os automobilistas, andam nos seus carros como si os houvessem pago.

CORRESPONDENCIA

(De S. Ramon y Cajal)

QUANTO mais velhos somos, mais terror nos inspiram as cartas recebidas. Durante a juventude, toda missiva nos trazia effusões de amizade e promessas de amôr. Oh, aquellas adoradas epistolas em que a paixão real fingida compensava gentilmente os caprichos da orthographia! Mas, passada a quadra dos sessenta, toda carta é um assalto contra o bolso, contra a honra ou contra o cerebro.

Aquelles que nos escrevem começam com effeito, por fazer gentis protestos de affecto, veneração e respeito. Mas ai!, no fim todos solicitam com desoladora unanimidade, dinheiro, collaboração, amparo ou sinecuras.

SAIBAM TODOS...

AGLAÉ (S. Paulo) — Com muito prazer, attenderei o seu pedido. Mas antes de tudo, devo fazer notar que a valsa de Oswaldo Santiago, intitula-se "Teu sorriso é a minha dôr" e não "Seu sorriso"...

A letra é minha, sim. E brevemente surgirá um tango, cujos versos são da minha autoria.

A valsa a que se refére é encontrada em todas as casas de musica desta capital; e si não foi ter a S. Paulo, é porque as casas de musica dahi não se interessam pela intensificação de um intercambio commercial.

ENLEVO DO MEU ENLEVO — Paulo de Souza — Paraná — Ha innegavelmente um poeta nessas paginas de emoção lyrica. E um poeta que sabe vêr, sentir e dizer as coisas do coração a delicadeza de um artista japonez, que fixa pequenos motivos de belleza, nas porcelanas de Nagasaki.

Tudo nesse poema é delicado e subtil. De cada dor, de cada melancolia, de cada saudade ou victoria de amor, o sr. Paulo de Souza faz uma pintura onde não só ha colorido, mas harmonia, uma doce e suave harmonia, que embala e sensibilisa as almas votadas ás coisas subjectivas.

Quando desce a fixar as coisas objectivas elle o faz com uma quasi candura, o que imprime, algumas vezes, á sua poetica, os tons de uma singeleza encantadora, e outras, as meias tintas das delicadezas veladas, imprecisas.

Vejamos como elle fala de

ESTE TEU "ABAT-JOUR"

Suspenso no ar
como uma grande insinuação ver-[melha,
teu "abat-jour" de rendas finas
cria no ambiente
da penumbra dolente
do teu "boudoir".
— ficções de lendas
a bailar...

Teu "abat-jour" de rendas se as-[semelha
a uma taça emborcada de crystal,
derramando o seu vinho immate-[rial
sobre os labios de seda das cor-[tinas...

Todo o "Enlevo de meu enlevo" é assim: feito de filigranas e veludo.

O Paraná, não ha que vêr, ganhou mais um poeta.

*

Quanto a mim, obrigado sr. Paulo de Souza, pela offerta do seu poema.

VELMA (Capital) — A sua consulta deveria ser endereçada a um casuista do coração. Ha casos de consciencia e de amor que só nós mesmos podemos resolvel-os. Mesmo quando se caracterisam por feições profundamente humanas.

Mas vejamos a consulta que me endereça:

"Meu querido Yves: Precisando de um conselho, resolvi pedil-o a você, que parece ser um homem pratico e experiente da vida.

Você acha que pode-se amar duas pessoas ao mesmo tempo?

Estou num caso desse. Estava namorando um rapaz de quem eu gostava. Elle parecia gostar de mim.

Depois começo a gostar de outro moço, sem contudo esquecer o primeiro.

Parece que quero aos dois do mesmo geito.

Que devo fazer?

Fico-lhe muito agradecida se me responder.

Acceite um aperto de mão da amiga espiritual,

Velma"

Acho difficil alguem dividir, equitativamente, um mesmo affecto entre dois corações.

Quando uma mulher começa a se impressionar com um homem, que não seja o seu eleito no presente, é signal de que se vae, inconscientemente, consagrando ao primeiro.

Digamos, ella gosta de A, ardentemente, quando encontra com B, que a prende por isto ou por aquillo. No primeiro momento, ella não sabe explicar onde está a fascinação que elle exerce sobre ella... Mas, no dia seguinte, sente a imperiosa necessidade de vel-o, novamente. Quer estudal-o, pensa.

Quando o revê, dá-se a seducção, e ella o não estuda, como projectara. Recorda-se de A, e, arrependida, promette a si mesmo esquecer o B.

Ahi o que ha já é uma especie de piedade por elle, o eleito.

Si no outro dia, não vê B, diz comsigo: "Não importa! E' até muito bom: Quero esquecel-o". Mas o cerebro fica trabalhando: "Onde andará elle? Estará ao lado de outra". E nessa duvida, ella já não pensa em A. A, — diz ella — está seguro. Não o perderá.

Mas ás coisas continuam nesse rythmo, e os encantos — ou defeitos? — de B, a empolgam de todo, ella entrará a estudar um e outro, isto é, A e B, — e fatalmente, é inclinada a preferir o mais novo, o B.

Quando A chega, á noite, confiante, sincero, todo meiguice, ella, pela primeira vez, lhe nota algo de jocoso, de vulgar, de enfadonho, de burguez...

... E o seu pensamento, mesmo ao lado de A, vôa para B. "Onde andará elle, com o seu typo varonil, a sua bocca sensual, a sua elegancia, — a sua novidade, emfim?... E' a interrogação que ella se fará.

Dentro em pouco, A é esquecido em beneficio de B — que passa a ser o predilecto, o felizardo, o querido, o "outro", finalmente.

Mas, si A conseguir manter o seu prestigio, é porque, logicamente, B não dominou o coração da amorosa, da Julieta.

Não creio que se possa ser feliz amando duas creaturas a um tempo. Não creio mesmo que uma mulher tenha tempo de amar a um homem, firmemente: ella ha de pensar em outro...

Dirá v. ex. que sou sceptico, pessimista, etc.

Responder-lhe-ei com as palavras de Mme. de Fresne: "O homem credulo é um nescio".

E' tudo quanto penso sobre a sua consulta.

CLAUDIO (S. Paulo) — Publico a sua carta, porque o seu assumpto interessa a uma pluralidade de leitores.

Escreve o sr.:

"Yves. Não occulto o meu desapontamento para commigo mesmo ao verificar, Yves, que, na sua brilhante secção, não quiz se dar ao trabalho de accusar apenas o recebimento de uma chronica sob o titulo "Carta intima."

Já lá se foram tres semanas e você, Yves, não responde.

Em que terei eu, que tenho na penna o pão e o vinho... incorrido na sua colera, Yves?

"Carta intima" é um claro aberto na minha vida interior e foi com amôr — flôr da sensibilidade — que eu a escrevi. E foi para submetter á pedra de toque de sua fina sensibilidade que eu lh'a mandei.

Era o que tinha para me escrever.

Seu adm.

N. B. A chronica em questão leva o pseudonymo *Claudio."*

Ora, o sr. é intolerante, meu caro. Suppõe que o vosso correio é uma delicia de pontualidade e, nem por sonho, quer admittir que a sua carta se possa ter extraviado.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2-4126

FON-FON — 5-9-931

Data da consulta ....
Nome do consulente ....
....

De mais a mais, acredita que nesta secção só ha logar para o sr. E' só chegar a sua correspondencia, e eu correr a accusar o seu recebimento.

Si eu lhe dissér que, para attender a ordem chronologica da recepção das cartas, sou forçado a respondel-as com o atrazo, muitas vezes, de um simestre, o sr. desmaiará de susto.

E' preciso ser logico, illustre sr. Claudio, e não suppôr que, durante uma semana, eu só tenha a sua missiva para commentar e responder. Ha centenas dellas.

JUREMA (Capital) — Olá, *D. Jurema*. Que me diz? Acha então que sou bom graphologo? Antes assim...

Aproveitando o ensejo para fazer a réclame da minha sciencia, dou aqui a sua carta na qual v. ex. se refére ao estudo que fiz da leitora *Maria*.

Diz v. ex:

"Snr. Yves. Dá-me licença? Venho apresentar-lhe os meus sinceros agradecimentos pelos exaustivos momentos que gastou com o estudo da letra que eu lhe pedi. Sim?

Sciente do conteúdo, envio a minha opinião.

Tenho visto neste mundo
De muita gente o "retrato",
Mas como o da tal Maria
Ainda não vi tão exato.

Da vossa admiradora — *Jurema"*.

Quando eu fazia estudos de graphologia gratuitamente, os leitores me agradeciam com desafôros; agora que me faço remunerar, elles me agradecem com elogios e... dinheiro.

E' por isso que ha os philosophos, dizia Orestes Barbosa.

Yves

O TUMULO REVOLVIDO

AO descer do vagão, Francisca aconchegou-se mais ao marido, e disse-lhe:

— Escuta, não quero, não posso... murmurou com a vóz entrecortada. Desde que haviam partido de Auteil ella lhe repetia isso.

Elle, porem, replicou-lhe, conforme já fizéra varias vezes:

— Coragem! Não ha outro remedio.

No emtanto, á medida que se aproximava o momento da experiencia, elle se sentia dominar pelo medo. Sobre a plataforma da estação seu porte, sempre altaneiro, curvava-se um pouco, e sua physionomia, de homem ainda novo, parecia envelhecida. Elle esforçou-se por andar rapido e firme para o portão de sahida, quasi arrastando essa mulher titubeante, olhos engrandecidos e a que se achava, com os no estado de emoção em mais bella do que nunca bocca entreaberta, como se quizesse gritar.

Quando alcançavam a praça, cheia de omnibus dos hoteis e de taxis, pararam, indecisos.

— Não posso... gemeu, de novo, Francisca.

E ella prendeu-se a este pretexto.

— Não ha mais carruagens á tracção animal; isto já não se faz como antigamente. Pelo amor de Deus vamo-nos embora...

Era uma pequena cidade situada á margem de um desses lindos lagos de Savoil, onde o céo sempre muda de côres, como se se reflectisse um espelho magico. E já o sol se aproximava dos montes, que prolongavam o crepusculo, por meio das sombras que projeetavam. Estava quente a tarde. No ar tudo parecia immobilizado. Subito passou um fiacre que não se esperava, a rodar sobre o calçamento. Humberto fez signal para que parasse e elle e Francisca metteram-se dentro.

— Não temos razão de fazer isso... Não procedemos bem... disse Francisca, ao entrar.

O cocheiro recebeu o endereço da "villa". Nada menos de vinte minutos de marcha porque o velho cavallo não poderia "puxar" muito. Moscas e mosquitos, torturavam-no. Mas logo começou a trotejar, castigado pelo pingalim.

— Indica-lhe o caminho que sempre seguias, recommendou Humberto.

— Só ha uma estrada, murmurou Francisca.

Ha mais de dez annos ella não vinha áquelles logares onde vivera durante dez outros, antes de chegar a conhecer que a vida é, mesmo, pesada e triste.

— Não conserves os olhos assim fechados — disse-lhe Humberto. Se vimos para que tu olhes e reconheças...

Ella procurou obedecer. Viu os armazens, os cafés, as casas de moda, e, de repente, o grande lago adormecido. Humberto não o conhecia. Achou-o admiravel. No emtanto, ella lh'o havia descripto mil e uma vezes, desde que a angustia do seu passado lhe torturava o coração; desde que ella se deixára surprehender chorando sobre as photographias da casinha onde morrera o seu primeiro marido, depois que deixara de a amar. Uma humilde dor de viuva, que se julgava conformada, attingira, com aquella surpreza, pela força de uma leal confissão, a intensidade de uma obsessão insupportavel. O primeiro marido de Francisca fora um grande artista, um pintor celebre, um homem que trabalhava, na alegria das côres, como a ventura de um creador de harmonias. Voluvel e infiel, era, no emtanto, encantador. O segundo marido de Francisca, mais bonito sem duvida, de uma fidelidade á prova de fogo, trabalhava, rudemente, por causa da mulher que amava e que era o unico encanto da sua vida, sem descanço, de indutsrial occupado da manhã á noite. Ora, Francisca não possuia, em si mesma, a força, a virtude de crear, para sua propria illuminação interior, um ambiente de alegria. Assim como elle não tinha filhos, da mesma maneira sentia-se impotente para tornar alegre e feliz o seu lar. Era uma amorosa que tinha necessidade de ser animada por alguem para sentir o encanto e a fascinação da vida. Durante as longas jornadas de sua solidão tivera a tentação dos silenciosos prazeres da recordação e de saudade e, para reaviv al-as, releu os bilhetes — oh! os insignificantes, curtos, e apenas affectuosos bilhetes escriptos ao correr da penna pelo inconstante artista de olhos sorridentes. E devido essas poucas linhas, alguns esboços da casinha e varias photographias, ella se deixara dominar inteiramente pelas forças do passado, a ponto de só della viver — o que constituia um adulterio mais cruel do que qualquer outro, sobreudo depois de confessado. Como, porem, impôr uma separação

De Binet Valmer

áquella que fôra perdoada? Como cural-a do profundo soffrimento da nostalgia que a matava. Tanto que, ella, por ultimo, pedira que a soccoresse. Era preciso agir. Eis a acção:

— Olha, ordenava Humberto, á Francisca, tremula de pavor.

E elle a conduzia, agora para a realidade do seu sonho, á procura do verdadeiro fastasma.

O lago ali estava. Nolares arvores vigorosas e vetustas, apenas maltratadas pelo vento, offereciam aos passaros suas largas sombras acolhedoras. O caminho era sinuoso e cortava um grande bosque. O cavallo, a passo, subiu uma collina, de cujo cimo Humberto reconheceu a paisagem que o cercava.

— Devagar, agora, recommendou ao cocheiro.

Ganhavam a margem do lago.

— E' ali, disse Humberto.

O jardim estava cheio de flores, fechado com a sua grade, mas todas as janellas da casa pareciam abertas.

Francisca levantava-se do assento do fiacre. Agora ella olhava para tudo, com uma attenção que retesava sua physionomia.

Humberto pediu ao cocheiro para parar defronte do portão de entrada.

— Desçamos, disse, empurrando, de leve, sua mulher.

Ella obedeceu-lhe sem dizer uma palavra. Agitava-se porem, os labios como se quizesse exprimir seus pensamentos.

— E' preciso que peças licença para entrar — disse Humberto, firmemente. Tu o promettestes...

Ella fez-lhe signal de que iria attendel-o. Sob sua mão habituada, o portão cedeu facilmente.

Os latidos de um cão acolheram a visitante. Appareceu uma creada. Humberto viu Francisca approximar-se della e, então, afastou-se um pouco. Quando elle se voltou, de novo, para olhar a casa as duas mulheres tinham desapparecido. E começou a examinar a casa, comparando-a com a imagem que della sempre fizera. Semelhantes, uma e outra, ambos se reuniram sob seus olhos num ambiente polvilhado de oiro. Notava que tudo fora respeitado pelos novos proprietarios. E lá estava o grande atelier, dando sobre o lago. Parecia-lhe mesmo ver, passeando sobre a peninsula que o penetrava, aquelle que, dia a dia mais, se constituira seu rival, depois de morto.

Nunca soffrera tanto de ciume. Maldisse sua coragem, porque o momento, a provação eram atrozes.

Mas, no portão, desenhou-se de novo a silhueta de Francisca, acompanhada pela creada. E ella sorria, tendo na physionomia uma expressão de vivacidade e animação.

— Muito obrigada. Creia que lhe estou sinceramente grata pela sua bondade — dizia Francisca.

E, em voz baixa, dirigindo-se ao marido:

— Dá-lhe uma boa gratificação... Ella foi tão amavel...

Francisca subiu para o fiacre, ligeira, satisfeita.

— Muito obrigada, mais uma vez! Adeus! — disse, agitando a mão, quando a carruagem se poz em marcha.

Depois aconchegou-se muito ao Humberto, que não ousáva interrogal-a.

— Prompto. Tudo feito, murmurou-lhe. Mudaram tudo na casa. Está horrivel.

Ella mentia. Em attenção e como prova de respeito ao artista, de quem se orgulhavam de possuir a casa, os novos moradores conservavam tudo como encontraram. Mas Francisca nada encontrara das suas recordações, a não ser o espaço das varias peças, a côr desbotada de alguns estôfos que ella sentiu, que já não lhe agradavam como outrora... Nada della propria ficara entre aquellas paredes, onde o perfume de outros sêres havia posto em fuga o perfume das coisas de outrora...

— Elles revolveram tudo — reaffirmou ella. Fizeste muito bem em teres trazido aqui. Não pensarei mais nessas coisas...

Mas, elle calou-se. Começava a comprehender...

A bella vitrine dos afamados productos Dagelle exposta na secção da firma Ramos Sobrinho & Cia. na Casa Mousseline, á Avenida Rio Branco, que, pela sua elegancia e pela artistica decoração em estylo moderno, tem sido muito apreciada pelo publico carioca.

PREFERENCIAS...

— POIS é como lhe digo. O homem que admiro é aquelle que, por onde passa, domina com sua força herculea, e empolga pelo seu traje ultra-elegante.

— Não, não concordo comtigo. O valor do homem não está na apparencia.

— Mas, que é a vida sinão uma eterna apparencia? Depois, a apparencia sempre teve um lugar de destaque no mundo. Apparenta-se o que não se tem, o que não se é realmente, apenas pelo prazer proprio de se mostrar digno da admiração e inveja alheia.

— Dizes uma grande verdade. Entretanto, qual o valor?... qual o beneficio de tudo isso? Dia chegará em que não se poderá esconder mais a realidade. Uma casaca alinhada, uma mascara facial, collocada pela sociedade, sempre sorridente e prompta a dizer palavras de estylo, não deve influir, tanto assim, no espirito feminino. O valor do homem não está no seu exterior. Nada vale um exterior artificialmente deslumbrante, si no interior sómente existem os frangalhos de uma ruina moral. Não se deve notar sómente o que se acha phantasiado para o mundo. Deve-se analysar o "eu", que tanto differe de creatura para creatura, o "eu" que tanto se occulta debaixo de um traje rico, como nas sombras de uns andrajos.

— São poucos os que fazem isto. São poucos os que dão mais valor ao espirito.

— A eterna mania de se fiarem na apparencia. A eterna mania desacreditarem que o valor de alguem está na roupa que ostenta. E' por isto que existe tanta desillusão. O tempo é o grande destruidor de todas as illusões. O exterior póde phantasiar-se, enfeitar-se com a mais espectaculosa apparencia. O intimo — o revelador do que realmente a creatura é — póde ser escondido, durante algum tempo, debaixo da mascara mentirosa da apparencia. Entretanto, dia chegará, em que essa mascara cahirá afinal ao chão, por estar velha e gasta. E, então, quanta vez, horrorizados, veremos alguem como realmente é, e não como o imaginavamos. Uma cara bonita e sorridente, um corpo de athleta, quanta vez, encobrem um "eu" repleto de defeitos moraes! Um terno surrado, um rosto magro e soffredor, quanta vez, não encobrem um interior onde existem a nobreza e o valor de um sentimental!

— Nem sempre é assim como dizes. Muita vez no miseravel só se encontra a miseria moral, e naquelle que tudo facilmente consegue na vida um caracter recto e nobre.

— Mas nem sempre a natureza dá a um Adonis a alma de um artista, nem a um Quasimodo a alma de um poeta. Tudo depende da pessôa em questão. A vida nós mesmos é que a fazemos. Bem alto a elevamos, ou, então, a destruimos no abysmo das paixões mesquinhas. E' o "eu" que se corrompe na lama do mundo. E' o "eu" que se ergue do nada pela gloria de se elevar bem alto. E' o homem vencedor que nada teme, nem recua quando se vê attingido por uma grande adversidade, ou o homem, que sem coragem para lutar, nem subir os degráos da luta pela vida, se transforma em um vencido. Emfim, deve-se julgar o homem em todo o seu valor interior.

— Julgal-o como... si com arte elle sabe esconder o intimo?...

— Por mais que o queira evitar, o homem sempre se revela por um gesto, por uma palavra, por um olhar. Si se phantasia, eternamente não póde viver phantasiado. Tem que, por força, um dia desafivelar a mascara. Si a sua gentileza é apenas para effeito alheio, na intimidade, por palavras e gestos grosseiros, se revelará. Não, nunca devemos julgar al-

guem pela apparencia, pois o tempo é o destruidor de todas as illusões.

Depois, si fossemos imaginar que sómente valem as creaturas beneficiadas pela sorte, em que lugar collocariamos aquelles que lutam gloriosa e briosamente pela vida? Si dermos sómente ao physico todo o valor, destruiriamos, para sempre, o sentimento intimo. E, destruindo-o, onde estaria o valor de uma creatura humana? Tudo ella perderia. Cada um precisa ter a sua individualidade propria, o seu valor moral. Cada um deve ter o seu "eu" livre da escravidão e das miserias do mundo. Ter confiança em si mesmo, e a certeza plena de ser sempre um vencedor e nunca um vencido. Cada um deve ter a sua personalidade, o seu valor intimo, e não se tornar um pária da vida sem ideaes, nem ambições.

— Ainda continúo com a mesma opinião. O homem que admiro é aquelle que é forte, tem dinheiro e um automovel de luxo. Nada mais é necessario para um espirito moderno creado e educado nas vibrações do jazz.

— Com muito pouco ficas satisfeita. Como banalizas, com tuas idéas, um ideal humano! Vês apenas o exterior, esquecendo, lamentavelmente, que na vida é necessario existir mais alguma coisa além da exhibição social. A primavera da vida é um sonho que passa fugazmente. Esse sonho termina com a chegada do inverno. E o inverno precisa mais do conforto espiritual, do que do conforto material.

— Falas como alguem que já viveu muito. No emtanto, não vejo a prata nos teus cabellos, nem o inverno no teu rosto.

— Não é necessario se ter vivido muito para se aprender muita coisa. O mundo, a cada momento, nos dá uma lição, lição que nos permitte adquirir muita experiencia e fazer muita observação.

— Então si o homem iedal não é como imagino, qual é, em tua opinião.

— A minha opinião, nesse sentido, não é sómente minha. E' de todas as moças que procuram a fidalguia nobre de um "eu", e não um fantoche sem alma, nem sentimento. O homem ideal não é aquelle que se trata pelo ultimo figurino, nem o que quer ser apparentemente social. Não! E' o homem que tenha o seu valor moral e intellectual, a nobreza de seus sentimentos e a grandeza de sua alma, reflexo do seu caracter recto e nobre, abertos, sem receio e temor, para a sociedade, que sempre se guia e se fia na apparencia. E' o homem que se tem certeza plena de que saberá guardar com carinho e deslumbrar uma vida feminina com as maiores venturas. E' o homem a cujo seu lado não se tem receio, porque dois braços masculos estão sempre nos envolvendo na caricia de uma protecção. E' o homem cujo sentimentalismo o ennobrece e glorifica as suas ambições e ideaes. Emfim, o verdadeiro homem, o homem ideal é aquelle que, collocando a mulher acima de suas paixões, a venera em seu coração, dando-lhe o respeito, a delicadeza e a fidelidade do seu affecto, no desejo unico e immenso de fazêl-a feliz para poder ser feliz!

.. ..

Alguns annos se passaram. As duas amigas durante muito tempo não se viram. Seguiram caminhos differentes. Ambas se casaram, dando-lhes o destino o homem que o ideal de cada uma preferia.

E quando, um dia, novamente, se encontraram, aquella que escolheu o homem de apparencia, o homem que lhe podia dar diamantes e sêdas, com lagrimas nos olhos, disse á outra que sorria venturosa:

— Escolhi um homem pela apparencia. Tenho joias as mais ricas... automovel... vestidos caros... dinheiro... e a apparencia de que sou feliz!...

MITRI

SEARA ALHEIA

Eu e meu cão

Estamos os dois no meu quarto — eu e meu cão. Na rua o vento desencadeado uiva em horriveis rajadas. Meu cão está sentado deante de mim. Fita-me, fixamente, nos olhos e eu, tambem, fito-o nos seus. Olha-me como se quizesse dizer-me alguma cousa. E' mudo e, sem o dom da palavra, não se comprehende a si proprio. Eu, porém, o entendo.

Comprehendo que, neste instante, agita-nos, a ambos, o mesmo sentimento e que, entre nós dois, não ha nenhuma differença.... Somos iguaes: nelle, como em mim, arde e esplende a mesma temida chamma. A morte, aproximando-se, destende sobre nós a sua aza fria.... e tudo acabou! Quem verificará, mais tarde, qual a chamma que ardeu em cada um de nós?

Não são o animal e o homem que trocam olhares; são dois olhos que se cravam em outros dois, e o olhar dessas pupillas, assim o do animal como o do homem, é a mesma vida que os enche de terror, aproximando-os. — Ivan Turguenieff.

A canção do regato

Mãe Creação, deixa que me perca entre os rosaes e as arvores, livre, humilde, feliz, fazendo esplender meu bracelete de espumas, arrastando meu vestido de aljofares.

Deixa-me sempre parecer joven e que eu possa cantar, alegre, a correr, a correr, entre uma dupla escalfa de violetas. O bosque poderoso está tão perto e tão longe, e tão longe a nuvem resplandecente que poderá fazer turvar-se a agua limpida que carreio...

E, emquanto pulo sobre os obstaculos do meu curso, com a agilidade de um pequeno veado, veste-me de ouro, durante o dia, e cobre-me de estrellas durante a noite.

Não sei para onde vou, nem isso me importa: vou de viagem, e canto; mal se sente a minha marcha, e eu vou cantando...

Mãe Creação; venho da montanha distante e não conheço orgulho; posso ir, se me perco, ao mar immenso, e não conheço o temor, porque de todas as coisas me vou despedindo á proporção que corro e em nenhum remanso recolho saudades para a melancolia. — E. Ramirez Angel.

O elogio da fealdade

Todo mundo pretende amar a belleza. Isso não se discute. No emtanto, a grande maioria en contrar-se-ia em difficuldade si se lhe perguntasse o que entende por belleza.

Os esthetas, que se especializaram nesse estudo, têem formulado definições tão vastas a esse respeito, tão vagos no seu pedantismo, que fazem sorrir até os alumnos das classes de philosophia, pouco acostumados, aliás, a exercicios de scepticismo.

Nunca houve, assim, quem estivesse de accôrdo com o que seja a belleza. Em compensação todo mundo sabe o que é a fealdade: meninos e velhos, sabios e ignorantes.

O formoso, o bello, é o idéal, o que não se encontra. Sua procura traz-nos decepções dolorosas. Toda a philosophia da vida consiste, pois em contentar-nos com o que fica: o imperfeito, unica realidade.

Fazer o elogio da fealdade é promulgar a doutrina tão sabia e bemfazeja do humanitarismo; é rehabilitar á resignação; é offerecer aos homens uma consoladora theoria da arte de viver. — Francis de Miomandre.

CAIXA DE SURPRESAS

O PREÇO DO RADIO

— O custo de uma gramma de radio é, actualmente, de cerca de 65.000 dollares. Semelhante preço, ainda tão elevado, deve-se, em grande parte, ao proprio processo de tratamento desses mineraes, que, além de demorado, exige operações que o encarecem extraordinariamente. Mais de noventa dias eram precisos para se trabalhar os mineraes de que se extrahe o radio. Recentes experiencias, porém, já permittem se faça esse tratamento em menos de um mez, havendo esperanças de que se consiga esta reducção para quinze dias.

ALIMENTOS EM PASTILHAS

— Um cozinheiro parisiense teve a iniciativa de estabelecer na capital franceza um restaurante de novo genero onde só se despacham alimentos concentrados em pastilhas.

Todos os pratos que compõem o almoço apenas occupam o pequeno espaço de alguns centimetros quadrados.

Deste modo, os homens muito atarefados e que dispõem de pouco tempo para as suas refeições podem alimentar-se num instante, ali, quando não prefiram levar o almoço para o trabalho no bolso do casaco...

O MAIOR ANIMAL DO MUNDO

— E' uma especie de baleia que vive nos mares sulphurosos. Este enorme animal nada, ás vezes, mais de noventa pés de comprimento, com um peso aproximado de cento e dez toneladas. Nenhum dos animaes prehistoricos foi tão grande como esse monstro marinho, que está desapparecendo rapidamente por causa das perseguições de que é objecto devido a abundancia de oleo que o seu corpo contem.

AS MULHERES... SONHAM SEMPRE

— Um medico austriaco acaba de descobrir que as mulheres sonham muito mais do que os homens.

"De cem homens — diz o sabio — apenas vinte e sete sonham com frequencia, emquanto o mesmo numero de mulheres dá uma proporção de quarenta e cinco sonhadoras."

Do mesmo modo, de cem homens treze têem sonhos espaçados, dormindo, emquanto, no mesmo caso, as mulheres regulam trinta e tres por 100...

Emfim, segundo essas observações, 14 por cento dos homens não sonham senão muito raramente e 9 por cento desconhecem completamente tal phenomeno

"Ha mezes que estou usando estas roupas e Lux ainda continua a dar-lhes a apparencia de novas"

Meias das mais finas
Lãs das mais macias
Sedas diaphanas ....
Nada tem a recear do Lux.

Os seus vestidos mais delicados, as suas meias de malha mais finas, as suas combinações mais valiosas, conservam-se frescas e bellas sob o cuidado do "LUX". A sua espuma rica e leitosa restaura a belleza primitiva dos tecidos, penetrando em todos os fios e expurgando-os de suas impurezas.

A maciez de suas mãos será o testemunho da delicadeza do "LUX" para com as sedas mais finas. Uma lavagem com "LUX" torna os seus lindos vestidos macios e brilhantes e com toda a attracção de novos. Lave em casa por este processo economico todas as peças do seu mimoso enxoval. Conserve por mais tempo como novos os seus vestidos predilectos.

LUX
Para lavar sedas, e todas as roupas finas

LUX
Para lavar sedas, lãs e todas as roupas finas

S. A. IRMÃOS LEVER
SÃO PAULO — BRASIL

Lx. 15-01328 Bi

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 36

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 5 de Setembro de 1931

O impossivel...

EDUARDO poz o phone no ouvido, e a voz distante de uma creatura mysteriosa lhe sussurrou, mansamente:

— Foi por causa daquella valsa que você ficou na minha vida. Daquella valsa que eu não ouvi, mas que você recordou tão bem no impressionismo de uma pagina lyrica. Daquella valsa...

— ... que se metteu no seu destino, depois de alterar o curso do meu... — interrompeu, amargo e ironico, o escriptor.

— Talvez... Mas quem sabe si não dependerá della a realização do seu sonho impossivel? Quem sabe si não virá dessa valsa antiga a harmonia da felicidade que você procura?...

— Ah, minha ignorada amiga, eu não tenho a pretenção de querer mais aquillo que anda tão longe de mim... Não tenho a pretenção de esperar ainda essa sombra inquieta que se chama... felicidade... Essa sombra que deve ser assim como você: mysteriosa e impossivel...

— Figuras de poeta... De poeta emotivo e doloroso... Eu não sou assim tão mysteriosa e impossivel... como a felicidade. Si guardo, cuidadosamente, a minha identidade perante você, é, simplesmente, porque fui leviana perturbando, pelo telephone, a sua solidão de artista e sonhador...

— Mas ha, em cada mulher, uma força occulta que lhe guia os movimentos e a vontade.

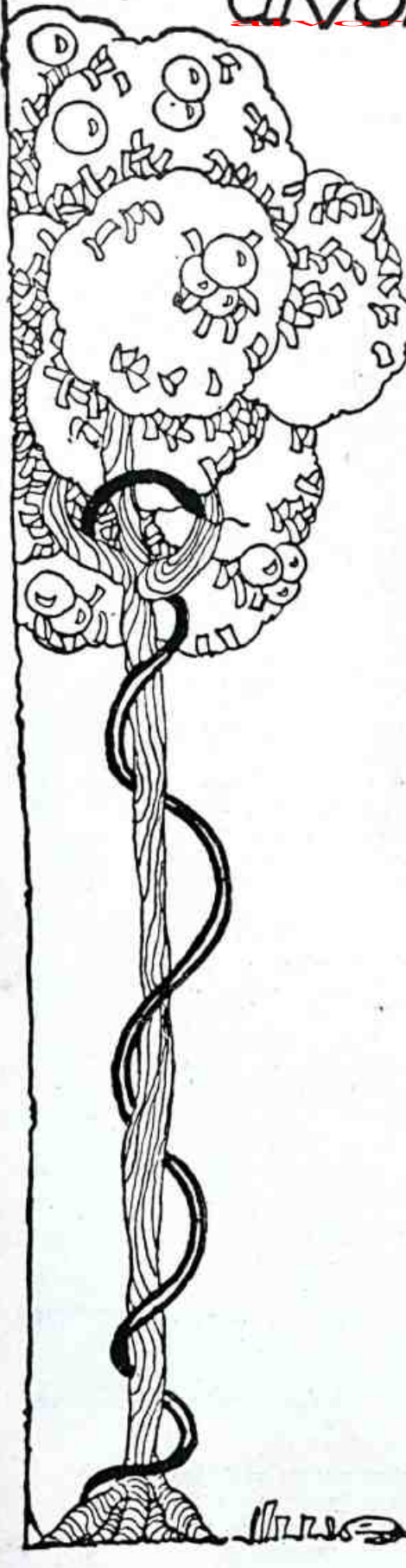
— Só na mulher, não: tambem em cada homem.

— Concordo. Os homens, no emtanto, sabem, ás vezes, dominar essa força irresistivel. Emquanto que as mulheres...

— Como você se engana! A mulher, sentimentalmente, é mais forte, mais... dissimulado que o homem. Por isso mesmo, soffre mais. Soffre sorrindo, o que é, ainda, a maneira mais dolorosa de soffrer. Até para dizer o que sente, para confessar a sua sympathia pelos olhos tristes de um estheta... como você, tem que fingir: recorre ao telephone, confidente discreto dos amorosos, e faz, sem médo, a sua revelação. Entrega, pelo fio, ao *prince charmant*, o coração que elle, sem o saber, já lhe conquistou... Precisa usar do mysterio para desabafar. Porque a sociedade condemnaria o gesto atrevido de uma declaração feminina que não fosse feita assim...

— A sociedade... Sempre a sociedade atrapalhando a minha vida!... Mas, por que você não rifa a sociedade?... Por que você não gosta de mim sem a sociedade, e não tira a mascara que essa tyranna impõe ás mulheres cujo coração é feito de melancolia e de sonho?... Seja menos má, e confie em mim, que não hesitei em acceitar os seus galanteios telephonicos. O amor sempre foi, em todos os tempos, inimigo dos preconceitos... E si você ama o amor, deve odiar os preconceitos...

— Tudo isso é muito bonito, meu artista, e talvez verdadeiro, mas, infelizmente, o seculo vertiginoso ainda anda muito devagar... E eu... sou mulher.

— E' verdade, minha fascinante desconhecida! Não me lembrava disso... Você é... mulher. Ainda bem! Assim eu poderei...

— Esperar...

— Sim. Esperar que você, um dia, fuja de mim, como outras mulheres, que tambem me prometteram... o impossivel...

MARTINS CAPISTRANO

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Noite sertaneja

EM 1828, em companhia dum naturalista allemão, o viajante francez Alcide d'Orligny partiu do Rio para S. Paulo a cavallo. Era no mez de setembro. Ainda não fazia calor. Todas as noites, quando não encontravam no caminho uma venda ou uma fazenda, passavam a noite ao ar livre, deitados em couros de boi.

Sua primeira etapa foi Campinho e a segunda Santa Cruz, dalli a cinco leguas. Depois, passou pelo engenho Toguahy, pela fazenda de Santa Rosa e pela villa de S. João Marcos. Então, se achou em pleno sertão brasileiro e a primeira noite que nelle se viu descreve-a nestes termos:

"A' noite, quando a araponga cessa seus gritos estridentes e estranhos, começa o ruido monotono dos insectos misturado ao coaxar lugubre dos sapos, semelhando ás vezes rufos de tambor. Depois, o gemido da capivara e o queixume dum como cabrito selvagem. Essas vozes lamentosas e tristes enchem a alma de pavor, emquanto milhares de lumes parecem convidal-a a sonhos de fada. Sobre nossas cabeças, o firmamento radioso de constellações austraes e aos nossos pés myriades de insectos luminosos semeando o solo como pedrarias scintillantes. Entre os sons que ouviamos, distinguia-se principalmente o melodioso canto numa especie de melro que percorria ligeiramente todos os tons da escala musical."

O viajante francez traduziu sua impressão dessa noite sertaneja como os nossos melhores regionalistas. O trecho que escreveu parece traduzido do Pelo sertão de Arinos ou do Tropas e boiadas de Hugo Carvalho Ramos.

Encanto sem par das noites do sertão, inspira da mesma fórma os artistas de todas as raças e de todos os tempos!

MB

O ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, offereceu, terça-feira ultima, no palacio do Itamaraty, um almoço de despedida ao conde Déjean, que, antes de deixar o seu posto de embaixador francez no Brasil, foi assim homenageado pelo governo provisorio da Republica.

Filigranas

Vivemos no Brasil a criticar um tanto levianamente o que chamamos atrazo das populações do interior. Achamos que os seus usos tradicionaes, o seu modo de sentir, de pensar e de agir não estão mais de accôrdo com a civilização exótica ou semi-exotica da faixa littoranaria. E queremos uma craveira commum para a alma de todos os brasileiros.

Esquecemos, todavia, que nós os do littoral somos os que têem esquecido e desprezado as tradições seculares do paiz e que são os do sertão ás que as têem mais ou menos conservado e cultuado.

Não lhes devemos querer mal por isso, antes pelo contrario. Para o melhor equilibrio desta patria immensa, é bom que, ao lado dos que avançam e olvidam, existam aquelles que se immobilizam e lembram.

Os membros mais destacados da colonia franceza do Rio de Janeiro reuniram-se quinta-feira penultima, no Jockey Club, para homenagear, com um jantar de despedida, o embaixador de França, conde Déjean, que dentro de alguns dias se ausentará definitivamente do Brasil, de regresso ao seu paiz.

OS NOSSOS POETAS

O poeta Renato Travassos, que é um nome de prestigio em nossos circulos literarios, sendo autor já de varios livros, todos elles recebidos com agrado pela critica, publicou uma nova edição, revista e augmentada, da sua «Oração ao Sol», onde se affirma um artista de larga inspiração e um perfeito conhecedor da technica do verso. São poemas lyricos que alcançarão, de certo, um novo successo, bem digno, aliás, dos meritos de seu brilhante autor.

Jardim Aberto

D. JAYME

Os presidentes e os livros

QUASI todos os presidentes dos Estados Unidos têm sido amigos dos livros. Washington passava longas horas na sua bibliotheca. Seus autores predilectos eram Addison, Goldsmith, Shakespeare, Swift, Smollet, Sterne e Fielding. Em segundo logar, vinham Pope e Voltaire. Gostava tambem muito do D. Quixote, de Cervantes, como dos classicos do seculo XVIII, sobretudo de Chesterfield, de cujas cartas possuia varias edições. Sua esposa acompanhava-o nesse interesse pelos livros.

A proposito, Resembach escreveu: "Os livros da bibliotheca de Washington representam muitas curiosidades historicas. Quando nos detemos em analysar seu catalogo, percebemos certos aspectos do seu caracter que as biographias até hoje escriptas não revelam."

John Adams, segundo chefe da nação Norte Americana, teve uma das maiores e mais seleclas livrarias do seu tempo. Em 1822, quatro annos antes de morrer, deu-a á cidade de Quincy, no Massachusset, de onde foi transferida para Boston. Conta uns tres mil e quinhentos volumes, notando-se entre elles os classicos greco-latinos, as primeiras edições de Bacon, do cardeal Bembo, de Diderot, de Frederico o Grande, de Locke e de Newton.

O terceiro presidente yankee, Thomas Jefferson, foi um verdadeiro bibliographo. Comprava livros de arte, literatura, religião, philosophia, chimica, botanica e mathematica. Da sua bibliotheca, catalogada por elle proprio methodicamente, constavam as melhores obras européas e americanas, dos antigos, dos modernos e dos contemporaneos, sendo de notar os volumes raros referentes á America, seu descobrimento, conquista, colonização, vida independente e progresso. Além disso, Jefferson organizou a bibliotheca da Universidade de Charlottesville, na Virginia, e distribuia aos estudiosos listas com as indicações dos melhores trabalhos sobre qualquer assumpto.

Apaixonado pela architectura, lia e commentava as obras de Vitruvio, Palladio, Inigo Jones, Pianessi e Gibbs. Fazia mesmo o papel de planejador e mestre de obras de edificios. Construiu a citada bibliotheca da Universidade de Virginia e a sua casa de Menticello. Desgostoso com um incendio que lhe consumiu livros excellentes, vendeu ao governo a sua livraria por um quarto do valor, a qual foi posta no Capitolio, onde funcciona o Congresso Federal.

Madison, Monroe e Quincy Adam, que lhe succederam na curul presidencial, amavam e frequentavam os livros, sobretudo os referentes á historia e á vida do continente americano. Eram tambem especialistas na bibliographia de seus Estados nataes. O ultimo, Adams, e Jackson, seu successor, foram grandes leitores de Shakespeare e de obras literarias, enriquecendo continuamente com estas a livraria de The Hermitage, onde residiam.

O presidente Harrison teve muitos e bons livros. Taylor tratava com grande carinho a sua magnifica collecção. Preferiam, porém, os tratados de direito e de jurisprudencia americana.

Lincoln foi o mais completo leitor da esplendida série de estadistas que têm governado os Estados Unidos. Suas excellentes edições de Shakespeare figuram hoje com brilho na famosa bibliotheca Shakespeareana de Washington. Mão grado os percalços e trabalhos do seu governo, pouco descurava a leitura da historia, da poesia, da philosophia e do direito.

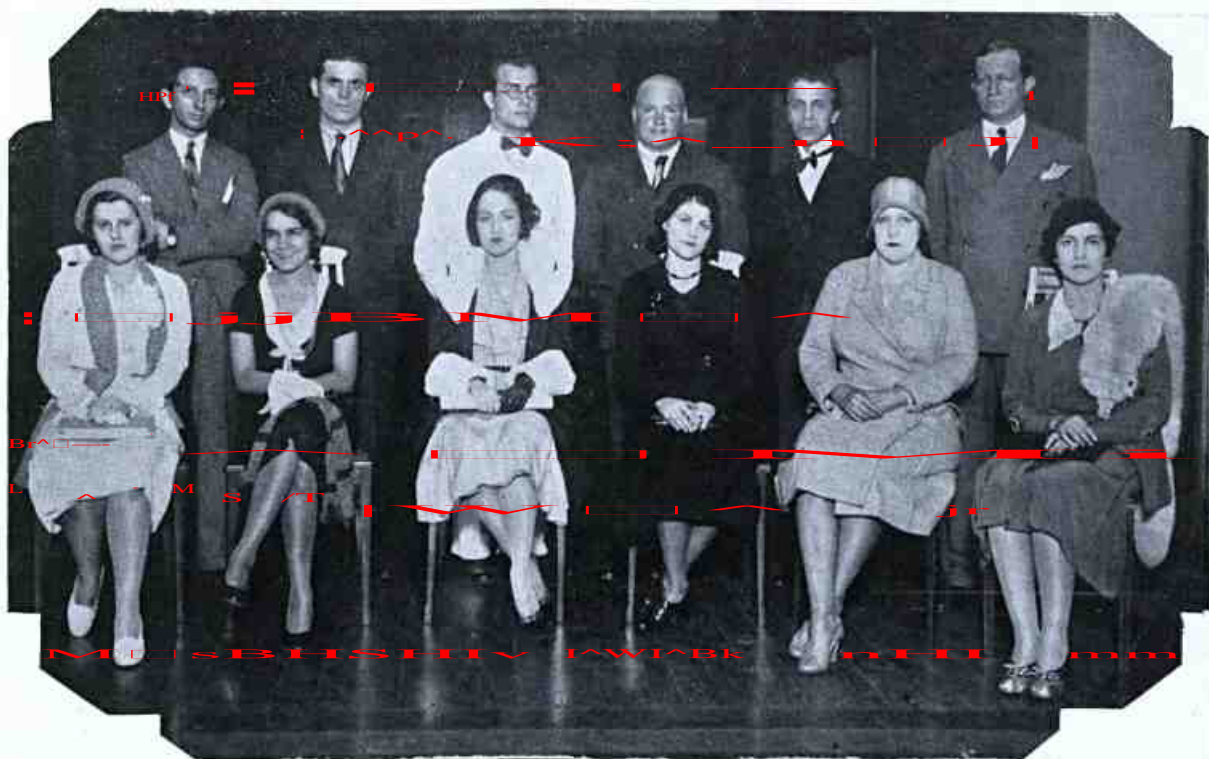
Johnson, Grant, Hayes, Garfield e Arthur, homens cultos e eminentes, si não eram em verdade apaixonados pelos livros como seus antecessores, não se póde dizer que não fossem amigos dos mesmos. Todos tiveram suas estantes de obras escolhidas.

Cleveland, esse foi outro dedicado ledor. Possuia vasta e esplendida livraria.

Harrison e Mac-Kinley tiveram poucos livros, porém, em compensação, Taft estudava com afinco, e Wilson reuniu-os e leu-os apaixonadamente. Harding leu pouco. Coolidge lê muito.

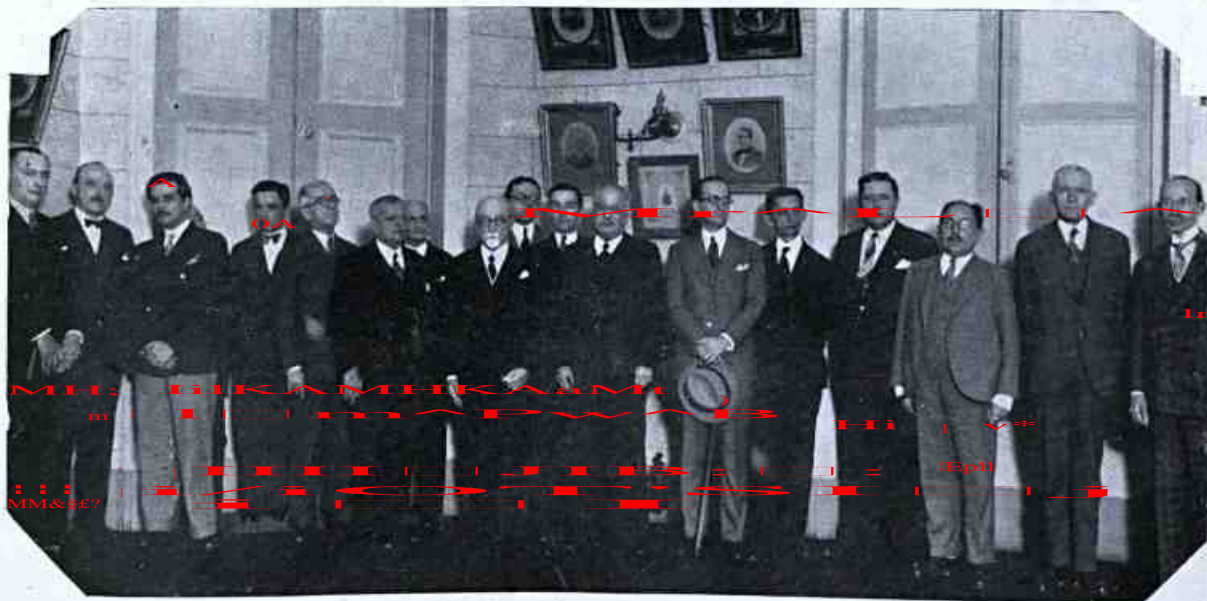
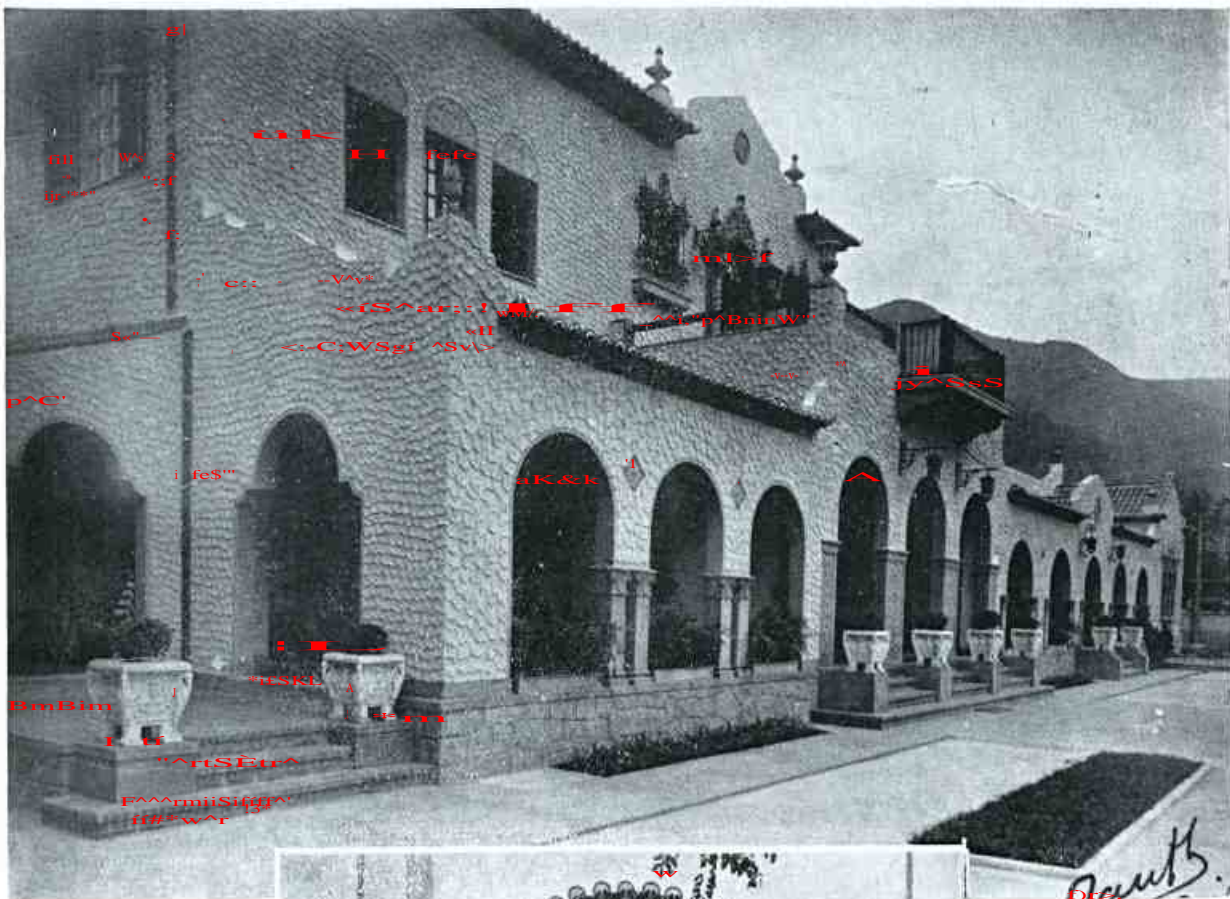
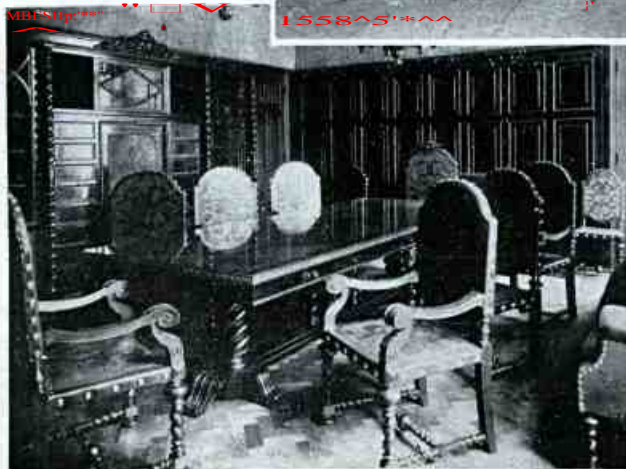
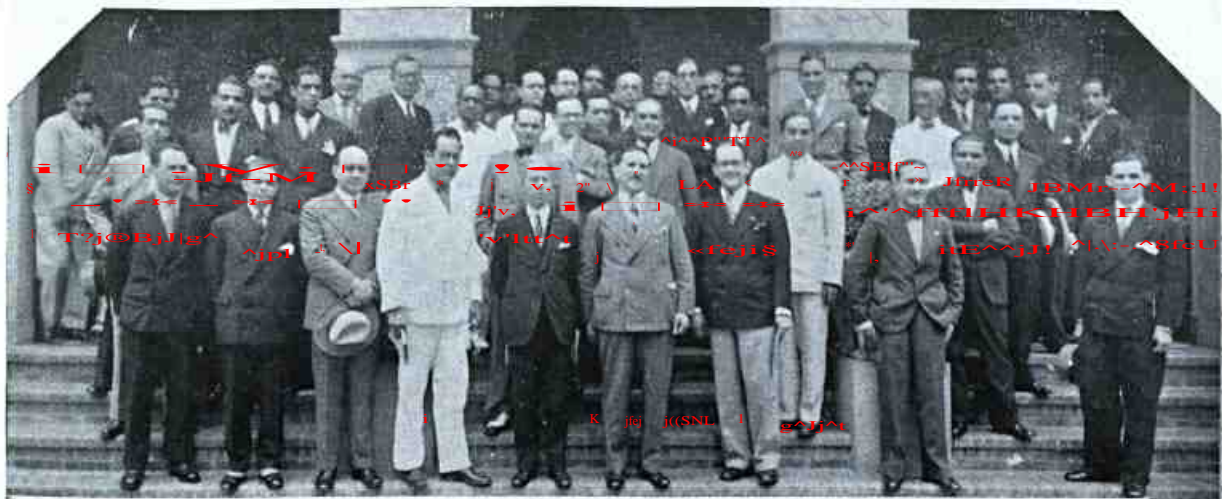
Desde Jefferson, comtudo, o maior amigo dos livros na presidencia dos Estados Unidos é Hoover. Somente a parte sobre a China da sua livraria particular, que elle doou á Universidade de Stanford, vale uma fortuna e serviu de base á organização da grande bibliotheca chineza desse estabelecimento de ensino. Hoover possue uma collecção de livros, cartas, documentos, pamphletos, folhetos, mappas e jornaes sobre a guerra mundial em verdade assombrosa. E' um apaixonado das velhas edições dos classicos gregos e latinos. Em 1912, elle e sua esposa publicaram em Londres uma traducção do De Re Metallica conforme sua primeira edição, a de Basiléa de 1556, toda ella annotada eruditamente. E foi de Hoover o decreto mandando adquirir para a nação

AUTORES

O dr. Luiz Sobral Pinto, illustre e joven medico patricio, publicou, este anno, dois interessantes volumes que muito o recommendam como scientista e como educador. «Reflexões medico-sociaes» e «Um dia depois do outro» são, realmente, trabalhos em que o seu autor revela, a par da cultura, variada e solida, do hygienista de merito, as notaveis qualidades do escriptor e do doutrinador. No primeiro desses volumes, o dr. Sobral Pinto, que é medico do Departamento Nacional de Saúde Publica e professor de diversos institutos de ensino desta capital, enfeixa algumas de suas magnificas conferencias sobre assumptos de hygiene social, e, no segundo, varios discursos, trabalhados num estylo elegante e sóbrio.

A Associação Brasileira de Imprensa commemorará com grande brilho, este anno, o «Dia da Imprensa», que decorrerá a 10 do corrente, quinta-feira proxima. Haverá, para isso, um programma excellente a ser executado. Desse programma, além de outras festas, constam um almoço de confraternização jornalistica, a realizar-se na séde daquella aggremiação, e um festival de arte, levado a effeito no theatro Municipal, e no qual tomarão parte elementos de destaque em nosso meio artistico. O maestro Burle Marx, que está ao centro do grupo acima, regerá a grande orchestra philarmonica, que será tambem um dos numeros do programma.

JARDIM ABERTO — (concl.)

os formidaveis incunabulos da collecção Vollbehr, entre os quaes uma Biblia impressa em pergaminho por Guttenberg.

Dentre os nossos presidentes — Deodoro, Floriano, Prudente, Campos Salles, Rodrigues Alves, Affonso Penna, Nilo, Hermes, Wenceslau, Delfim, Epitacio, Bernardes e Washington, exceptuando-se o sr. Epitacio Pessôa, poder-se-ai, em verdade, no amor ao estudo e no amor aos livros, comparar alguns aos presidentes norte-americanos? E não terá vindo disso, a sua inferioridade?

Os novos socios honorarios e effectivos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro em companhia do presidente perpetuo daquella instituição scientifica, sr. conde de Affonso Celso, ao tomar posse das respectivas cadeiras para as quaes foram eleitos em assembléa geral realizada a 21 de agosto ultimo. Vêem-se no grupo os drs. José Mattoso Maia Forte, Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, Luiz Felippe Vieira Souto, Levi Fernandes Carneiro, Fernando Luiz Vieira Ferreira, Rodrigo Octavio Filho, Octavio Tarquinio de Souza, Manoel Tavares Cavalcanti, Luiz Antonio Vieira da Silva, Mario de Souza Ferreira, Hildebrando Accioly, Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho, João da Costa Ferreira, Alexandre Emilio Sommier e Virgilio Corrêa Filho e commandantes Antonio Leoncio Pereira Ferraz e Lucas Alexandre Boiteaux. Deixaram de comparecer, por se encontrarem fóra do paiz, os drs. Gustavo Barroso e Hubert Knipping, igualmente eleitos.

O Tijuca Tennis Club, que desde 1915, quando nasceu, funccionava num velho casarão da rua Conde de Bomfim, frequentado, sempre, pela mais fina sociedade do bairro, mandou construir, no mesmo local onde decorreram esses dezeseis annos de sua vida florescente, um bello edificio de estylo colonial, que é, hoje, a nova séde do glorioso alvi-rubro, e cuja inauguração se dará hoje á noite com o grande baile que o gremio tijucano offerece, logo mais, á «élite» carioca. Prestando, nesta pagina, uma homenagem ao Tijuca Tennis Club, no dia em que essa querida associação sportiva da nossa capital, installada em sua nova casa, festeja, brilhantemente, a victoria de uma velha aspiração de seus creadores, offerecemos, aqui, alguns detalhes do imponente palacio colonial da rua Conde de Bomfim: a fachada da nova séde do Tijuca Tennis Club; o magestoso portão de entrada; o salão da directoria, com o seu luxuoso e imponente mobiliario; e a piscina, ampla e branca, medindo 10m x 25 m. e toda revestida de azulejos e que, a nosso ver, constitue uma das grandes tentações da Tijuca.

A nova séde do Tijuca Tennis Club estava florida de sorrisos quando ali chegaram, na manhã de domingo passado, os jornalistas que, a convite do presidente daquella sociedade, nosso illustre confrade dr. Heitor Beltrão, foram visitar o magestoso palacio colonial da rua Conde de Bomfim. Começava a chover e havia um tumulto galante de silhuetas femininas dispersas pela grande varanda que circumda o edificio, ou palestrando em grupos nos salões ainda em preparativos para a deslumbrante noite de hoje. Os jornalistas foram logo recebendo, á entrada, essa amavel impressão da nova séde do Tijuca Tennis Club. E essa impressão perdurou e avultou na visita que realizaram em seguida, por todas as dependencias do club tijucano, guiados pelo dr. Heitor Beltrão e outros directores presentes. Depois, serviu-se o almoço que a directoria do Tijuca Tennis Club mandára preparar para os seus visitantes matinaes, que eram muitos, e todos mais ou menos animados de bôas disposições gastronomicas... O almoço foi

uma feijoada completa, com paraty e laranjas, servida numa grande mesa, em fôrma de T, no amplo salão do gymnasio. Ali, os commensaes ouviram tres discursos: o do dr. Heitor Beltrão, offerecendo o almoço cordial; o do dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, agradecendo-o, em nome dos jornalistas homenageados, e o do dr. José Manoel Fernandes, que falou em nome dos socios capitalistas do Tijuca Tennis Club. A nossa pagina fixa detalhes da manhã de domingo na nova séda do Tijuca Tennis Club.

TITILAÇÕES

MADAME deve ter cuidado, agora, quando o marido annunciar que vae almoçar fóra de casa.

Na quadra que atravessamos, de grandes aperturas financeiras, comer em restaurantes é uma ousadia digna de registro, mórmente desprezando a comida caseira, sempre melhor para o estomago...

Madame deve desconfiar, por uma coisa que nós sabemos... E' que seu marido, o rapaz advogado, está, presentemente, adorando a cozinha italiana...

Mas, não pense que elle apparece desacompanhado á mesinha do restaurante. Ao contrario, tem como companheira de mesa uma figurinha elegante, esguia, morena, pallida, uma boneca bem brasileira.

E o almoço é demorado, porque ambos demonstram não ter pressa em abandonar o restaurante mettido numa rua esquisita, pouco frequentada por gente elegante...

O caso, porém, é mais sério ainda, porque a companheira de mesa do illustre advogado é solteira, vivendo em familia.

Como se vê, o rapaz precisa abandonar o habito de almoçar na cidade...

O sympathico militar está empenhado num *sport* galante, mas que não deixa de ser perigoso.

A linda andaluza é, realmente, uma tentação, capaz de despertar enthusiasmos desmedidos...

Olhos de amendoas esquisitamente brilhantes, revelando um temperamento quente, arrebatador, bocca que péde beijos, gestos que promettem o paraiso...

Comprehendemos o perigo em um simples mortal della se approximar...

Entretanto, o que não comprehendemos é a coragem do militar, procurando essa approximação da maneira por que o vem fazendo.

O *bungalow* da deusa não está situado em rua deserta, livre da curiosidade alheia.

Francisquinho, o galante filhinho do casal F. Isidro Monteiro-d. Maria Amalia Monteiro.

Ao contrario, a rua é movimentada, e, quando menos se espera, lá está plantada, no seu posto de vigilancia, uma vizinha bisbilhoteira e indiscréta...

O facto do dono da casa estar ausente durante o dia não justifica a presença de pessôas estranhas nessa mesma casa, embora as visitas sejam rapidas...

Ora, bem póde um dia acontecer que o diabo vá metter-se no meio da historia e... teremos complicações muito sérias.

Póde falhar a tactica de mar... póde acontecer tanta coisa...

Seria prudente a mudança de rumo, quando mais não fosse, para despistar a curiosidade malsã dos invejosos.

Leonel, filho do sr. Antenor Cupertino e de d. Chiquita Machado Cupertino, residentes na capital de Goyaz.

PARECE mentira, mas é verdade! O casal vivia relativamente feliz.

Ella, moça e bonita, havia inspirado ao marido uma grande paixão.

Com o correr dos annos, o ambiente do lar soffreu pequena mudança; nada, porém, indicava o seu desmoronamento.

Um dia, entretanto, appareceu o *outro*, e houve uma crise caseira de graves consequencias, porque cada qual foi para o seu lado.

O outro, envolvido no *brinquedo*, achou que lhe restava apenas uma attitude digna, e acolheu *madame* sob a sua protecção carinhosa.

A historia devia terminar assim: melancolicamente para o marido, sorridente para os demais.

Ou com tiros...

Nada disso, porém, aconteceu, porque os personagens da nossa historia são pacificos, dotados de bom genio.

Quando tudo parecia *arranjado*, surgiu uma pequena novidade.

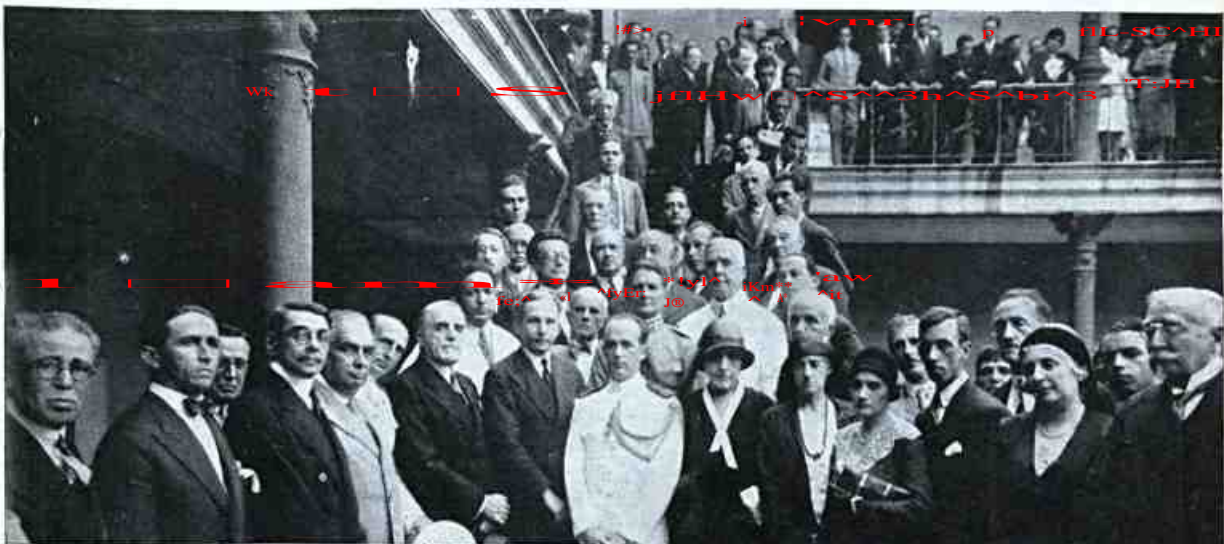
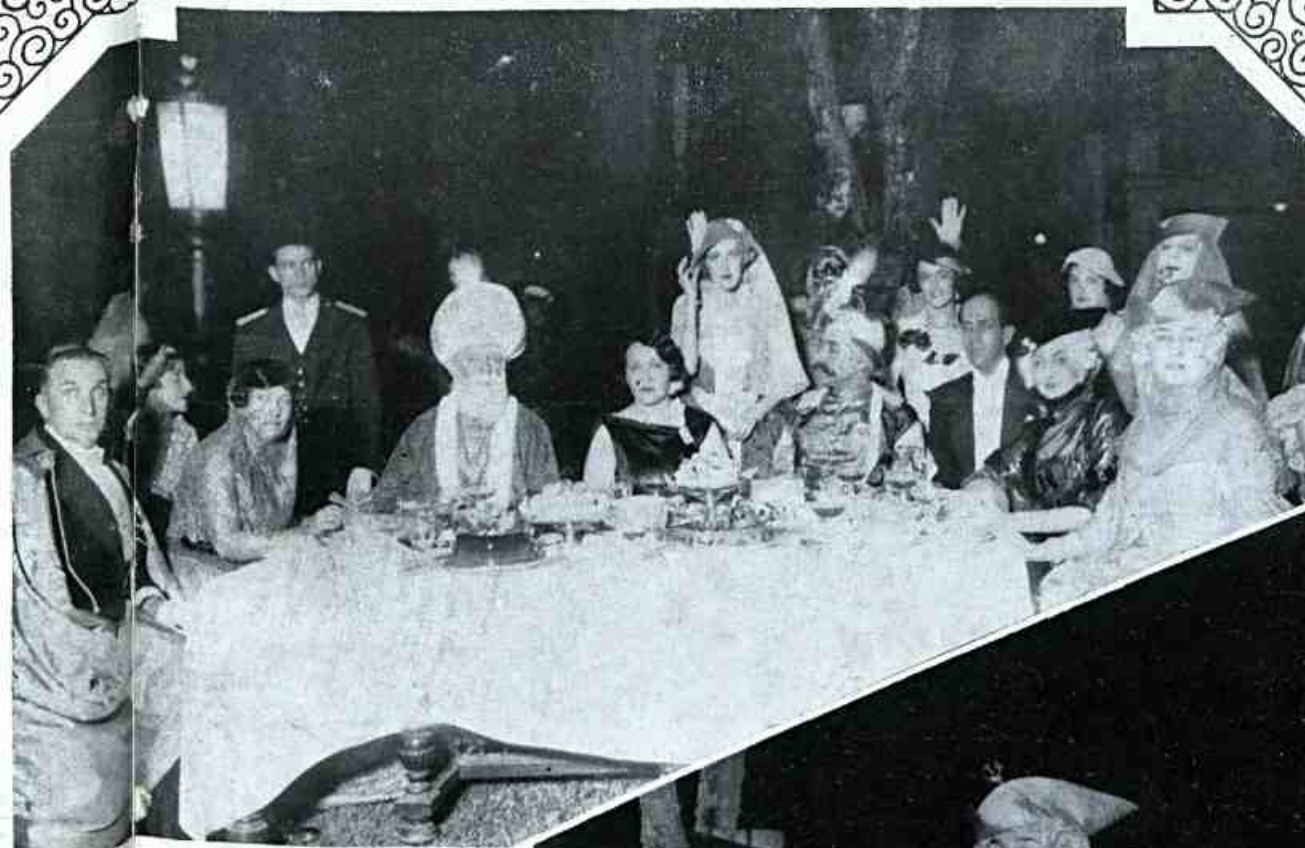
Ella não se deu bem com a vida nova.

Ao *outro* parece ter succedido o mesmo.

Por sua vez, o marido abandonado não se conformava com o isolamento que lhe fôra imposto pela ingrata...

Resultado: elle resolveu raptar a esposa, o *outro* conformou-se, ella achou bem...

Voltou tudo a ser como era dantes...

E póde ser até que o casal viva muito mais feliz, porque tudo é possivel sob a luz solar...

Por iniciativa do Centro Carioca, foi, sabbado á tarde, expressivamente reverenciada a memória do grande reformador da cidade, o engenheiro Francisco Pereira Passos, cuja passagem pela Prefeitura do Districto Federal se assignalou por um notável impulso progressista para a nossa capital. Junto ao monumento do antigo prefeito Pereira Passos, existente no pateo interno do edificio da Municipalidade, reuniram-se, sob a presidencia do interventor dr. Adolpho Bergamini, os amigos e admiradores do homenageado, falando, em nome de todos, e para recordar aspectos empolgantes da vida do illustre brasileiro, o dr. Caetano de Faria, orador official do Centro Carioca. Discursaram ainda o dr. Adolpho Bergamini e o sr. Carlos Penna, que produziram vibrantes orações enaltecendo a obra de Pereira Passos.

Revivendo o esplendor veneziano do seculo VXIII

A nota elegante da semana passada foi, indiscutivelmente, o baile á fantasia, em estylo veneziano do seculo XVIII, que o embaixador e a embaixatriz da Italia offereceram á sociedade carioca. Nos luxuosos salões e no parque da embaixada daquelle paiz amigo, os quaes receberam uma decoração typica, especial, moveram-se ás figuras de mais alta expressão da nossa «élite» social e na colonia italiana. As fantasias com que os convidados se apresentaram ao «bal-masqué» eram todas esplendentes de luxo e bom gosto, e emprestaram á linda festa um aspecto verdadeiramente da época revivida pelo embaixador Cerrutti e a senhora embaixatriz. A nossa pagina offerece barios flagrantes dessa noite memoravel para os corculos sociaes e diplomaticos da cidade.

Commemorando, a 27, de agosto, a passagem da data natalicia do dr. Octavio Mangabeira, ex-ministro das Relações Exteriores, actualmente na Europa, a Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, de que aquelle illustre patricio é muito digno juiz graduado, fez celebrar, no templo da sua Excelsa Padroeira, solemne missa em acção de graças pelo auspicioso acontecimento. A essa tocante iniciativa daquella communidade religiosa, assiciaram-se elementos do maior destaque na nossa sociedade, que encheram literalmente o lindo templo da rua da Alfandega. A gravura acima focaliza um flagrante colhido na nave central da igreja de N. S. Mãe dos Homens, no momento em que era celebrada a cerimonia religiosa, que obedeceu á pompa prescripta pelo ritual catholico.

NOVIDADES MUSICAES

"E ha muita gente por ahi que sabe..." — é o titulo de uma nova valsa-canção que a Casa Carlos Wehrs & Cia. acaba de editar e está sendo procurada com successo nos estabelecimentos musicaes desta capital.

São seus autores os srs. Bruno Sorelli, que compoz a musica, e Luis de Lacerda, que escreveu os versos.

Realizou-se quinta-feira penultima, na legação da Tchecoslovaquia, uma recepção que o encarregado de negocios daquelle paiz e senhora Crevárek offereceram em honra do illustre violinista Jan Kubelik, que se acha nesta capital, onde ceiu dar alguns concertos.

A propaganda do mate brasileiro na Europa vem sendo feita de modo a merecer os melhores encomios. Este anno, o nosso mate já figurou com exito em quatro importantes certamens europeus, como sejam: na Feira Internacional de Vienna, na de Milão, na de Bordeaux e, finalmente, em julho ultimo, na Exposição Colonial Internacional de Paris. As gravuras desta pagina representam, ao alto, um aspecto da ultima exposição do nosso mate, organizada pela Sociedade Olida, de Paris, vendo-se o nosso confrade Carlos Vianna, delegado da Propaganda, e os srs. Chapoux e Deteix, directores daquella Companhia; em baixo, o pavilhão do Brasil na Feira de Bordeaux, de junho deste anno, mantido pelo nosso consul ali, dr. Victor Cunha, com o concurso do sr. Carlos Vianna. Collocado ao lado da columna «30 de Julho», o pavilhão brasileiro, pela attracção e pelo interesse que despertou, foi o verdadeiro «clou» desse grandioso certamen.

FILIGRANAS

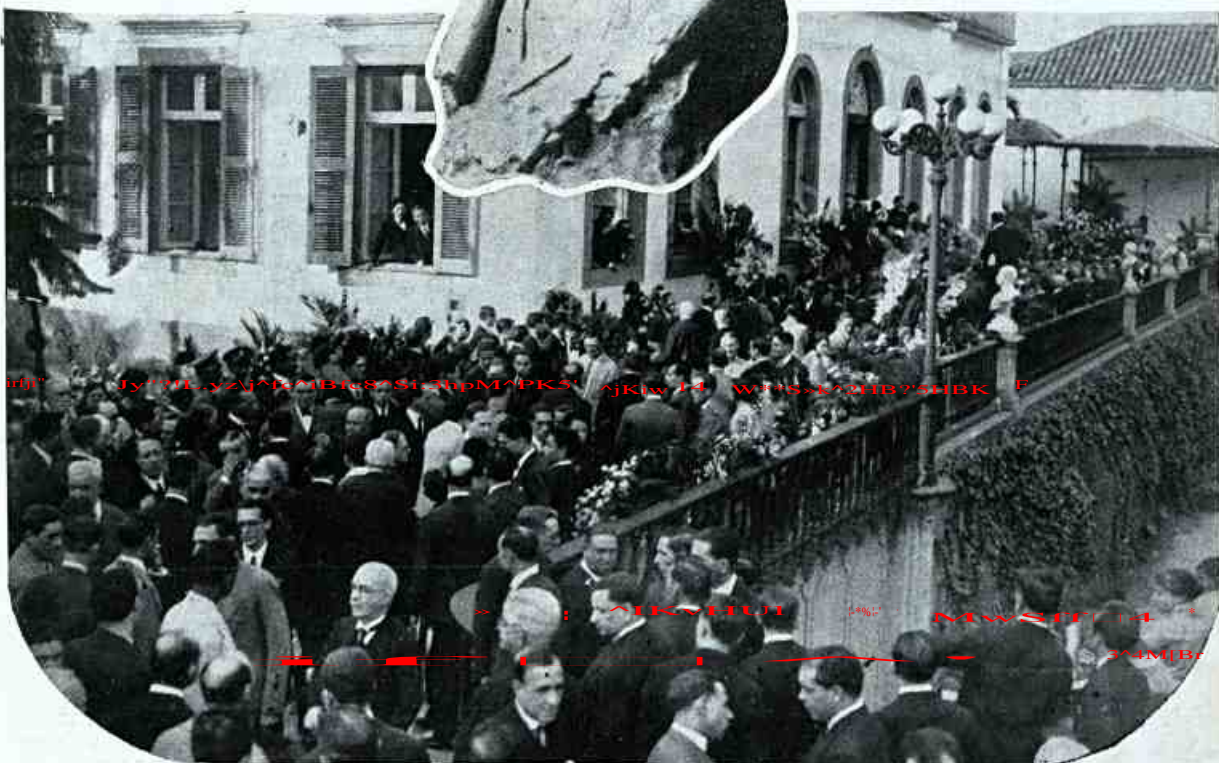
Poder-se-ia ajuntar uma grande bibliotheca si se reunissem todos os livros escriptos sobre a igreja do Santo Sepulchro de Jesusalem. Dezenas de exegetas lêem procurado provar que ella está erigida mesmo no lugar santificado pela paixão e morte de Nosso Senhor. Outras tantas dezenas se esforçam por demonstrar. Não importa. Pensemos no caso com o grande Schuré: "Que esse monumento cubra ou não o verdadeiro Calvario e o verdadeiro tumulo de Christo, não tem importancia. O facto é que é esse o lugar mais santo da terra. Porque o acontecimento que elle commemora e que o santifica é aquelle que mais profundamente modificou a face do mundo e a propria essencia da alma humana."

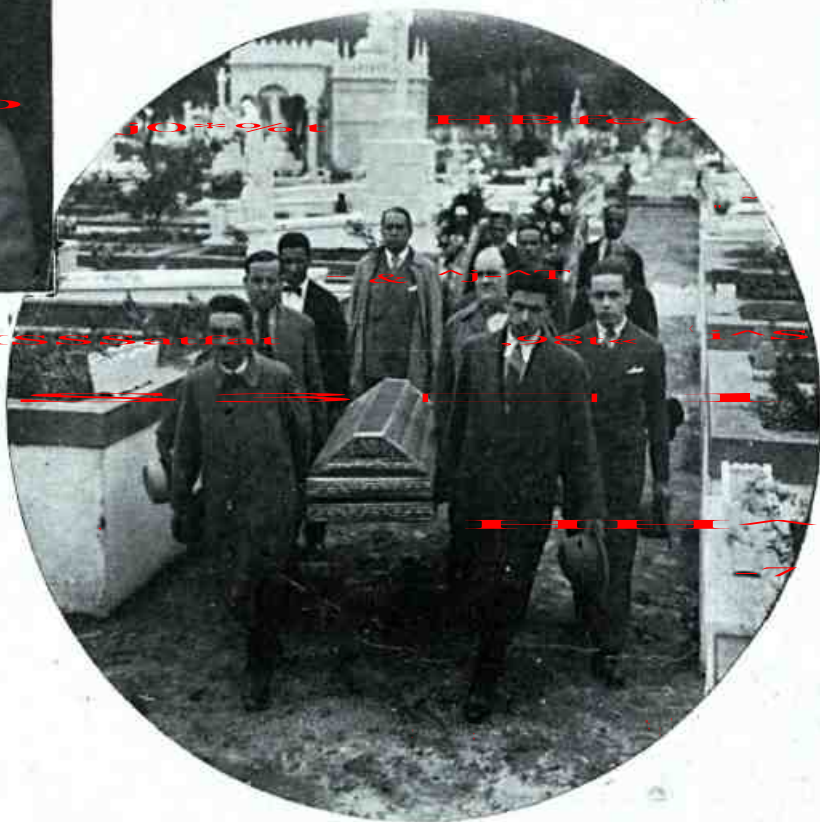
O professor Estellita Lins realizou, sexta-feira penultima, no Syndicato Medico Brasileiro, mais uma interessante conferencia, a 2.ª da série que alli está levando a effeito. O illustre urologista falou sobre assumpto da sua especialidade, numa linguagem accessivel a leigos, pois são ellas destinadas á educação popular. O conferencista foi muito applaudido pelos presentes.

Foi um concerto brilhante o que a notavel harpista catalã, sra. Léa Bach, realizou, ha dias, no theatro Casino. Oito harpas, com lavôres gothicos, encheram de harmonia e reflexos dourados esses minutos de belleza, que deram aos assistentes do recital a illusão da Idade Média. No concerto, brilharam, ao lado de Léa Bach, as senhoras Zuleika Bittencourt Sampaio e Diva Mendes, as senhoritas Jacy Lobato, Lavinia Guimarães Natal, Sonia Llobera e Anna Martins e as meninas Accacia Brasil e Nini Bittencourt Sampaio, lindas castellãzinhas de mãos leves como azas, que se revelaram dois talentos indiscutiveis na execução do instrumento de Erard e dos Cousineau.

Chegou de Nova York, a bordo do «Northern Prince», acompanhado de sua exma. familia, o industrial sr. Hyman Rinder, chefe da firma Hyman Rinder & Cia., que ha mais de dez annos representa nesta praça importantes fabricas e laboratorios norte-americanos, como os da afamada pasta «Colgate» e outros. O sr. Hyman Rinder regressa ao Brasil depois de longa permanencia nos Estados Unidos. O presente cliché fixa um aspecto do desembarque daquelle conceituado industrial.

UMA GRANDE FIGURA DA COLONIA PORTUGUEZA

A morte do visconde de Moraes, que ha dias surprehendeu a cidade, veiu ferir igualmente a sociedade brasileira e a laboriosa colonia portugueza. O visconde de Moraes era uma das figuras mais representativas e mais respeitadas do nosso mundo financeiro e industrial, e marcava o paradigma do trabalhador estrangeiro, integrado no amor da nossa terra, cooperando no seu progresso material e moral. Espirito emprehendedor, operoso, tenaz e de larga visão de negocios, era, tambem, um coração sinceramente inclinado a expressivos gestos de benemerencia e philanthropia, passando no mundo para fazer o bem. As photographias desta pagina representam, ao centro, o illustre morto no busto da autoria do esculptor Pinto do Couto, e ao alto e em baixo, aspectos do sahimento do cortejo funebre do edificio da Beneficencia Portugueza para o cemiterio de S. João Baptista.

FON-FON está de luto. O velario da tristeza e da saudade distendeu-se sobre o coração de quantos, aqui, se habituaram ao convivio, que nos era tão grato, de Francisco Macina — o ultimo veterano da velha guarda de FON-FON, desapparecido sabbado ultimo. Durante mais de vinte annos, com uma dedicação e uma pontualidade bem raras, hoje, Francisco Macina — prototypo de homem de bem, probo, honrado, educado — prestou á administração de FON-FON os melhores serviços. Era um Bom, na extensão da palavra, um desses seres privilegiados que se elevam, por si proprios, da condição mais modesta, affirmando, silenciosamente, sua personalidade, como expressão de caracter e de nobreza de sentimentos. Porque, «seu» Chiquinho, como lhe chamavamos na nossa intimidade, pertencia a essa estirpe de homens que constituem a aristocracia dos simples e dos bons, nobre como a mais nobre que o seja. Entre o seu labor de todo dia nesta Empreza, o aconchego da familia e a sua devoção de crente, repartiu elle toda a sua vida — essa vida humilde e simples que vem de desapparecer da terra para continuar a viver, porém, no culto da nossa saudade, da saudade que nos deixou o vácuo aberto com a sua ausencia material. Os homens realmente bons, são sempre assim: mesmo depois de mortos projectam a sombra bemfazeja de sua vida no coração da gente. Publicamos, aqui, a ultima photographia do nosso saudoso e querido companheiro de trabalho, e um aspecto do seu enterro no cemiterio de S. João Baptista, onde FON-FON reservou logar para o seu eterno repouso.

UM CASO PERDIDO E A SCIENCIA DO DR. FRANCISCO GUIMARÃES

A senhorita Luiza Bôra, que ha nove mezes chegou ao Brasil, procedente de Portugal, e é sobrinha do casal Francisco Carquejo — d. Adelia Theresa, foi, ha poucos dias, submettida a delicada intervenção cirurgica, na Casa de Saúde Dr. Francisco Guimarães, sendo seu operador esse illustre cirurgião que dá o seu nome áquelle conceituado estabelecimento hospitalar da rua Aristides Lobo, incontestavelmente um dos melhores, pela sua situação, pela sua direcção e pela sua apparelhagem technico-scientifica, da nossa capital.

A joven paciente soffria de uma appendicite supurada, o que constitue um caso bem grave para a sciencia. O dr. Francisco Guimarães examinou-a com a sua grande proficiencia clinico-cirurgica e diagnosticou aquella enfermidade serissima, determinando logo que a senhorita Bôra fosse operada.

Na Casa de Saúde Dr. Francisco Guimarães, onde foi internada, a paciente soffreu essa intervenção, realizada com exito pelo dr. Guimarães, que poz em acção todos os seus conhecimentos scientificos, toda a sua benemerencia, toda a sua dedicação no sentido de salvar a vida da senhorita Luiza Bôra. E o grande operador conseguiu o que muitos scientistas consideram um milagre, por se tratar de um caso perdido.

Assim, ficaram, nessa cura, mais uma vez patenteados os meritos excepcionaes que exornam a figura do illustre cirurgião brasileiro que é o dr. Francisco Guimarães.

A gravura que illustra a presente nota focaliza um instantaneo da senhorita Luiza Bôra quando, depois de restabelecida, deixava a Casa de Saúde Dr. Francisco Guimarães, acompanhada por seus tios e enfermeira.

Os aviadores americanos Boardman e Polando, que acabam de realizar um dos maiores «raids» de aviação, indo de Nova-York a Constantinopla, tiveram a mais expressiva recepção naquella capital. As photographias da nossa pagina focalizam os dois grandes «azes» quando eram recebidos pelo presidente Mustapha Kemal Pachá, vendo-se, em cima, no primeiro plano, da esquerda para a direita, o embaixador dos Estados Unidos, Mr. Grew; o aviador Boardman, o chefe do governo turco, o aviador Polando, e o ministro das Relações Exteriores da Turquia, sr. Ruchdu Bey. Ao centro, o presidente do Conselho de Ministros, s. ex. Ismet Pachá, collocando a Medalha da Aviação Turca ao peito do aviador Polando, que foi, com seu companheiro Boardman, condecorado pelo governo da Turquia. Em baixo, os pilotos dos Estados Unidos depositando uma corôa de flores naturaes ao pé do Monumento da Republica, em Constantinopla.

DIA 7 DE SETEMBRO
PALACIO THEATRO
(COMP. BRASIL CINEMATOGRAPHICA)
Lagrimas de Amor
(EAST LYNNE)
Direcção: FRANK LLOYD
Ann Harding
Clive Brook
Conrad Nagel
Uma luxuosa e romantica producção Fox Movietone
Um lindo romance de mulher, onde entre as esperanças duma felicidade eterna, ha o soffrimento de um coração de mãe!

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

Entre o marido e o homem que ella amava.

Lagrimas de Amor

Uma producção da "Fox"
dirigida por
Frank Lloyd

Interpretação de
Ann Harding
Conrad Nagel
Clive Brook

O conde de Mount Severn casava a sua filha Lady Isabel Vane com o nobre senhor Robert Carlyle, na igreja de São Paulo, em Londres, no dia 14 de setembro ás 2 horas da tarde.

Aquelle acontecimento social, que ligava duas seculares familias da velha Inglaterra, reuniu o "smart-set" londrino, no que tinha de mais refinado em Mayfair. Recebendo vibrantes felicitações, Lady Isabel não escondia a grande felicidade de que se achava possuida.

Entre os convidados notava-se o capitão Levison, figura perfeita de "gentleman" e de diplomata que era. Em tempos passados fôra um dos amorosos romances predilectos de Lady Isabel. Entretanto, ninguem comprehendeu a preferencia por Carlyle, que, embora rico, não tinha uma posição social, sendo um procurador judicial, deixando assim patente o grande amôr de Isabel pelo seu marido.

Para East Lynne, a mansão romantica, dirigiram-se os nubentes afim de que, num ambiente poetico e antigo, pudessem gosar as delicias de uma lua de mel que promettia ser eterna. E foram assim, entre os encantos de um lindo filhinho, decorridos dois annos, todos elles consa-

Sabiam muito bem que não casaram por amor.

O filho era o único encanto da sua vida.

grados aos encantos do lar. Entretanto, Cornelia, a irmã de Carlyle, nunca poude admittir aquelle casamento do qual foi o maior e o mais obstinado entrave.

Formulava-se promover um festival de caridade, e aguardavam para isto o regresso de Carlyle, que se achava em Londres; e como sugestão Lady Isabel alvitrara um baile a incluir no programma, para assim apresentar um attractivo para os moços. Este alvitre foi tomado pelos graves circumstantes como a violação dos costumes e as tradições seculares de East Lynne. Indignada e má, Cornelia, num requinte de offensa, compromette-se a tomar a direcção dos festejos, como sempre fizera nos annos anteriores. Sentindo-se naturalmente diminuida, Lady Isabel procura afogar as suas maguas, brincando com o seu querido filhinho William, a sua benção divina.

De regresso de sua viagem a Londres, Carlyle traz comsigo Levison, que, gosando as férias annuaes do corpo diplomatico, vinha a convite do seu amigo passar alguns dias no remanso de East Lynne. Sentindo-se abandonada, ella acceita a côrte de Levison, dando motivo a que Cornelia arme uma aviltante intriga, causando a ruina daquelle lar outr'ora tão feliz. Abandonando tudo, até o seu filhinho, Isabel foi curtir a sua desventura em Paris, procurando nas orgias o esquecimento para a sua dôr.

Levison, sabendo ter sido o causador, com a promessa de casar-se, ficou sendo o seu amante. Arruinados, Levison fôra forçado a solicitar a sua demissão do corpo diplomatico. Estoura a guerra franco-prussiana. Afflicta, Isabel quer voltar á Inglaterra, afim de vêr o seu filho. Paris está cercada. Começa o bombardeio incessante, e como louca, ella atravessa as linhas do cerco prussiano, e numa explosão de granada fica ferida nos olhos.

Submettida a uma intervenção cirurgica, os medicos affirmam que o seu nervo optico não correspondeu ao tratamento, por isto seria preciso permanecer em repouso num aposento escuro. Mas era impossivel e assim parte para East Lynne, onde ás escondidas, com a protecção de Joyce, a ama secca de William, ella vê pela ultima vêz o seu filhinho adorado. Expulsa mais uma vez pela severidade de Carlyle, que com o divorcio havia se casado outra vez, Joyce não se contém e diz que iria com Lady Isabel. "Nunca vi ninguem tão cruel quanto o senhor; além de ter sido unico responsavel, ainda a enxota agora, que ella está só, e céga!"

Sim, ficára céga, mas com os olhos cheios de sua adoração suprema, que era a imagem do seu William querido. Tateando nas trévas, Lady cahe num precipicio e morre!

Carlyle, tomando-lhe o inanimado corpo, leva em seus braços a sua primeira esposa, a mesma nobre Lady Isabel, que elle uma vêz expulsára de casa!

O vestido de noivado.

Aventuras de Tom Sawyer

Um film da

"Paramount"

Interpretado por

Jackie Coogan
Mitzi Green
Junior Durkin

Amo-a!

COMO todos os meninos de doze annos, Tom Sawyer era extremamente curioso. Orphão desde tenra idade, teve elle a sorte de encontrar em sua tia Polly uma segunda mãe, que o creou e educou o melhor que poude. Apesar de pobre, a tia Polly tinha uns pequenos rendimentos que lhe davam para viver e para manter a Tom Sawyer, a seu sobrinho Sid e a sua sobrinha Mary.

Tom Sawyer brincava com o seu camarada Huckleberry Finn, um pobre menino de seus quatorze annos, que mal tinha o que comer, porque o pae se embriagava constantemente.

Uma voz bem conhecida de Tom, porém, fez-se ouvir nesse momento. Era a tia Polly que o chamava.

Foi quando lhe appareceu Sid.

— Tom, disse-lhe elle, foste tu que comeste minhas maçãs?

— Não fui eu, mas como as tuas maçãs desappareceram, vou dar-te um apito.

— Então mostra-me a outra mão! Eu bem te conheço! Tu dás com a mão direita e tiras com a esquerda!

— Não é verdade! Todas as vezes que eu te dou qualquer coisa, só te faço uma surpreza. Da vez passada esborrachei-te um tomate maduro na cara!

— Ora, Tom, retorquiu Sid, tu andas nervoso, porque a tua namorada Becky não quer saber mais de ti!

— Escuta, Sid, se tu tornares a falar nisso, torço-te o pescoço!

— Bem, não direi nada a ninguém, se tu me devolveres a canna de pescar que me tiraste.

Uma completa transformação.

Iam separal-o dos seus amigos.

E ao dizer estas palavras, Sid preferiu fugir, porque Tom se preparava para brigar com elle. Minutos depois, Tom encontrou-se com Huckleberry e disse-lhe:

— Onde guardaste o gato?

— Está bem escondido, e hoje á noite poderemos fazer a nossa experiencia no cemiterio. Tu não tens medo?

— Não tenho. A' meia noite estarei no cemiterio.

Os dois amigos separaram-se e Tom foi encontrar-se com Becky, que voltava da sua lição de violino.

— De que é que você gosta mais? — perguntou-lhe elle.

— De doces, respondeu-lhe a innocente Becky.

— E eu gosto de ir ao circo de cavallinhos. Quando fôr homem, vou escolher a profissão de palhaço!

— Que graça!... — exclamou Becky. Dizem que os palhaços ganham muito dinheiro.

— Dize-me uma coisa, affoitou-se Tom a segredar-lhe, tu tiveste um noivo?

— Não tive, nem quero ter! Eu não penso nessas coisas.

— Queres ter um? E' coisa facil! Tu dizes que só gostas de mim e eu dou-te um beijo.

— Um beijo! Para que fim?

— E' da praxe! Todos os noivados acabam num beijo!

— Tom, eu não me posso esquecer do sacrificio que fizeste na escola por mim. Lembras-te quando eu desenhei o retrato do mestre com uma cara muito feia? E tambem te lembras da cara que o mestre fez quando viu o retrato em cima da carteira? O castigo que elle me ia dar era terrivel e tu disseste então que o retrato fôra desenhado por ti, salvando-me assim do castigo! Lembras-te?

— Sim, e tambem me lembro das palmatoadas que elle me deu!

— Pois bem, Tom, eu

(Conclue nas pags. 50 e 51).

Despedida cruel.

a Paramount

apresentará brevemente

JAKIE COOGAN

o menor dos grandes artistas

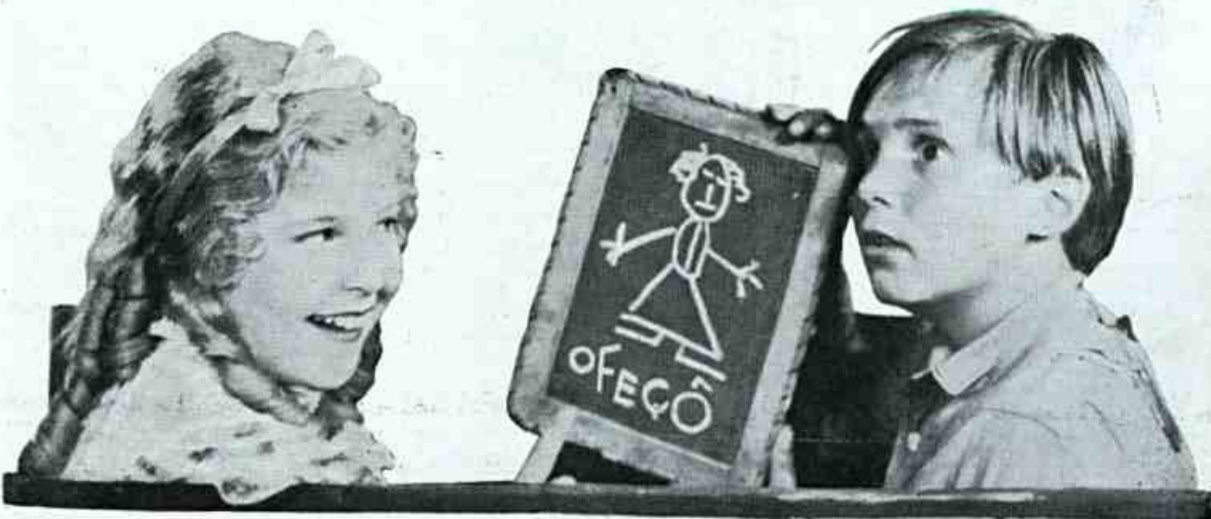
e MITZI GREEN

em

AVENTURAS DE TOM SAWYER

uma formidavel comedia para

MOÇOS, CRIANÇAS e VELHOS

da famosa novella de MARK TWAIN

O RESGATE

DE ANDRÉ BIRABEAU

ELLE dirigia uma grande empresa. Ella era uma das mecanographas da casa. Um dia, elle entrou no escriptorio. Nunca se falava ali. Mas, quando elle entrava, tinha se a impressão de que o silencio era mais completo, mais profundo. Elle era um homem grande, com pés pesados, com mãos longas e uma voz sêcca de delgado em um corpo de gordo. Tinha uma vista que divisava os grãos de pó, um modo de falar que sabia dizer a palavra justa de censura, a que não se podia responder. Nesse dia, fez algumas observações sêccas aqui e ali, e depois se deteve deante della.

— Senhorita Marsat, quer vir a meu gabinete cinco minutos?

Ella corou. Empallideceu depois.

— Que fizeste? — cochicou-lhe sua collega mais proxima.

Procurou ansiosamente o que pudesse ter feito. Não o encontrava. Na porta do gabinete ficou um minuto, contendo a respiração, sem se atrever a chamar-lhe a attenção. Installou-se deante da machina de escrever, e esperou. Elle olhou-a, e, subitamente, lhe disse:

— Senhorita, chamei-a para fazer-lhe uma proposta. Responder-me-á apenas sim ou não. Eil-a aqui: quer ser minha mulher?

Ella não ouviu as palavras que disse depois. Estava emocionada, suffocada. Seus nervos se contrahiam. O coração pulsava-lhe violentamente. Occultára o rosto com as mãos. De quando em quando lhe chegava aos ouvidos: uma palavra: "Ha muito tempo lhe aprecio as qualidades... Séria... A sympathia... Um companheiro..." O que a despertou foi ouvir sua voz impaciente, sua voz de patrão, que dizia:

— Então, responda-me!

E ella respondeu precipitadamente:

— Sim, senhor... Sim, senhor...

Elle concluiu, fazendo-a levantar-se e abraçando-a:

— Sou feliz ao ver que estamos de accôrdo.

E foi assim que ella se casou.

* * *

Casada com elle! Não sabia si era feliz ou desgraçada. Seus pensamentos estavam tão suffocados! Tambem seus sentimentos manifestar-se. Experimentava um reconhecimento tremulo; uma satisfação cheia de calefrios. Estava installada em sua situação de esposa como em um quarto de hotel: nada lhe pertencia ali. Não tinha a menor commodidade e só parecia estar de passagem. Um hombro onde se pousa a cabeça com abandono é como uma cadeira onde se gosta de sentar. Ella não se atrevêra a pousar sua cabeça sobre o hombro do senhor Puisson...

Pensára no casamento alguma vez. Quando se é mulher não se chega aos vinte annos sem pensar no casamento. Então ella pensava no casamento de sua mãe, no casamento de sua irmã, no casamento de sua amiga Luciana. Sua mãe casára-se com um pobre homem que só fazia a vontade de sua mulher, entregando-lhe o seu ordenado no fim do mez e pondo-lhe a sôpa na mesa. Sua irmã casára-se com um homem terno, doce, que não tinha voz altiva deante da esposa. Luciana casára-se com um bom rapaz que se matava para fazêl-a feliz, e que se assustava quando ella amarrava a cara. Seu marido não se parecia, certamente, com qualquer um desses tres. Seu marido, deante della, era o senhor Trisson...

Quando falava sobre elle, não dizia "meu marido", mas o "senhor Trisson". E na intimidade dizia-lhe "meu amigo". Mas elle não era seu amigo. Era sempre o patrão. Casando-se com ella, não fizéra mais do que promovêl-a, augmentando-lhe o ordenado. Para os homens energicos, uma mulher que é a pessôa que está mais perto delles, não passa da primeira pessôa a quem dão suas ordens.

Admirava-o, certamente. Tivéra sempre tanto médo delle! Estava orgulhosa de ter sido escolhida por elle. Mas, ás vezes, pensava no marido de sua mãe, que punha humildemente a sôpa na mesa; no marido de sua irmã, que tinha sempre necessidade de ser consolado; no marido de Luciana, que estava sempre tão ardentemente ao serviço della... E então se desolava, se curvava como sob uma chuva, via uma série interminavel de dias obedientes, temerosos e resignados.

Não é que elle fosse máo. Era forte, simplesmente. Nem siquer se sentiam desejos de lutar contra elle. Era de tal modo superior! Ella não tinha nem mesmo o consolo obscuro e secreto de uma des-

sas vinganças de mulher. Elle não era desses a quem se tráe.

Quando se olhava em seu espelho, via a pelle fresca, as faces rosadas, os olhos claros de seus vinte annos. Mas sentia que já attingira a velhice, porque se é velho desde o momento em que se está resignado.

Tinha muitas joias, muitas criadas. Dançava nos salões. Corria com personagens celebres. Viajava tambem. Quando seus negocios o obrigavam a ir a algum bello paiz, elle a levava em sua companhia. Viu correr o Rheno, viu brilharem os lagos italianos, bebeu rignewihr e comeu os *gelati*. Um dia, elle ordenou:

— Prepara as valises. Seguimos amanhã para Argel.

Ella obedeceu com um pouco de alegria. Agradava-lhe a travessia do mar. Nunca viajára em vapor. Também elle, por outro lado.

No porto, balançava o paquete. Sobre o céo azul havia pequenas nuvens brancas. Sobre o azul das ondas havia tambem pequenas nuvens brancas... O paquete começou a mover-se para sahir.

O senhor Trisson descêra a seu camarote. Ella desceu um pouco mais tarde, quando tinha os olhos bem cheios dessa immensidade. Elle estava deitado, muito pállido, com os olhos fechados... Quando ouviu o ruido da porta abrindo-se, chamou-a: "Germana!"

Era um grito de angustia. E elle o soltára com uma voz tão terna!...

— Fica aqui... Não me deixes...

Elle supplicava-lhe, e com uma voz tão terna!... Era a primeira vez que ella lhe ouvia essa voz... O senhor Frisson tinha um rosto desfallecido, molle, e uma attitude de desanimo completo. Já não passava de um pobre homem vencido, um pobre homem desgraçado, um pobre homem supplicante, um pobre homem... Parecia-se, a um tempo, com o marido de sua mãe quando lhe entregava o dinheiro do ordenado; com o marido de sua irmã quando lhe obedecia; com o marido de Luciana quando mendigava uma caricia...

Ella fez um gesto. Elle teve mêdo, e gemeu:

— Germana!... Minha querida... minha querida, não me deixes... Estou muito mal... Estou muito mal...

No emtanto, elle só estava com enjôo.

Ella se aproximou delle, docemente. Sorriu... Podia elle, então, ser fraco tambem?... Já não o admirava. Já não tinha mêdo delle. Sorria... Não sabia si ia começar a amál-o verdadeiramente ou si ia deixar de amál-o por completo. Mas sentia perfeitamente que estava resgatada...

recompensa ficarei sendo agora tua noiva!

Um beijo estalou nos labios de Becky que, envergonhada, correu, desapparecendo na primeira esquina.

A' meia noite, Tom fugiu de casa e foi encontrar-se com Huckleberry no cemiterio.

— Os mortos não hão de gostar da nossa presença aqui, disse Huckleberry a Tom.

— Acho que não, contestou Tom, eu estou impressionado com este silencio profundo!

— Eu acho melhor treparmos numa arvore! Poderemos ver melhor!

— Tambem eu! O phantasma passará sem nos ver!

— Julgas que o defunto Williams pode ouvir-nos?

— Defuntos não podem ouvir nada... mas a alma delle pode!

— Eu tenho pena do velho Williams! Era um bom homem!

— ¡Cuidado, os phantasmas podem ver no escuro como os gatos! Subamos para a arvore!

Os dois rapazes treparam, mas em vez de phantasmas, viram tres homens que elles conheciam bem. Dois eram de raça branca e chamavam-se Potter e Robertson e o terceiro era o indio Joe, que apressadamente principiou a excavar uma sepultura.

— Robertson, nós queremos mais dinheiro, disse-lhe o indio, roubar sepulturas é um crime perigoso! A pena é de cadeia perpetua!

— Vocês pediram o dinheiro adeantado, replicou Robertson, e eu paguei-lhes sem regatear.

— Bem sei, mas foi pouco o que você nos pagou, redarguiu o indio. E, além disso, nós temos outras contas a ajustar. Você ameaçou-me de me denunciar á policia!

E, ao dizerem estas palavras, tanto o indio como Potter avançaram contra Robertson. Este, para se defender, prostrou Potter com um forte soco, no chão sem sentidos, e o indio, furioso, atravessou uma faca no peito de Robertson, que morreu instantaneamente.

— Desta vez as contas ficam ajustadas para sempre, resmungou o indio.

— Joe, que aconteceu?... perguntou Potter ao indio, assim que recuperou os sentidos.

— Potter, você matou Robertson! Você é um assassino!

— Fui eu! Que horror! Mas eu não me lembro de nada!

— Sim, foi você! Lembre-se que você atacou-o antes de mim!

— Joe, foi sem querer! Não digas nada a ninguem!

— Nada de lamurias, Potter! Foge por este la-

AVENTURAS DE TOM SAWYER

(Conclusão)

do e eu fugirei por aquelle! Adeus!

De cima da arvore, Tom e Huckleberry, espavoridos, presenciaram o horrivel crime, e instantes depois sahiam, correndo, do cemiterio.

No dia seguinte, Tom e Huckleberry, mais calmos, resolveram tomar uma decisão sobre o que deviam fazer.

— Se alguém nos viu entrar e sahir do cemiterio, opinou Tom, iremos ambos parar na prisão.

— A' meia noite todos estavam dormindo! Ninguem nos viu.

— Supponhamos que o indio Joe nos viu! E a primeira coisa que elle vae fazer, sei eu! Vae enforcar-nos!

— Mas elle não nos viu! Nós é que devemos jurar que não denunciaremos um ao outro.

— Concordo! Levantemos as mãos ao céo e façamos um juramento.

— Isso não é sufficiente! O juramento tem que ser feito por escripto e assignado com sangue.

Dito isto, Tom escreveu o seguinte numa folha de papel: «Huckleberry Finn e Tom Sawyer juram guardar o segredo do cemiterio e se o revelarem, a sentença será de morte».

Tanto Tom como Huckleberry deram um golpe num dedo e o juramento foi assignado por ambos com o sangue de cada um.

— Eu tenho vontade de atirar-me ao rio, disse Tom.

— E eu tenho vontade de fugir de casa, affirmou Huckleberry.

— Sabes duma coisa? O melhor é fugirmos para a Ilha de Jackson! Passaremos o tempo pescando e brincando de piratas.

A idéa foi por ambos approvada e horas depois os dois heroes desembarcavam na ilha.

— Você sabe muito bem, declarou Tom, que uma quadrilha de piratas enterrou um thesouro nesta ilha.

— Então vamos procural-o, aconselhou Huckleberry.

— E, como todos sabem, quem é pirata fica com o que é dos outros!

— A vida dos piratas é divertida! Queimam barcos e escondem o dinheiro!

— Sim, mas primeiro vamos capturar aquelle barco!

— Approvado! Você é o pirata «Braço de Ferro» e eu sou «O Terror dos Mares»!

— Basta de pirataria! Eu acho melhor escolhermos outra historia!

— Uma historia de indios!

— Então eu sou o chefe. Vae na frente e avisa-me quando encontrares homens brancos, e não te esqueças que um indio nunca esquece uma offensa e tambem não a perdôa.

Neste momento, porém, ouviu-se a detonação de um tiro! Os dois rapazes encolheram-se com medo e depois ouviram vozes, que attentamente escutaram.

— Com certeza, elles morreram afogados! O casaco de Tom foi encontrado na outra margem do rio. Se os cadaveres forem encontrados, o enterro será na terça-feira, e se não forem, as exequias celebrar-se-ão nesse dia.

Tom e Huckleberry esperaram até terça-feira e pela madrugada penetraram, sem que ninguem os visse, na igreja, em cujo adro estava armado um grande catafalco. A's dez horas principiaram as exequias e o padre lembrou então das bôas qualidades dos defuntos:

— Infelizmente, observou o padre, Tom e Huckleberry morreram, mas pensemos por alguns instantes que elles estão aqui, porque ambos ainda preenchem o logar que occupavam em nossos corações. Tom Sawyer sempre foi modesto e bondoso e Huckleberry sempre foi um filho obediente. Ambos morreram afogados no grande rio, deixando-nos pesarosos e tristes, mas certos de que mereceram a bemaventurança eterna.

Seguiram-se depois as orações da praxe e as exequias terminaram.

Ha sorrisos que nascem de uma lagrima e o desenlace que este phonofilm apresenta, então, põe-nos o espirito numa suave harmonia com o seu vibrante enredo, deixando ao mesmo tempo gravadas em nossa alma aprazíveis recordações.

Os PANCAKES, tão populares nos Estados Unidos, quando feitos com Farinha BUDA NACIONAL — finissima e insubstituivel na confecção dos melhores manjares — são deliciosos e proprios para a merenda. Eis a sua receita:

Bata 2 ovos e addicione 2 chicaras de leite. Peneire duas chicaras e meia de Farinha BUDA NACIONAL juntamente com uma colherinha de sal duas colherinhas de fermento 'Dr. Oetker' e tres colhores de assucar. Misture tudo e bata muito bem batido. Addicione uma chicara e meia de manteiga derretida (das de café) e bata mais uma vez a massa do Pancake.

Asse ás colheradas (duas para cada Pancake) em uma chapa quente ou, na falta, em uma frigideira de ferro ao lume. Polvilhe assucar e canella. Esta receita dá para vinte Pancakes, que devem ser servidos emquanto quentes, á hora da merenda.

MOINHO INGLEZ

FARINHA EM SACCOS DE CINCO KILOS

BUDA NACIONAL

EM CADA ANNUNCIO UMA RECEITA NOVA

O MORTO PROVISORIO

De PIERRE MILLE

ACABO de encontrar Miguel. Elle é, actualmente, proprietario de uma garage, cujos negocios correm muito bem. Senti grande prazer ao revel-o, o que, desde a guerra, não acontecia.

Porque eu fiz a guerra, e elle tambem. Mas, eu e elle em condições um tanto especiaes. Eu tinha sido reformado por albuminaria. Uma pandega de albuminaria que não me impedia nem de beber, nem de comer, nem de dormir. Que não se leve a indiscreção ao extremo de me serem pedidas informações sobre o mais... Apenas, de tempo a tempos um pouco de tortura, de vertigem. Considerando que isso não tinha a menor importancia engagei-me no corpo de automobilistas militares.

Confiaram-me um caminhão. Depois, o que tinha de acontecer, aconteceu. A' primeira vertigem, o serviço de saúde, que funccionava com a regularidade de um systema planetario, sem se preoccupar com os casos excepcionaes, apesar dos meus protestos, enviou-me para o hospital: "Tem ou não tem albuminaria? Tem. Logo... Tem vertigem? Tem. Logo... não póde dirigir um caminhão, porque acabará amassando todo mundo!"

Do hospital removeram-me para um abrigo de convalescentes. Emfim, porque não? O homem se locomove e Deus o dirige. Se o serviço de saúde não queria que eu servisse a minha patria, mesmo na modesta funcção de "chauffeur", eu seria bem idiota em insistir, fazel-o, querendo porque queria... Foi nesse abrigo, ou deposito de convalescentes, que encontrei Miguel.

Era um bom rapagão, de vinte e quatro ou vinte e cinco primaveras. Tinha boas côres, de rosa vermelha e fresca, era reforçado de carnes e parecia tão resistente como uma rocha. Seu unico mal era uma afflictiva necessidade de acção, de luta, que elle não sabia como exercer.

Como é habitual e commum nesses logares destinados ao restabelecimento da humanidade guerreira, mas cambaleante trocámos a inevitavel pergunta:

— Que tens? — perguntou-me Miguel.

— Eu? Nada. E tu?

— Nada, tambem. Estive um pouco adoentado dos olhos, mas já passou. E não é por isso que estou aqui. Se estou é porque já não existo mais. Sou homem morto, meu velho, tal como me vês aqui. Então, já que estou morto, estou fóra da guerra! E eis tudo!...

Esperei, paciente e calmamente, que Miguel me explicasse sua situação. Tenho por principio nunca me apressar. Se elle me estivesse dizendo que lhe faltavam os dois braços, as duas pernas, e mesmo, a metade do corpo, embora eu estivesse vendo que não, ainda assim não o interromperia. De resto, havia tanta coisa extraordinaria nessa epoca! Por isso, para falar, contentei-me em dizer:

— E' verdade que ha doenças assim. Doenças de medico. A minha, por exemplo...

— Se te digo que não estou doente e que ninguem me julga doente! A ti, ao menos, consideram doente. Não é o meu caso. Meu caso é que realmente estou morto, o que é bem differente. Passo perfeitamente bem; todo mundo, aqui

sabe que estou perfeitamente bom, mas que estou morto.

Naturalmente, e só com os meus botões, disse para mim proprio: "E' um louco." A guerra puzera maluco tanta gente, e havia muito de que se endoidecer... Assim pensando, tratei de chamar o louco á razão:

— Se estivesses morto não terias direito á ração, tem paciencia. E tu comes a tua ração!

— Sou um morto que come, eis tudo. Comprehendeu bem, e não penses que estou "gyraudo". Estava na cavallaria. Mesmo nos caçadores montados que são o que ha de melhor na cavallaria. Ha uns seis mezes atraz enviaram-me, numa conducção de cavallos, a Saint-Denis. Que sorte, heim? Saint-Denis é como se se dissesse Paris. Mas pelo caminho, havia uma poeira... uma tal poeira!... Não sei que diabo de argueiro entrou-me no olho... O que é certo é que, ao chegar a Saint-Denis estava com o olho esquerdo todo inflammado... Sequer não podia fazer uma peregrinagem a Londres, e a "coisa" aborrecia-me, punha-me fóra dos trilhos... Em Saint-Denis fui a exame. Não sei bem o que me disse o major-medico: blépharite, ou conjunctivite... Aliás, isso não tem importancia. O importante é que elle me mandou para cá, para me lavarem os olhos não sei com que, dizendo que eu aqui permanecia por uns quatro ou cinco dias. "Chego; pensam-me, dão-me uma permissão para ir a Paris, se quizesse e demorar até oito hoars da noite. Como tratamento, nada mal. Era um excellente tratamento, facil de seguir, sobretudo em viagem. No dia seguinte e no outro, o mesmo jogo... No quarto tinha as palpebras como as de uma primeira-commungante. Então, o major-medico, disse:

"— Não tem mais nada, este homem! Está completamente curado. Dêem-lhe os seus papeis e o reenviem ao seu corpo. Acabou-se a boa vida, heim?" Mas, eis que chega um enfermeiro e diz:

"— Senhor major, senhor major não se encontram os documentos do homem!

"— Como grita, o major-medico, damnado da vida porque haviam extraviado os meus documentos! Foi uma scena."

"— Senhor major, é que elle se chama Miguel — disse o enfermeiro, que já não sabia a quantas andava.

"— Muito bem! Muito bem! E que elle se chamasse Millerand? Ou Poincaré? Ou Clemenceau? Então, isso é razão para que desappareçam os seus papeis?

"— Mas, senhor major, disse o enfermeiro, é porque houve quatro Migueis, no deposito de convalescentes, ao mesmo tempo que elle. E tres partiram emquanto elle estava lá. A um desse, com certeza, em vez de uma deram-se duas carteiras... Natuarlmente, tambem a delle. O mesmo nome... O sr. major comprehende... Agora, não ha mias nenhuma para elle...

"— Inferno dos infernos! E para onde, agora, encaminhar um homem que não tem mais os seus papeis? gritou o major-medico. Como quer que eu saiba quem é e para onde deve ir? Este homem não existe mais! Que encontrem os seus documentos primeiro. Depois, veremos. Por emquanto..." Reflectiu um momento, e concluiu:

"— Em subsistencia!

— E' como lhe digo, concluiu Miguel. Estou aqui em subsistencia, muito embora já não exista. Ha um anno que se procura, sem achar, a minha carteira. Nem encontrarão mais esses malditos papeis. E tudo isso por causa do meu nome, que é muito commum. Ha Migueis que foram mais espertos do que eu, juntando qualquer coisa ao nome: Miguel de Bourges, Miguel d'Etampes, Miguel Archanje. Eu nunca pensei em tal: nem meu pae, nem minha mãe. E sou um homem, de facto, morto, até que achem esses papeis, que não encontrarão mais nunca. Estou morto, administractivamente morto, como te disse, e devido á guerra, que não me matou...

— Mas, tu ressuscitarás, quando vier a paz!

— Talvez que sim. Tens razão. Não deixo, porem, de ser um morto... Um morto provisorio... um morto á procura da sua vida. Apenas, na paz, poderão fuzilar-me como desertor, se o meu pelotão me descobre...

— Tu te enterrarás até á amnistia.

— Sim, naturalmente... Mas não deixa de ser idiota tudo isso, apesar das vantagens. E, depois, acredita, quantas vezes vi-me passar sob o Arco do Triumpho!

* * *

Hontem, quando revi o meu caro Miguel, na sua garage, lembrei-lhe esse sonho heroico. Elle sorriu vagamente. Estava tão longe, agora, tudo isso!

— Dize, Miguel, dize, então, Miguel!...

— Dizer, o que?

— O soldado Desconhecido não será, talvez, tu proprio?

— Olha... pois ainda não tinha pensado nisso...

BOLO "FUDGE"

Para esta apreciada qualidade de bolo, necessitamos reunir os seguintes ingredientes: 1/4 chicara de manteiga, 1 chicara de assucar, 1 colher de chá de extracto de baunilha, 1 1/2 chicara de farinha, 1 1/2 colher de chá de pó Royal, 1/2 colher de chá de sal, 2 quadrados de chocolate e 1 ovo. Preparamos, começando por bater a manteiga e addicionando devagar o assucar e os ovos, não batidos. Batemos, bem durante alguns minutos e juntamos, então, a baunilha e o chocolate derretido. Depois, juntamos a um pouco de agua uma parte dos ingredientes seccos peneirados e reunidos e vamos misturando aos poucos, até o fim. Para assar, usamos uma fôrma quadrada, untada e ligeiramente enfarinhada e levamol-a a fôrno moderado, durante meia hora. Terminado esse tempo, retiramos e deixamos o bolo esfriar na propria fôrma e cobrindo-o, na grossura de um dedo, com o seguinte coberto de chocolate:

1 1/2 colher de sopa de manteiga, 2 chicaras de assucar de confeiteiro e 1 1/2 quadrado de chocolate fino, derretido em 4 a 5 colheres de leite quente. Preparamos esse coberto, começando por bater a manteiga e juntando, gradualmente o assucar, o chocolate e o leite, sómente em quantidade para dar uma consistencia que nos permitta usal-o grosso. Terminado o trabalho da cobertura, fazemos esfriar o bolo, cortando-o depois em quadrados de cinco centimetros para servil-o aos nossos convidados.

AS RECEITAS ANTIGAS

Frequentemente ouvimos as donas de casa se queixarem de que as suas receitas de doces já estão muito usadas e das difficuldades que encontram em renoval-as, com receitas novas e que não obriguem ao uso de ingredientes caros.

Ha, porém, uma infinita variedade de doces deliciosos e que não são muito empregados. Um exemplo, temos nos chamados "puffs" ou "éclairs", que todo o mundo conhece, mas que, não obstante, poucas pessôas preparam, porque pensam que são difficeis.

Para provar que nada existe de menos verdadeiro, vamos dar uma receita que nos permitte, commoda e facilmente, confeccional-os em nossa propria casa. E' uma receita já bastante experimentada e, por isso, seguida á risca, não causará decepções, mesmo ás pessôas que a usarem sem muita pratica de fazer doces.

"Puffs" ou "éclairs" de crême

Ponha-se 1 chicara de agua fervente e 1/2 chicara de banha numa panella. Deixa-se ferver bem e deita-se, então, de uma só vez, 1 chicara de farinha peneirada já temperada com 1/8 de colher de chá de sal.

Mexa-se vigorosamente e retire-se do fogo logo que estiver misturado, deixando-se esfriar. A seguir, deitam-se 3 ovos, um de cada vez, addicionando depois, 2 colheres de chá de pó Royal. Bate-se bem e enche-se, ás colheradas e separadamente, uma fôrma untada, fazendo em rodelas com uma colher molhada.

Leva-se a forno quente, assando por espaço de cerca de 25 minutos ou até que os "puffs" fiquem bem "soufflés" ou inchados, de côr marron claro e bem assados.

Estes "puffs" podem ser recheiados com o recheio que damos abaixo. Si dispuzermos de morangos, podemos fazer uma sobremesa finissima, misturando esses fructos, esmagados e assucarados, com crême. Para levar á mesa, podemos servil-os simples, polvilhados com assucar ou cobertos com crême de chocolate ou de café.

Os "éclairs" são feitos e assados da mesma maneira como os "puffs" de crême, sendo preciso, porém, saquinhos de fôrma, para se lhes dar o feitio proprio.

Este é o recheio que aconselhamos para os "puffs" de crême:

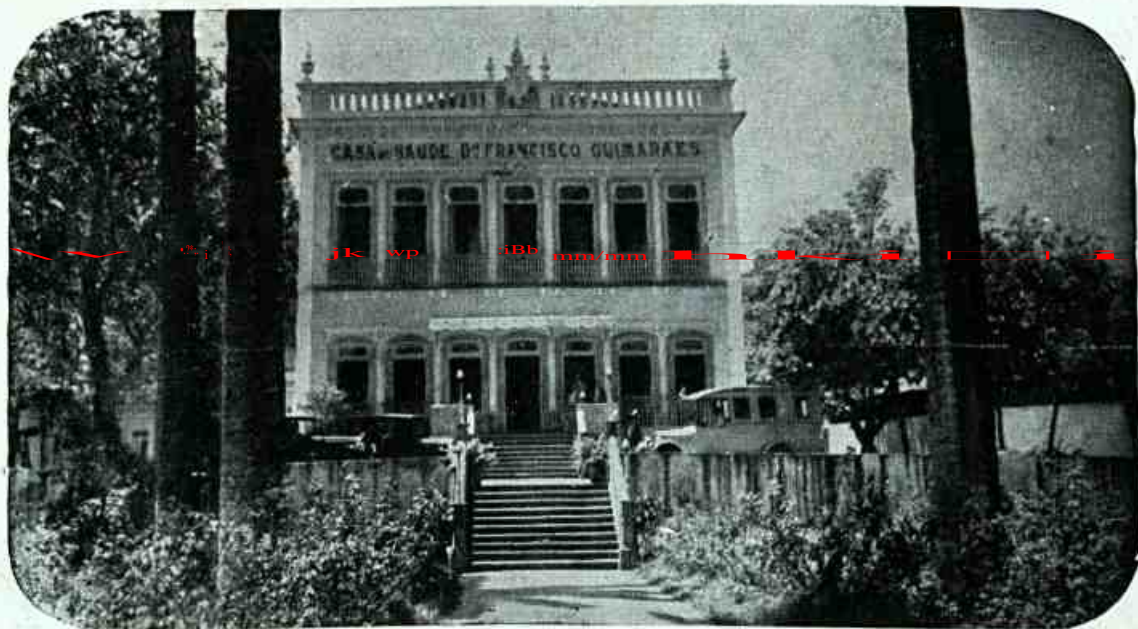
1/2 chicara de assucar, 2 colheres de sopa de maizena, algumas pitadas de sal, 1 chicara de leite fervido, 2 colheres de chá de manteiga, 1/2 colher de chá de essencia de baunilha e 2 ovos.

Misturam-se o assucar, a maizena, o sal e os ovos batidos. Junta-se, pouco a pouco, o leite fervido, addicionando a manteiga. Colloca-se a mistura em banho-maria, mexendo constantemente, até ficar grossa e macia, juntando então a baunilha.

MERENGUES

Este saboroso doce substitue nas mesas de chá, tanto os bolos como os confeitos. E' uma sobremesa agradavel ao paladar e podemos fazel-a, dispondo de:

3 claras de ovos, 1 1/4 chicara de assucar, 3 colheres de chá de pó Royal e 1/4 colher de chá de essencia de baunilha.

Batem-se as claras até ficarem como neve. Addicionam-se, então, duas terças partes do assucar até que a mistura fique consistente. Nessa occasião deita-se o assucar restante, já peneirado e unido ao pó Royal. Por fim, accrescenta-se a baunilha. Ponha-se a massa ás colheradas sobre papel aspero e leva-se ao forno, onde se deixa assar lentamente a calor moderado, durante meia hora. Depois desse tempo, faça-se augmentar um pouco mais o calor e conserve durante mais meia hora.

O Fim de Fausta

Romance heroico do consagrado escriptor francez MICHEL ZEVACO, que sahirá brevemente.

O QUE É PRECISO SABER...

A HERVA DA JUVENTUDE

EXISTE na India uma planta chamada "Hydrocatyle asiatica", famosa pelas suas virtudes de prolongar a vida. E' uma pequena herbacea, rasteira, de folhas que têem a fórma de uma ventarola e cuja côr é de um verdadeiro lustroso e brilhante. Suas flores são pequeninas e de uma linda côr de púrpura.

Um sabio hindú, chamado Nanddo Narrain, sustenta que essa planta produz um ingrediente insubstituivel na alimentação humana. A raiz tem propriedades narcoticas e é empregada como remedio para o tratamento de varias doenças, devendo, porém, ser usada conjunctamente com outras hervas ou productos medicinaes. Somente as folhas é que são recommendadas para produzir a longevidade e, segundo se affirma, uma ou duas por dia, são sufficientes. Estas folhas são consideradas um verdadeiro alimento cerebral ou, em outras palavras, um estimulante de virtudes immediatas. Seu sabor é ligeiramente acre.

Miss Mary E. Forbes, foi quem levou para os Estados Unidos as primeiras plantas desta herva, interessando o Instituto Cornegie, o Instituto de Sciencias de Jueson e a Universidade de Arizona nas experiencias com as plantas por ella offerecidas áquellas instituições scientificas.

Essa herva já era bastante conhecida pelos nativos da India e do Ceylão, tanto que haviam despertado tambem a attenção dos francezes e inglezes que, ultimamente, começaram a fazer algumas investigações para conhecer suas qualidades e sua falada virtude de prolongar a vida. Um sabio allemão manifestou opinião favoravel a respeito, bem como varios medicos.

Miss Forbes, que passou varios annos na India, está absolutamente convencida das prodigiosas qualidades dessa planta. Quando deixou a India levou uma certa quantidade de mudas da "hydrocotyle asiatica" e, na França, para onde se dirigiu, tratou de acclimatal-as no sul, por ser esta a zona mais quente desse paiz. Não deu, porém, o resultado desejado essa experiencia.

Analysadas por um chimico francez, este encontrou nas folhas da "hydrocotyle asiatica" uma substancia que exerce energicos effeitos nas cellulas do cerebro.

Transportadas tambem para a Algeria as mudas da herva indiana ahi se acclimataram perfeitamente, devido o clima muito quente da região.

O governo inglez concedeu, para o seu cultivo e estudo, um auxilio em dinheiro e terras ao Collegio de Investigações Herboreas de Ceylão, já que a "hydrocotyle asiatica" está sendo considerada de grande valor medicinal.

Na localidade de Tucon, miss Forbes encontrou terras apropriadas para o cultivo, que pretende intensificar, do estranho herbaceo asiatico.

Os nativos de Ceylão acreditam que os elephantes vivem centenas de annos porque comem essa herva em abundancia.

Levam a sua crença nas virtudes da planta ao ponto de affirmar que nunca se encontraram os esqueletos dos elephantes que viveram em estado selvagem.

A natureza offerece assim, o alimento para o corpo e para o cerebro. E, na opinião de miss Forbes, o "hydrocotyle" é o grande e prodigioso alimento cerebral. Ella, por experiencia pessoal, chegou á conclusão de que uma a duas folhas por dia produzem um resultado surprehendente.

A acção rejuvenescedora é quasi immediata.

Ainda segundo a sua opinião, com o uso do "hydrocotyle" não haverá mais crises nervosas e, desde logo, desapparecerão todas as molestias e achaques que a velhice proporciona ao ser humano.

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR D'ALVA

GUIOMAR NOVAES — Grande entre as maiores interpretes de Chopin, Guiomar Novaes proporcionou á platéa carioca do T. M., na tarde de 22 de agosto, uma audição exclusiva de musicas do incomparavel compositor polonez. Foram momentos de ineffavel gozo espiritual ouvir-se a divina interprete cantar ao piano: *Fantasia*, op. 49, *Sonata em si menor*, op. 58; *Impromptu em fá sustenido*, op. 36; *Estudos*, *Nocturnos*, *Mazurkas*, *Ballada*, *Valsa*, *Scherzo em dó sustenido menor* — todos numeros chopinianos annunciados no programma ou exhibidos em extra por instancias do publico fascinado.

Entre tantas bellezas, onde não se sabe que mais admirar, se o autor ou a interprete, sobresahiram, primores entre primores, o *Largo* e o *Presto*, da *Sonata*, a *Valsa* e a *Ballada*. Embora o Chopin de Guiomar Novaes seja todo elle recamado de bellezas novas, a verdade é que as tres peças enumeradas nos pareceram as mais communicativas das interpretações da genial pianista. O recital-Chopin de Guiomar Novaes, como as execuções da musica mozartina e chopiniana que nos revelou nas duas audições anteriores, em seu recital e no concerto da Philarmonica, vieram confirmar o nosso e o juizo do publico, quando a proclamamos uma das maiores pianistas do mundo. E para a gloria da artista e do Brasil parece que a sua interpretação do mestre polonez é incomparavel e unica. Vimol-o confrontando a interpretação magistral de Robert Casadesus, com a interpretação maravilhosa de Guiomar Novaes, dada á musica de Chopin, através da mesma composição — a *Sonata em si bemol menor*, a celebre *Sonata da Marcha Funebre*. O grande pianista francez não viveu o poema chopiniano com o mesmo genial fulgor com que foi vivido pela sensibilidade requintada, pelas mãos sonoras da incomparavel pianista brasileira. Casadesus não conseguiu emocionar o auditorio no mesmo gráo, como Guiomar Novaes o emocionou.

Commovidos, arrebatados, os numerosos ouvintes do Municipal ovacionaram ainda uma vez a gloriosa patricia e não permittiram deixasse o piano sem a costumada audição da *Fantasia* de Gottschalk sobre o Hymno Brasileiro: ó que quer dizer sem a ovação final, que essa interpretação depois dos recitaes de Guiomar Novaes só póde ser admittida como glorificação á genial musa do teclado.

CONCERTO SYMPHONICO-GIOVANNI GIANNETTI — Foi uma bella noite de arte a que nos proporcionou o T. M. no antepenultimo concerto, quinta-feira, 21 de agosto, quando o maestro Giannetti, compositor e regente, nos fez ouvir — 4.ª *Symphonia em sol maior*, de Gustavo Mahler; *Intermezzo em ré maior* e 3 *Preludios* de Lycia de Biase; *Rondó Veneziano*, de Ildebrando Pizzetti; *Vetrate in Chiesa* — 4 impressões symphonicas: *La fuga in Egitto*, *S. Michele Arcangelo*, *Il mattutino di Santa Chiara*, *S. Gregorio Magno* — de Ottorino Respighi; *Rugby*, de Arthur Honegger.

O que immediatamente nos impressionou foi a regencia. Admirámos e applaudimos a precisão, a clareza e a perfeita synchronização da batuta com os naipes orchestraes. Parecia que os sons brotavam simultaneamente dos instrumentos e dos gestos do regente. Os braços, as mãos, os dedos desenhavam no ar variadas linhas, plasmavam em rectas e curvas as ondas sonoras vibradas por cada elemento da orchestra. Com mais vida, com mais enthusiasmo nos faria a do maestro Giannetti recordar a excepcional regencia de Marinuzzi.

Excluindo-se o barulho musicado — se é possivel musicar o barulho — tal a peça *futurista* de Honegger — todos os numeros produziram em gráos diversos as mais agradaveis emoções. Destacamos especialmente o 3.º *tempo* da *Symphonia* de Mahler; o *Preludio em fá maior* de Lycia de Biase; as 2 *Visões* finaes do *Rondó*, de Pizetti; as 3 ultimas *Impressões symphonicas* de Respighi. A *Symphonia* de Mahler, se ainda póde ser alvo de restricções pela monotonia ou extravagancia de certas passagens, o *Preludio*, as *Visões*, as *Impressões symphonicas* são, cada qual em seu genero, producções de alto valor technico e esthetico. Que o sejam as dos compositores italianos, nada de extraordinario, em se tratando de autores consagrados, que já começaram a viver o 2.º semi-seculo da idade. Mas o que nos admira é ter feito bôa figura, a par de Pizzetti e de Respighi, a nossa patricia, senhorita Lycia Biase. Embora não tenhamos competencia technica para julgal-a, parece-nos que os seus poemetos musicaes, sobretudo o *Preludio* n. 2, reunem á belleza de inspiração, a sciencia da composição. Sente-se que a idéa sonora se crystalizou em melodias ricamente harmonizadas; a musicista soube engalanar com arte e gosto os estos da sua musa creadora. Que grande satisfação devem ter todos os amantes da arte com esta nova e rara apparição! E' mais uma demonstração de quanto vale a intelligencia da mulher brasileira. Com o tempo e com o estudo, a senhorita Lycia de Biase ha de figurar entre os nossos melhores compositores. Os seus *Preludios* são o preludio desse auspicioso porvir.

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO — Terminou definitivamente a 1.ª série de concertos da temporada deste anno a O.P. R. J. com o 13.º, 3.º extraordinario, realizado no T. M. na lunedia, segunda-feira, 24 de agosto. Fez-se a festa com tres mestres que symbolizam tres momentos da evolução musical — Beethoven, Liszt e Wagner. Ouviram-se as protophonias do *Egmont* e dos *Mestres Cantores* e a *Fausto-Symphonia*. Os dois numeros repetidos, que foram as composições de Liszt e Wagner, conseguiram maiores applausos do que quando executados em 28 de março e 17 de agosto. A interpretação da *Abertura* dos "Mestres Cantores" teve excepcional relevo.

No intervallo das audições offereceu a Orchestra ao jovem mestre da batuta, Burle Marx, um cartão de ouro, como recordação da temporada. Fallou, em nome d aofferrtante, a distincta cantora brasileira e critico musical, prof. Antonietta de Sousa.

Annuncia-se para outubro proximo uma série supplementar de concertos. E' uma bôa nova para os que amam e admiram as grandes audições de musica symphonica.

A CULPADA

PEDRO levantou-se pé ante pé para não acordar a esposa, bebeu um pouco de café e, apesar da chuva torrencial que cahia, encaminhou-se para a praia, afim de pescar. Mas, ao chegar lá, a tempestade augmentou e elle, um dos mais antigos e valentes pescadores de Olinda, que nunca temêra o mar, se convenceu de que o seu fragil barquinho não resistiria á viagem para a pescaria com um tempo tão máo. As ondas estavam fortissimas e o vento tremendo. Tristemente, Pedro regressou á cabana com o cesto de guardar peixes vazio.

Ao chegar ao alpendre que havia em frente á sua choupana, encontrou uma recem-nascida envolta em pannos e uma bolsinha contendo dois contos de réis. Muito contente guardou o dinheiro, poz a engeitadinha dentro do cesto, collocou-o em cima da prateleira da cozinha e resolveu fazer uma surpresa á esposa, que ainda estava dormindo. Acordou-a, dizendo-lhe:

— Anninha, estou alegrissimo; fui muito feliz hoje na pescaria. Levanta-te e vae á cozinha ver o meu cesto como está cheio de peixes!

Ella ficou contentissima quando viu a criancinha; a unica filha que tivera morrera mezes antes e a engeitada iria distrahil-a dessa grande dôr.

A pequerrucha foi baptizada com o nome de Cremilda. No seio dessa familia humilde, mas honesta e religiosa, a menina cresceu, fez-se mulher. Intelligente e meiga, era a alegria dos velhos paes adoptivos.

Uma tarde, a engeitada fazeia renda e cantava sentada em frente á cabana, quando uma senhora desconhecida se approximou della. Tratou-a com carinho, fez-lhe algumas perguntas, deu-lhe um conto de réis e, minutos depois, foise embora. Cremilda ficou satisfeita com essa caridosa e inesperada visita e, quando a viu desapparecer numa curva da estrada, entrou, correndo, na choupana para contar o succedido aos paes adoptivos. Os velhos, após ouvir a mocinha enthusiasmada falar-lhes do valioso presente, quedaram-se alguns minutos chorando de alegria: o conto de réis chegava justamente na occasião em que a miséria ameaçava entrar em sua cabana. O pescador, gravemente enfermo, havia tres semanas não trabalhava, e estavam vivendo do pouco dinheiro que conseguiam com a venda de rendas e doces que as duas mulheres faziam.

Ao mez seguinte, Pedro morreu, e a esposa, victima de uma syncope cardiaca, lhe sobreviveu somente cinco dias.

Cremilda, vendo-se desamparada no mundo e sem recursos, partiu para Recife, afim de se empregar num "atelier" de costura. Muito sensivel e romantica, affeiçoára-se á choupana onde passára a infancia e os primeiros annos da mocidade, alegre e despreoccupada, e ao abandonál-a, para ir morar numa cidade que não conhecia, sentiu-se ainda mais infeliz e chorou convulsivamente. Foi-lhe doloroso não ver mais o jardimzinho florido que fizera ao lado da cabana, e soffreu horrivelmente por ter deixado o seu pequeno quarto bem asseado, forrado por ella mesma de papel branco estampado de cravos côr de rosa. Sentiu saudades tambem do alpendre, todo enfeitado de vasos com viçosas plantas, que havia em frente á choupana e onde, nas noites de verão, levava horas esquecidas a tocar violão cantando para os paes adoptivos e os vizinhos escutarem.

Em Recife, Cremilda foi morar num quarto que alugára na casa de uma familia modesta.

Uma noite, ao sahir do "atelier", onde trabalhava, entabolou n a m o r o com um senhor, ainda moço, que havia muitos dias a seguia até sua residencia. Pobre raparigu i n h a inexperiente e confiante que não conhe-

De Beatriz Costa Amaral

cia a maldade e a corrupção das grandes cidades!

E' aconteceu-lhe o que quasi sempre succede ás moças nas suas condições, que não têm quem as proteja e lhes aconselhe na vida: — foi enganada, fiando-se na promessa, que o namorado lhe fizera, de mais tarde legalizarem a união.

Decorrido um anno, teve uma filhinha e arrependeu-se amargamente do máu passo que dera, porque seu apaixonado inventava sempre motivos para ir adiando o casamento.

Certa noite, a pobre moça acalentava a criança, no seu pequenino quarto, clareado somente com a escassa luz duma lamparina, quando uma mulher enraivada entrou lá sem pedir licença, e disse-lhe:

— Desgraçada, roubaste meu marido! Soube de tudo por uma pessôa amiga! E's a causadora de minha desdita! Vou matar-te, desavergonhada!

Cremilda, amedrontada, poz a filhinha no berço e accendeu uma lampada electrica, porque, á debil luz da lamparina, não distinguia as feições da ameaçadora senhora. As duas mulheres reconheceram-se ao se olhar quando o compartimento foi bem illuminado, e quedaram-se, alguns segundos, estarrecidas, surpresas. Após, a recém-chegada, que era a mysteriosa dama que dera dinheiro a Cremilda, em Olinda, botou em cima da mesa de cabeceira um revolver que tinha na mão, abraçou a engeitada, chorando, e falou-lhe:

— Menina, sou tua mãe. Enviuvei aos dezoito annos e, pouco tempo depois, fiquei noiva dum advogado, que me enganou e me abandonou. E's filha desse infame. Eu morava com meu pae e, para elle não descobrir a minha infelicidade, fui com uma preta velha para Olinda quatro mezes antes de vires ao mundo. Lá tu nasceste e no mesmo dia mandei a negra abandonar-te no alpendre da cabana do pescador. Essa preta foi a unica pessôa que soube de tudo.

"Dois annos mais tarde, contrahi segundas nupcias, mas não te esqueci; ia, de seis em seis mezes, a Olinda para te ver de longe. Não me approximava de ti para não suspeitarem que eu era tua mãe. Mas a ultima vez que fui lá, soube que o pescador não podia mais trabalhar e que estavas passando privações, e não me contive: falei-te e dei-te o conto de réis.

"Uma semana depois, embarquei para Paris, com papae, que ia submetter-se a uma intervenção cirurgica, e, quando regressei a Recife, ha quatro dias, encontrei meu marido mudado. Lauro não é mais carinhoso para mim e amigo do nosso lar como foi até a minha partida: — agora me trata com pouco caso e sae todas as noites. Desconfiei que tinha uma amante e, ao me certificar de que isto era exacto, resolvi matar a ladra de minha felicidade.

"Si não tivesses accendido a lampada, eu seria agora a assassina de minha propria filha. Depois que conversei comtigo em Olinda, não tive mais noticias tuas, por causa da viagem que fiz."

Cremilda ajoelhou-se em frente á progenitora, e disse-lhe:

— Mamãe, perdoe-me! Eu não sabia que Lauro era casado. Elle me enganou e é o unico culpado.

— Levanta-te, minha filha! E's uma infeliz e eu sou a culpada de tua desgraça, porque te abandonei. Vou suicidar-me, para Lauro poder casar comtigo.

Após dizer essas palavras, pegou no revolver e deu um tiro no ouvido.

Quando os donos da casa, assustados com o estampido, entraram no quarto, encontraram Cremilda desmaiada, sua mãe morta e a criança, innocente testemunha que não comprehendera nada da grande tragedia, sorrindo e agitando os roseos bracinhos, satisfeita por se ter alimentado bastante.

O DESAPPARECIMENTO DO CAMPEÃO

(*Continuação do numero anterior*)

— Sáia desta casa, senhor, e queira dizer a Lord Mount-James que eu nada tenho com elle e que nada quero ter, tambem, com os seus agentes. E sobre o assumpto nem mais palavra quero ouvir.

O batedor de carteiras encarcerado (contando o dinheiro que tem na mão). — Que miseria! Como pagam mal a estes pobres guardas!

Tocou com força uma campainha.

— John, acompanhe esses senhores.

O creado acompanhou-nos até á porta, com ar mysterioso.

Quando chegamos á rua, Holmes desatou a rir.

— Este dr. Leslie Armstrong é de uma excessiva energia de caracter. Se a sua carreira tivesse tomado uma direcção differente, estou convencido de que viria a substituir de um modo condigno, o famoso mestre Moriarty, de illustre memoria.

E aqui estamos nós agora, sem conhecer ninguem, nesta cidade pacata de estudiosos. O peor é que não podemos sahir della assim de repente, porque isso implicaria o abandono e o mallogro das nossas investigações.

Este modesto hotelzinho, aqui em frente da casa do medico, está mesmo a calhar para nos installarmos. Suba você, Watson, e contracte um quarto para nós ambos, que tenha janella para a rua.

Como viemos sem bagagem, havemos de precisar tambem de roupa. Tenha paciencia e incumba-se de a comprar.

Eu vou á cata de informações.

Para obtenção dellas gastou Holmes muito mais tempo do que eu suppunha.

Só depois das nove horas recolheu-se ao hotel, fatigadissimo e pallido, com o fato coberto de uma espessa poeira e com o estomago inteiramente vasio.

Tinham-nos posto na mesa uma ceia fria.

Sherlock, depois de comer, accendeu o seu cachimbo e quedou-se naquella attitude meio alegre, meio triste, que nelle era indicio de que as coisas não corriam muito á sua vontade.

(Sherlock Holmes) — Por Conan Doyle

O ruido de uma carruagem que passára na rua, á porta do dr. Leslie, fez erguer açodadamente o meu companheiro.

Acercou-se da janella e observou o que se passava.

— Partiu ás seis horas e meia, exclamou Sherlock, e só agora regressou. Demorou-se, portanto, nada menos de tres horas. A avaliar pelo tempo, deve ter feito uma viagem de seis a doze milhas. E dá este passeio todos os dias uma vez pelo menos.

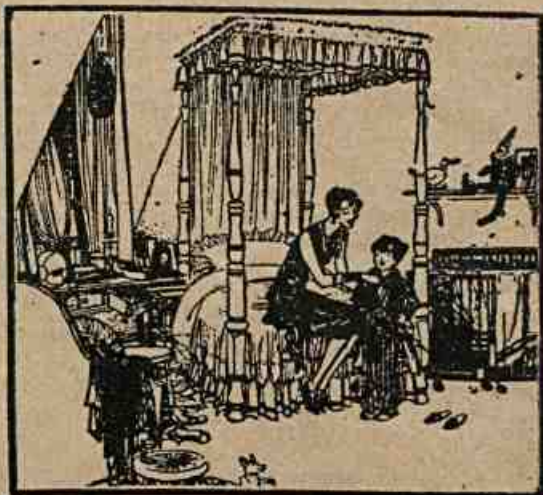
— Mas as sahidas do doutor nada têem de estranhaveis, visto ser um medico com grande clientella.

— Está enganado, Watson. As visitas medicas de Leslie são raras. Elle é, quasi exclusivamente, um medico de gabinete. A clientella regular perturbal-o-ia nos seus rendosos trabalhos scientificos. Porque é, pois, que elle faz todos os dias estas estiradas, que, por força, hão de fatigal-o? Quem será que vae visitar tão amiudadamente?

— O cocheiro da carruagem dar-lhe-ia informações, com uma bôa gorgeta...

— O cocheiro!... Foi a elle que primeiro me dirigi. Estava naturalmente indicado para esse effeito. Não consegui, todavia, fazel-o desembuchar. Ou é de feitio sorumbatico e caturra, ou então recebeu ordens severas do amo. A' primeira pergunta que lhe fiz, açulou contra mim um canzarrão que estava na cocheira. Se não fosse a bengala, teria de ver-me a braços com aquelles dois animaes... e digo dois, porque o cocheiro é muito mais animal do que o cão. O pouco que consegui saber, foi por intermedio dum bom homem que mora alli ao lado e que me contou quaes os habitos do medico. A informação que elle me prestou de que o doutor sahe todos os dias para longe e da demora que costuma ter, acaba de ser inteiramente confirmada com o regresso da carruagem que parou além á porta.

— E não se lembrou de a seguir?

(Continúa na pagina seguinte)

O menino — Mamãe, hoje, consegui uma bôa nota, na escola. Mandaram-nos escrever nomes de mulheres, e eu fui quem escreveu mais.

A mãe — Lembraste-te de muitos?

O menino — E' que eu fui escrevendo o de todas as empregadas que tivemos este anno.

— Você hoje está de uma perspicacia... Watson. Que luminosa idéa!... exclamou o meu companheiro com uma intonação trocista. Pois está claro que lembrei. A pouca distancia daqui, ha um estabelecimento de bicycletas. Aluguei nelle uma bôa machina e puz-me a caminho no encalço da carruagem.

A luz das lanternas foi-me servindo de guia, e, emquanto sahimos para fóra da cidade, conservei-me sempre a distancia duns cem metros.

Quando, porém, chegamos nos arrabaldes, deu-se um incidente que me arreliou deveras.

A carruagem parou inesperadamente. O medico apeou-se della, enfiou direito a mim e disse-me com ar sardonico:

— O caminho é excessivamente estreito para uma carruagem e uma bicycleta. Acho, pois, conveniente que passe para deante do carro, com a sua machina...

A intenção daquellas palavras era manifesta...

E eu não tive mais remedio se não tomar a deanteira, e continuar a pedalar pelo caminho, fóra, atravéz dos campos solitarios.

Numa volta da estrada, apeei-me e puz-me á coca, a ver se a carruagem vinha seguindo o mesmo caminho que eu... Nenhum rumor senti... Evidentemente o medico tinha tomado por algum caminho transversal...

Montei de novo e retrocedi. A carruagem tinha desapparecido. Como você teve occasião de verificar, chegou, porém, muito depois de mim. Para onde terá ido?!

Ao principio, eu não tinha nenhum fundamento solido para suppôr que estas viagens se relacionassem com o desapparecimento de Godfrey. Em todo o caso, pareceu-me bom tirar o caso a limpo... Agora, porém, estas visitas do medico aguçam-me fortamente a curiosidade. O empenho que elle mostra em não ser seguido mais me excita ainda. Quer queira quer não, hei de vir a saber onde elle vae... Olá, se hei de!..."

— Podemos tentar seguil-o amanhã...

— Não é tão facil como se lhe afigura, Watson... Se conhecesse a topographia dos arredores de Cambridge, já não me dizia isso. Atravessei esta manhã os arrabaldes em todas as direcções. E' tudo chato e liso como a palma da minha mão. Não ha uma accidentação de terreno, um macisso de arvores, uma valla, qualquer coisa, emfim, onde um homemzinho possa esconder-se ás vistas alheias.

Por outro lado, o dr. Leslie Armstrong não é nenhum imbecil. Muito pelo contrario, é um competidor para se recear, como hontem mostrou.

Logo que cheguei a Cambridge, telegraphei para Londres a Cyrillo Overton pedindo-lhe que me puzesse ao corrente do que lá se fosse passando.

Emquanto esses informes não vierem, é em torno do medico que todos os nossos esforços devem concentrar-se, por ter sido a elle que Staunton dirigiu o telegramma, que a condescendente empregada de Londres me mostrou obsequiosamente, hontem á tarde.

Leslie Armstrong sabe com certeza, juro-o, o logar onde Staunton está. E fracos investigadores nós seriamos se não viessemos a descobrir qual o seu paradeiro.

Por agora, é Leslie Armstrong quem tem os melhores trunfos neste jogo de astucias. Mas você, Watson, bem sabe que eu não sou homem que desanime facilmente.

Quanto maiores contrariedades encontro, tanto mais o meu interesse recrudesce e acirra."

Na manhã immediata, a solução do mysterio não tinha progredido uma polegada, sequer.

Durante o almoço, Sherlock recebeu uma carta. Depois de se inteirar do conteúdo della, disse-me com ar sorridnte:

— Leia isto, Watson.

A carta resava assim:

"Caro sr. Holmes.

Asseguro-lhe que perde o seu tempo, tentando seguir-me. A trazeira da minha carruagem tem uma vigia atravéz do vidro, da qual facilmente vejo se sou ou não espionado...

De resto, julgo do meu dever accrescentar que o seu inquerito em nada beneficiaria Godfrey Staunton.

Estou até convencido de que o melhor serviço que o senhor poderá prestar a esse rapaz é o de retirar-se para Londres immediatamente e dizer á pessôa que o mandou aqui de que não foi possivel encontrar o joven sportsman.

Findando, repetir-lhe-ei uma vez mais que perde o seu tempo em Cambridge.

Cordealmente,

Leslie Armstrong."

— Ao menos, este homem é um adversario leal. O repto que me lança com essa carta é mais um excitante para o meu amor proprio. Que volte immediatamente para a capital, diz elle. Espere por isso!... Hei de ir, mas depois de saber onde pára o rapaz.

— Lá está a carruagem á porta, disse eu. Leslie entrou agora mesmo. Ao pôr o pé no estribo, olhou disfarçadamente para esta janella. Quer que vá seguil-o numa bicycleta?

— Não, não, Watson. Muito obrigado. Eu tenho pela sua intelligencia e pela sua argucia o maior apreço; receio, não obstante, que, postos em competencia, seja o medico quem lhe leve a melhor.

Estou esperançado em que havemos de chegar breve ao nosso desideratum por um outro processo.

Para isso, porém, torna-se necessario uma investigação previa. Eu proprio me incumbirei della. Dois homens chamam mais facilmente as attenções, do que um só.

Vá passear um bocado pela cidade. Póde ser que logo lhe possa dar bôas noticias."

Estava, porém, reservada ao meu companheiro outra decepção. Quando voltou para casa, vinha extenuado e, o peor, sem ter conseguido nada.

— Pessimo dia o meu, Watson!

Depois de ter formado uma idéa geral a respeito do itinerario do doutor, gastei o meu tempo a visitar as differentes aldeias dos arrabaldes da cidade.

Bati o terreno menos mal. Percorri Chesterton, Histon, Watterbeach e Oakington. Obriguei habilidosamente diversos aldeãos a darem á lingua, tomei apontamentos varios, mas não colhi nenhum resultado de importancia. Uma carruagem puxada a dois cavallos não passaria despercebida naquelles adormecidos logarejos. O diabo do medico deu-me, desta vez, outra lição...

Não veiu nenhuma correspondencia?"

— Veiu este telegramma, que eu abri:

"Procure Pompeu Jeremias Dixon, Trinity College."

— Que quer isto dizer? Eu não entendi nada.

— Pois é facil de entender. Este telegramma é a resposta do nosso amigo. Cyrillo Overton a um outro que lhe mandei.

Vou escrever duas linhas a esse tal sr. Jeremias Dixon. Talvez que a intervenção delle mude o mau curso dos nossos trabalhos.

A proposito! Já se sabe qual foi o resultado do desafio?"

— Já. A ultima edição do *Jornal de Cambridge* traz o resultado. Oxford ganhou por um ponto. Olhe, aqui está:

"A honrosa derrota dos azues, só póde attribuir-se ao lamentavel desapparecimento do campeão internacional Godfrey Staunton, etc."

O pobre Overton tinha razão, afinal, para se mostrar receoso. Perderam! Deixal-o. Essas partidas de sport deixam-me tão indifferente como hontem, a respeito dellas, se mostrou o dr. Leslie.

Temos que nos deitar cedo, hoje, Watson.

(Continúa no proximo numero)

O VELHO LIVREIRO

—DE todas as profissões, a de livreiro é a que o homem nunca resolve abandonar — dizia-nos, um dia, Carlos Novléres — e a isso devo eu a sorte de ter podido refazer minha fortuna.

"Meu pae foi um financista muito conhecido no mundo dos especuladores.

"Começou seus negocios com trezentos mil francos, e chegou a reunir doze milhões.

"Com essa quantia, poderia descançar e desfructar a vida. Mas, para um especulador, não ha maior prazer do que proseguir suas especulações.

"Assim, meu pae continuou arriscando seus milhões até quando morreu, aos cincoenta e tres annos.

"Nos ultimos tempos de sua vida teve má sorte. De modo que, quando elle morreu, depois de ter pago suas dividas com juros bem elevados, nos encontrámos nesta triste situação: possuiamos por todo capital cincoenta mil francos, uns quadros, uns moveis e uma bibliotheca.

"Pelos quadros, que, embora fossem de valor mediocre, havia pago meu pae quatrocentos mil francos, nos offereceram quarenta mil. Os moveis tinham ainda menos valor, e a bibliotheca, que meu pae sempre dizia representar uma fortuna, era composta de obras que elle comprára a preço de ouro, mas que meu tio Isidro nos garantiu, depois de examinar, detidamente, os volumes:

"— Nada vos darão por elles... A unica obra que tendes de algum valor, é esta de Montaigne...

"Todos os expertos nos disseram o mesmo. Um delles nos propoz um comprador de livros antigos, que nos offerecia até cincoenta mil francos pelo Montaigne. Outro, poucos dias depois, nos dava trinta e cinco mil.

"— Não tens sorte para começar a vida — disse-me tristemente minha mãe. — Estamos arruinados!...

"Depois de reflectir um momento, ajuntou:

"— Esse livro de Montaigne foi vendido a teu pae, por duzentos mil francos, um livreiro chamado Mollard, que diziam ser um homem honrado... Embora seja inutil pensar nelle, porque esse Mollard já era velho, então, e faz vinte annos...

"— Onde morava?

"— No Quai Malaquais. Mas deve ter morrido... E si não morreu, na sua idade, já não deve se occupar do negocio...

"— Procurarei, por todos os modos, informar-me o que foi feito delle.

"— Creio que perderás o tempo... Não esqueças que temos que dar uma resposta definitiva depois de amanhã.

"Preoccupavam-me grandemente a situação de minha mãe, cuja saúde era muito delicada, e meu futuro.

"Tivéra uma proposta para fazer parte de uma empresa segura. Mas, para isso, precisava de trezentos mil francos... Era ridiculo pensar que ia encontrar quem me désse pelo Montaigne o que havia pago meu pae...

"No emtanto, no dia seguinte ao de minha conversação com minha mãe, fui á procura de Mollard.

OPPORTUNIDADE PERDIDA... — Esqueceste teu frasquinho de saes! Que pena! Aquelle pobre animal está desmaiado...

E O LIVRO ANTIGO

De J. H. ROSNY AINÉ

"Não tardei em encontrar uma livraria que tinha seu nome. "Talvez seja de seus successores" — pensei. E, com pouca confiança no êxito de minha tentativa, penetrei no estabelecimento.

"— Está o senhor Mollard? — perguntei a um rapaz que veiu a meu encontro.

"Respondeu-me affirmativamente, e conduziu-me ao escriptorio da livraria. Alli, me apresentou a um homem velho. Tinha este uma longa barba branca. Lembrava o typo de Fausto.

"Ao falar-lhe de minha pretenção, olhou-me com uma cara expressiva. "Já não está neste mundo" — disse commigo, vendo que nem me respondia. Ao cabo de alguns minutos, me falou, com vóz fraca:

"— O Montaigne de quinze... sim... sim... E' uma joia, cavalleiro... Um thesouro... O senhor o possúe?...

"Extendi-lhe o livro, e aquella mumia resuscitou. Animaram-se-lhe os olhos, e, com suas mãos enrugadas, tomou o volume antigo, acariciou-o com paixão e o abriu devotamente, murmurando:

"— E' o unico exemplar que existe. Uma maravilha... O senhor diz que o quer vender?

"— Sim, senhor — respondi-lhe, surprehendido, deante da sua repentina resurreição. — Ha vinte annos o senhor vendeu-o a meu pae por duzentos mil francos.

"— Duzentos mil francos! Isso não é nada! Eu posso encontrar reais de vinte pessôas que me darão o dobro si quizer.

"— Então... — perguntei-lhe, tremendo — por que preço mo compra o senhor?

"Elle levantou-se de sua cadeira, e exclamou:

"— Dou-lhe quinhentos mil francos!

"Eu senti um mixto de inquietude e alegria. Duvidava que o bom homem estivesse em seu juizo perfeito.

"— Acceita? — interrogou elle, impaciente.

"— Sem hesitação... — balbuciei. — Si o senhor me da alguma garantia...

"— A palavra de Carlos Mollard sempre valeu mais do que uma escriptura... Compro-lhe o volume por quinhentos mil francos... Está ouvindo?... Porque o quero para mim... Desejo possuil-o até minha morte... Vamos ao seu tabellião, que me garantirá a sua identidade e seus direitos...

"Um automovel levou-nos primeiro a minha casa, onde pedi a minha mãe que me acompanhasse. Depois fomos os tres ao cartorio, e o senhor Dubrouille deu ao velho livreiro as garantias necessarias.

"No mesmo dia foram-me entregues os quinhentos mil francos, graças aos quaes minha mãe poude viver sem preoccupações materiaes, e foram a base da fortuna que hoje possúo.

"E isto não teria occorrido si os livreiros não tivessem tanto apego a sua profissão. Porque, nesse caso, devido á avançada idade do senhor Mollard, eu não o teria encontrado em sua livraria."

Elle — Anita, eu queria pedir-te...
Ella — Oh, Jorge! Tão depressa?
Elle — ... que fossemos juntos tomar um sorvete de crême...
Ella — Com todo o prazer
Elle — ... quando fizesse um pouco mais de calor...

AMANHECER AMAZONICO

De ADONAI DE MEDEIROS

A "chatinha" em que viajamos encostou ao barranco, para tomar lenha, precisamente ás quatro e meia da manhã, e fomos acordados pelo vozerio do pessoal encarregado de encher os porões.

Nada mais poetico e mais encantador que uma aurora amazonica! E' o rio a deslizar silencioso, carregando ilhotas de verduras, onde se escondem, criminosas, as sucurys, e páus cahidos com o derruir dos barrancos atirados á correnteza; é a passarada na mattaria com a harmonia de seu canto, saudando a apparição magnificente do sol em desencontro com a "jazz-band" dos sapos no igapó proximo; é o mugir dos bois no curral, ao lado do barracão, e o latido dos cães é a aproximação de estranhos.

O feitor, no porto, "cantava" o nome dos caboclos e á medida que estes passavam pelo portaló, o ajudante dava uma chapa, e, a bordo, o tilintar da louça posta á mesa, para o café, pelo taifeiro. Tudo isso nós escutavamos de dentro da nossa rêde armada a bombordo, junto á chaminé, por causa da aragem fria das manhãs, quando a marinheirada nos obrigou a ficar de pé para suspender a rêde e amarrá-la, pelo meio, ao cano de ferro junto ao toldo, afim de não ser molhada durante a baldeação, a maior inimiga do viajôr dorminhoco que não gosta de camarote.

De pé, em hora tão matinal, fomos contemplar a majestade da Natureza no seu alvorecer em espreguiçamento de tresnoitado, emquanto, por entre as nuvens cinzentas se filtravam os raios solares numa polychromia maravilhosa. A' cozinha do barracão, uma lamparina alumiava e uma vez de mulher cantarolava "A pequenina cruz do teu rosario"; no curral, a meninada, de copo na mão, esperava o vaqueiro tirar o leite para tomá-lo crú.

Quando os ultimos traços cinzentos desappareciam do firmamento e o astro-rei surgiu no quadrante, o barracão todo, como uma colmeia, se movimentou. A luzinha da cozinha foi apagada e a electrica, do vapor, esmorecia.

Um bando alegre de moçoilas, toalhas ao hombro, em correria, entrou no banheiro, todo de cedro, as taboas bem encaixadas, coberto de folhas de Flandres, á beira do rio. A campainha resoou para o café. Fomos. Porém os nossos olhos se não despregavam daquella porta do banheiro fluctuante, trancada á chave, onde dentro, gargalhadas estrepitosas ameaçavam sua segurança...

E' tão bom viajar quando se tem alma moça!... Tudo nos sorri, tudo nos conta de alguem que deixamos ao partir e em tudo vemos essa pessôa, que não enxergamos senão com os olhos da saudade... e procuramos reviver numa outra a que ficou.

Emquanto serviamos o café e conjecturavamos, a maldita prisão das nymphas pudicas se abriu, e ellas, de cabellos penteados, cahidos para as costas, sobre as toalhas, as cuias com o sabão "Jacaré", tornaram ao barracão, tendo antes colhido, no jardim, flores que infiaram na grega do decote dos vestidos e nas travessas presas ao cabello.

O relogio marcou as cinco horas e meia e os passageiros sahidos das cabines trocavam os "bons dias" e a turma de trabalhadores continuavam a encher o bojo do navio. O sino da prôa deu o signal de seis horas e a tarefa ainda ia em meio. Resolvemos ir á terra e a um caboclo indágamos:

— Tem bananas?

— Não, senhor.

— E macacheira?

— Tambem não.

— E batatas?

— Não tem, não, senhor.

— E por que não plantam?

— Ah! plantando dá, sim senhor.

Repetimos esse estribilho tão commum naquella região, para nos assegurarmos da veracidade de quem nos informára. Um apito, outro, mais outro, o serviço terminára e o commandante avisava que o vapor de roda á pôpa ia partir. Voltamos apressados; a gente que havia mettido a lenha estava, serrapilheira em fórma de capote, uns sentados e outros em pé, á espera da partida.

— Larga!

De terra soltaram o cabo e o mestre, a mão no molinete, o recolhia e o vapor chiava pelo cano de escapamento. Os marinheiros tiraram as pranchas e a *chatinha* proseguiu sua derrota.

O sól, todo de fóra, queimava a tolda da embarcação e o mormaço ameaçava-nos um dia de calor intenso...

O Alfinete a Machuca?

A criança chora, esperneando-se no berço, com gritos de dôr. O alfinete de segurança estará, por acaso, a magoal-a?

Não! Seu estomago delicado ingeriu o conteúdo da mammadeira, mas não o tolera. Colicas! Convulsões! Vomitos de leite coalhado.

(Uma colherzinha misturada com o conteúdo da mammadeira, em vez de "agua de cal", evitará coliças e manhas.)

Mãe: Para evitar sustos e mal-estar ao seu filhinho,

LEITE DE MAGNESIA DE Phillips

O antiacido-laxante ideal

EVITE AS IMITAÇÕES!

Ouvidor, 98 — Rio. PAUL J. CHRISTOPH COMPANY S. Bento, 35 — S. Paulo.